

# CONVERSÃO

DO

PIANISTA HERMANN,

*Publicada por J. B. G.*

E VERTIDA EM VULGAR

por

J. M. d. S. M.

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE SILVA

Rua dos Douradores, n.º 31, r.

—  
1855

BIG  
XIX-3  
JBG  
con

**PREÇO 140 RS.**

**O MUNDO  
DO LIVRO**

11-L. da Trindade - 13  
Telef. 36 99 51  
Lisboa



Cap. 850404

# CONVERSÃO

DO

PIANISTA HERMANN,

e Padre Agostinho Maria do Santis-  
simo Sacramento Carmelita  
Descalço;

*Publicada por J. B. G.*

E VERTIDA EM VULGAR

por

J. M. d. S. M.

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE SILVA

Rua dos Douradores, n.º 31, r.

—  
1835

CONVENCIONES

18

CONVENCIONES

de las Cortes de España  
de 1808

de 1808

CONVENCIONES

18

CONVENCIONES

CONVENCIONES

de las Cortes de España

de 1808

CONVENCIONES

## PROLOQUIO DO TRADUCTOR.

Quando tantos homens parecem ter-se dado as mãos para transplantarem a este paiz as maximas e doutrinas deleterias, que na Inglaterra, e na França tem produzido tantas desgraças, e crearam um cancro que lhes corrôe as entranhas, e ameaça de dissolução a sua organização social; e que mais recentemente introduzida no Piemonte e na Hispanha já alli preverteram a formula social, desconceituaram os poderes publicos, generalisaram e estenderam a pobreza, deram á fome e á miseria vastos dominios, d'antes desconhecidos, e levam esses paizes a uma proxima destruição, se a mão de Deus não se appressar em soccorro d'aquellas populações desoladas, ou prevertidas:

Quando vejo o ardor com que ha annos para cá individuos de todas as classes e de talentos diversos, estão todos os dias lançan-

IV

do ao publico producções perigosas, em prosa e em verso; ao mesmo tempo, que espiritos mais acanhados fazem gemer os prelos com immundas traducções de romances tão immundos, immoraes uns, criminosos outros, e todos mentidos, com que se preverte o senso, o coração e a intelligencia do povo:

Quando vejo o que faz contra a sociedade a louca sede de elogios banaes, dados sem consciencia e sem criterio, e talvez para se obterem, mais tarde, outrose guaes, esquecidos mal se acabam de ler: quando vejo o que faz contra a moral publica o torpe desejo de um ganho sordido; sem que uns nem outros curem do mal que causam, e do futuro que a si proprios se preparam, só com a mira n'umas pobres vantagens presentes;

Porque não hei de eu, humilde cidadão, que não ambiciono louvores, que mesmo os temo; que não sou movido por nenhum sentimento menos nobre; que obedeço a um desejo e a uma opinião respeitaveis. . . porque não heide eu vir tambem á imprensa com uma traducçõesinha, que não póde causar males, e póde produzir muitos bens?

Com effeito, no livrinho que offereço ao público, vê-se que são infinitos os meios pelo quaes se apraz Deus a chamar a si



aquelles de que pretende fazer vasos d'elei-  
ções para bem da humanidade ; vê-se o que  
póde a charidade no homem que se *fez tudo*  
*a todos* afim de ganhar almas para o Ceo. Que-  
reis bellas descripções, que não invejem na-  
da ás mais imaginosas e encantadoras dos  
romances modernos? Aqui se acham. Gos-  
taes dos movimentos fortes e arrebatadores,  
traduzidos em linguagem luxuosa e poetica?  
Tambem aqui os sentireis. Desejaes peripe-  
cias, que vos surprehendam e deleitem? Aqui  
vereis lances, que satisfarão os desejos mais  
romanescos: e tudo isto juntamente com uma  
doutrina santa, que sacia a alma com delei-  
tes puros, entornando sobre ella o bálsamo  
saudavel do amor, na sua mais sublime e  
mais pura accepção, assim como no que tem  
de mais harmonioso com a nossa natureza.

Oxalá ésta leitura produza em todos os  
bens que anciosamente, e muito do coração  
deseja

O TRADUCTOR.

vezes a assistir aos progressos da sua obra. E' assim que pela primeira vez, a 7 d'outubro de 1850, pude vêr o joven israelita Hermann, recentemente convertido ao catholicismo, e que acabava de concluir o seu noviciado no convento de Rions, perto de Bordeus.

Esse dia era o da profissão deste pianista tão distincto. Encontrando-o no jardim do convento, depois da cerimonia, dirigi-lhe minhas felicitações, que ouviu córando muito, abaixou os olhos, e prostrou-se por a terra humida e fria — acto de humildade que me causou uma profunda impressão; e desde esse momento, fui arrastado por uma viva curiosidade a estudar ésta milagrosa transformação da graça. Uma correspondencia bastante seguida, e visitas reiteradas que fiz ao convento, me levaram singularmente a dobrar de attenção.

Procurei tornar minhas lembranças mais seguras, mais duraveis, por meio de notas, com alguns fragmentos das cartas do joven religioso, com as palavras que ás vezes lhe escapavam no abandono d'uma conversação d'amigos, e bastantes vezes tambem com as informações colhidas da boca de seus irmãos; depois ajuntei-lhe as narrações feitas diante de mim, no seio de sua familia, em Pariz;

## ADVERTENCIA DO AUCTOR.

Na occasião em que publico a nova edição deste livrinho, devo pôr os leitores na confidencia dos meios pelos quaes pude obter o conhecimento dos factos e das particularidades, algumas vezes intimas, que fazem o assumpto do mesmo. Em consequencia de relações que tomei com um padre hispanhol, exilado da sua patria, em 1839, por ter querido ficar fiel ao que se chamava n'outro tempo, na Vendêa, *a velha Cruz e o velho throno*, fui um pouco mais tarde testemunha da resurreição, em França, da Ordem do Carmelo, que a Providencia concedeu ás orações e aos esforços desta veneravel personagem. ○

Collocado á testa da Ordem pelos religiosos que se lhe vieram reunir, o R. P.<sup>o</sup> Domingos de S. Jose, antigo confessor e pré-gador de D. Carlos, convidou-me frequentes

## VIII

ou por os seus amigos d'outro tempo; emfim, depois que elle viajou pelo Meio Dia exercendo alli o ministerio da predica, foi-me facil recolher interessantes narrações, tanto das gazetas, como das communicações officiosas que me transmittiram as pessoas iniciadas nas suas obras, e na sua familiaridade.

Eis aqui todo o segredo das revelações de que o publico se mostrou tão avido, a ponto d'exgotar em poucos mezes uma primeira edição de tres mil exemplares.

Accrescentarei ainda poucas palavras para responder a algumas susceptibilidades, que se manifestaram talvez muito inconsideradamente. Eu lembrei-me de que, nos antigos dias, um Anjo disse a Tobias, em nome do Deus do Ceo: « *E' bom conservar escondido o segredo do Rei; mas é cousa de honra manifestar e publicar as obras de Deus; é contar todas as suas maravilhas* (Tobias, cap. 12, vv. 7 e 20). » E' verdade que o R. P.<sup>o</sup> Agostinho escrevia ha pouco tempo estas linhas, que mostram se elle gosta de ser elogiado: « *Eu tremo, pensando na terrivel conta que deverei dar um dia da boa opinião que se fórma d'este miseravel e despresivel peccador*: » mas quaesquer que sejam minha afeição e defferencia pela sua pessoa,

julguei poder, sem inconveniente, preferir aos escrupulos de sua humildade, a recommendação das Santas Escripturas, Animou-me tambem a isso a esperanza de levar um grão d'areia para a construcção do novo Carmelo, que vai elevar-se na grande cidade, da memoria da qual ainda se não apagaram os serviços feitos a nossos avós pelos filhos de Santa Thereza, e de S. João da Cruz.



## CONVERSÃO

### DO PIANISTA HERMANN.

« Eu digo portanto: Porventura Deus rejeitou o seu povo? Não, sem duvida, porque eu sou israelita, da raça d'Abraham, e da tribo de Benjamin.

Dico ergo: Numquid Deus repulit populum suum? Absit. Nam et ego Israelita sum, ex semine Abraham, de tribu Benjamin.»

(S. Paul. Epist. aos Rom. cap. XI, v. I)

#### I

#### Nascimento e mocidade d'Hermann.

Que singulares e curiosas combinações se poderiam fazer na historia dos homens e dos acontecimentos deste mundo, onde nenhum ser começa a respirar sem a permissão da Providencia! Assim, pelos fins do decimoquinto seculo, n'uma obscura aldeia de Saxe, a 10 de novembro, uma familia catholica, de que era chefe um pobre trabalhador das minas, regosijava-se com o nascimento d'um menino que devia mais tarde morrer

ceo e terra. Depois de brilhantes estudos religiosos, um dia em que andava passeando, o raio matou a seu lado um de seus amigos. Este successo aterrou-o tanto, que caiu por terra, e tomou a resolução de votar-se a Deus; e de feito, aos vinte dous annos, vestiu o habito na ordem dos agostinianos; aos vinte quatro foi ordenado presbytero; e quando chegou á *idade de Christo* era ja uma das mais elevadas reputações, pelos numerosos triumphos de sua sciencia e de sua palavra. Mas de repente, uma faisca de soberba veio incendiar esta alma ardente e privilegiada; e (ja que tenho de o chamar pelo seu nome) Martinho Lutero não soube resistir á tentação de queimar o que tinha adorado, e o que seus antepassados tinham adorado por espaço de mais de mil e quinhentos annos. Elle accendeu, na obcecção do seu odio, um incendio que, dura ainda, e que retém *nos-  
sos irmãos separados* longe do soberano pontifice, unico reconhecido, na lei nova, como Abrahão na antiga, por *paes de todos os crentes*.

Ora, no mesmo paiz, quasi nas margens do mesmo rio, em Hamburgo, justamente trescentos annos depois que Leão X tinha acabado d'excommuugar o monge rebelde



e casado, que, para me servir das palavras d'um grande orador, tinha sido feito *Christo pela Igreja, e não tinha achado a Igreja bastante pura para elle*; eis que, a 10 de novembro de 1821, na vespera da festa de S. Martinho, nasceu Hermann Cohen, filho de paes israelitas, como para fazer tremmer o mundo. Certamente a boa gente que lhe deu a vida não previa que seu filho, partindo dos mesmos logares que Luthero, faria talvez reflorecer no proprio sóco da guerra suscitada contra Jesus Christo, o culto daquelle que é, e será sempre, joven, sempre rei, sempre Deus.

Nenhuma circumstancia extraordinaria signalou os primeiros annos de Hermann, que somente se mostrava muito amavel, ainda que serio, e muito intelligente; por isso estava sem cessar nos braços de seus paes e dos numerosos empregados do escriptorio de seu pae, banqueiro opulento, e muito apegado à religião hebraica. Um pouco mais tarde, como era dotado de felizes disposições para o estudo, fez, apezar da sua saude delicada, rapidos progressos, principalmente na musica que era ja a paixão de sua juvenildade; aos seis annos tocava no piano todas as arias das operas em voga, e encantava

seus ouvintes por deliciosas inspirações. Estes successos valeram-lhe a alegria de fazer proscrever do salão de sua casa o velho cravo, que foi substituido pelo moderno piano de cauda. Aos nove annos cessou de ir á escola, sem ter recebido nenhuma instrucção religiosa: comtudo aperfeçoou-se no que já sabia, e aos doze annos era mais instruido, do que o são ordinariamente os meninos desta idade. Ignorava-se que carreira se lhe faria abraçar, quando seu pae teve revezes que o obrigaram a abandonar todos os outros cuidados para só attender ao de sua fortuna.

Cada membro da familia ficou portanto senhor de suas acções. A mãe quiz affastar-se dos logares onde tinha vivido esplendidamente, e resolveu partir para Pariz, ésta cidade, rainha do luxo, onde a indigencia pôde mais facilmente occultar-se. Antes disso fez uma viagem a Mecklemburgo, onde o grão-duque ficou, n'um concerto, encantado com o talento extraordinario do musico, e aconselhou-o a que seguisse a carreira musical. Uma tão alta approvação pareceu determinar a escolha d'Hermann; novos triumphos obtidos no Grande Theatro de Francfort o animaram mais, e pouco depois sua mãe o conduzia a Pariz, aonde chegaram a 5 de

junho de 1834. As cartas de recommendação de que eram portadores tendo-os de repente lançado no grande mundo, Hermann ficou vivamente allucinado ao aspecto das maravilhas de todas as sortes que seriam seus olhos; maravilhas que, demasiadas vezes, provocam no espirito da mocidade uma deploravel sobr'excitação, e não deixam que o coração se ponha bastantemente em guarda contra seus perigos. Todos aquelles que o ouviram proclamaram que a tal discipulo só convinha por mestre um Chopin, um Zimmermann, ou um Listz. Este ultimo por quem Hermann declarou desde logo sua preferencia, tomou grande affeição áquelle de quem julgou prever o brilhante destino; e desde então dedicou-lhe uma predilecção muito especial. Eis como elle mesmo pintou ésta epoca de sua vida n'uma correspondencia intima que mais tarde conservou com o Rev. P.<sup>o</sup> Maria-Afonso Ratisbonna, e de que um feliz acontecimento fez-nos mais tarde chegar ás mãos alguns fragmentos:

«Nascido de paes judeus, desde a idade de dez annos fui lançado para a carreira de artista musico; eu tinha apenas completado o meu duodecimo anno que, tendo feito já progressos extraordinarios, pude dar um pri-

meiro concerto público de piano na minha cidade natal. — Ai de mim! Deus permitiu que eu obtivesse uma sorte de triumpho. . . . O successo foi completo, embriagou minha pobre cabeça. Parti para Pariz no anno de 1834; meu talento fez ahi como uma serie de recochetes, e tornei-me em pouco tempo um verdadeiro aborto de celebridade. — *Aminavam-me* nos salões, e principalmente nas sociedades impias; e como se suppoz achar em mim uma comprehensão bastante larga, e facil para a minha idade, tantas vezes m'o disseram, que fui homem antes de o ser, decidindo de tudo em tudo. . . . — Bem depressa pareceram esforçar-se a fazer de mim o bode emissario de todas as horriveis doutrinas que vinham, do fundo do inferno, pullular na superficie deste antro de Pariz. — Atheismo, Pantheismo, Fourierismo, San-simonismo, Communismo, Socialismo, motins, matanças dos ricos, abolição do matrimonio, terror, partilha dos bens, gozo commum de todos os prazercs. . . . ; houve bem depressa lugar para tudo isso n'uma cabeça de quatorze annos; — o mal caminha depressa; — em pouco tempo fui um dos mais zelosos propagandistas das seitas que juraram renovar a face da terra, e,

por consequencia, o Benjamim de mais de um dos prophetas modernos da pretendida civilisação. »

Adivinha-se facilmente o que deveu ser com uma tal estrêa um mancebo, como Hermann, à solta em Pariz, e todo entregué nos fogos d'uma imaginação ardente. Para fallar como Santo Agostinho, com quem devia um dia ter tamanha similhaça, *os espinhos dos desejos impuros elevaram-se acima de sua cabeça, e não havia mão nenhuma para os arrancar* (\*).

Hermann continuou a cultivar a muzica debaixo da direcção de Listz, que não podia separar-se d'elle. O grande artista apresentou o seu favorito ás pessoas mais distinctas de seu conhecimento, e entre outras a George Sand, que logo se apressou a fazer-lhe ler os seus romances. Hermann, como se deveria esperal-o, devorou as produções do auctor de Lélia; sua alma, fraca e sem desconfiança, foi-se todos os dias alterando mais com esta leitura; e sua paixão tornou-se tal que, em quanto fazia seus exercicios de *dedellior*, tinha sempre um romance so-

*Excesserunt caput meum vepres libidinum et*

*Nulla erat eradicans manus. (Confes. lib. II cap. 3.)*

(\*) Excesserunt caput meum vepres libidinum et nulla erat eradicans manus. (Confes. lib. II cap. 3.)

bre a estante do seu piano, o que contristava muito sua mãe, a quem ja nem queria obedecer.

Um dia soube que Listz estava em vesperras de passar á Suissa para alli viver longe do mundo, e entregar-se unicamente á arte que era o idolo e a gloria da sua vida; e logo pediu a seu mestre que o levasse consigo, o que lhe foi concedido. A mãe foi obrigada a segui-o. Pouco depois seguiram para Genebra, onde Listz se occupou activamente da fundação d'um Conservatorio de musica. Entre os numerosos visitantes do solar artistico se achou George Sand que, nas *Cartas d'um viajante* publicadas em 1836, exprime-se nestes termos sobre Listz (Franz) e sobre Hermann, decorado com o nome de Puzzi:

« Eis-nos em Chamouny, a chuva cãe, e a noite engrossa. Eu desço ao acaso na *Union*, que a gente do paiz pronuncia *Oignon*, e desta vez guardo-me bem de me informar do artista europeu pelo seu nome. Conformo-me com as noções do povo esclarecido, que tenho a honra de visitar, e faço uma descripção summaria da personagem. Blusa esticada, cabellos compridos e em desordem, chapeo de feltro amarrotado, grava-

ta enrolada, momentaneamente coxo; esolfejando habitualmente o *Dies iræ* com um ar agradável. — Certamente, Sr., responde o estalajadeiro, elles acabam de chegar; a Sr.<sup>a</sup> está bem cançada, e a menino de muito bom humor. Subi a escada, elles estão no n.º 13. Precipito-me para o n.º 13. . . . O primeiro objecto que se embarçou nas minhas pernas, foi o que o estalajadeiro chama a *menina*. E' Puzzi escarranchado sobre o sacco de noite, e tão mudado, tão crescido, com a cabeça carregada de tão compridos cabellos pretos, a cintura encerrada n'uma blusa tão feminil, que me enganou, e não conhecendo mais Hermannzinho, tiro-lhe o meu chapeo dizendo: «Bello pagem, dize-me onde está Lara.» Arabella apparece, Franz salta-me ao pescoço, Puzzi dá um grito de surpresa. . . . »

Durante um anno, Hermann foi encarregado por Listz da direcção d'uma classe d'alumnos do novo Conservatorio, conjunctamente com outro joven artista allemão, distincto ja, que se chama Schad; depois, quer em Genebra, quer n'outras partes, mais d'uma vez partilhou das ovações de seu mestre. Entretanto foi forçado a voltar só a Pariz; cultivando sempre a musica, não tardou a

ganhar muito dinheiro por meio de lições e de concertos; mas succedeu-lhe como a muitos outros, — gastar mais depressa do que tinha ganho. Sua paixão pelas viagens fez-lhe tentar diversas divagações pela Italia e outros paizes, onde continuou no seu theor de vida. E' a esta epocha que elle allude em notas, que nos foram communicadas, onde dizia: « Sem achar ja deleite nos meus successos, eu possuia todos os vicios, quando, acompanhado de um artista celebre que era simultaneamente meu mestre e meu amigo, percorri com elle a Inglaterra e a Suissa, a Italia e a Allemanha, cada vez mais entusiasta pelas novidades philosophicas, e procurando por toda a parte os successos e os proselytos das doutrinas peçonheatas com que minha adolescencia tinha sido nutrida. Os padres eram para mim como seres antisociaes, e olhava especialmente os frades como monstros que se deviam evitar como os antropophagos. — De volta a Pariz, quem teria podido predizer-me que a divina Providencia tinha o designio de mostrar, em mim, de quão longe pôde chamar uma creatura perdida? Certamente, eu mesmo não o previa. . . . »

Hermann deixou-se pois embriagar, co-



mo tantos outros, com o vinho invisivel d'uma vontade prevertida ; e abandonou-se como ce-go á impetuosidade da corrente dos prazeres erminiosos, e das vaidades do mundo que o arrastrava. . . . .

Elle obedecia a suas paixões, a seus gostos, e mesmo a seus caprichos, com uma facilidade e promptidão que desesperavam sua familia. Assim, deixou Pariz duas ou tres vezes subitamente, no momento em que a fortuna lhe sorria mais, seja para reunir-se a Lizetna Italia, seja para ir fazer representar uma opera de composição sua em Verona, seja para ir á Londres, onde ganhou bastante dinheiro para voltar a Veneza, sua residencia favorita. Cançado de todas éstas viagens, tornou para Pariz; mas aqui, nem nas outras terras, pôde achar o repouso ou a felicidade, incompativeis com os seus habitos.

## II

### **Primeiras aspirações d'Hermann para Deus, e particularida- des da sua conversão.**

Como se quebraram os anneis desta cadeia deploravel, que parecia dever arrastar Hermann até ao fundo do precipicio das paixões? Como uma subita luz vinda do alto devia dissipar as trevas desta existencia desordenada? Aqui os vestigios do joven artista foram-nos mais difficeis de seguir, seja porque as suas ligações funestas lhe faziam evitar a luz, seja porque desde o instante em que a graça tocou sua alma, tomou para divisa ésta antiga fraze, que ao depois não cessou de repetir com amor: *Meu segredo é para mim* (\*). Como quer que fosse, elle nos perdoará hoje termos deixado penetrar o publico na cellasinha, de que ama tanto a obscuridade e o silencio.

(\*) Secretum meum mihi. Isaias, cap. XXIV, v. 16.

Ha dous ou tres annos que o accasô nos fez encontrar em Pariz o Sr. Cavalheiro Asnarez, (antigo diplomata da côrte d'Hispanha, e mais tarde fundador d'um museu artistico hispanhol, muito curioso, na rua Fontaine Saint-George,) o qual tinha sido professor d'Hermann.

« E' no fim de 1843, nos diz elle, se me não engano, que vi pela primeira vez Mr. Hermann; eu dava então lições de lingua hispanhola a muitos mancebos, e elle apresentou-se em minha casa para tambem as tomar. Seu exterior era elegante e muito da moda; seu character impetuoso mas polido; suas maneiras cheias de distincção e de graça. As conversações de meus discipulos, como facilmente se conceberá, assentavam quasi todas sôbre assumptos pouco edificantes; Hermann tomava nellas parte voluntariamente, e, mais d'uma vez, contou sem escrupulo seus triumphos, suas aventuras, suas partidas de prazer com seus amigos. . . . Mas, depois de ter recebido umas quinze lições, e quando estava em via de progresso, porque tinha um gosto decidido para o estudo das linguas, desapareceu de repente. . . .

« Elle morava então na rua de Provence,

n.º 30, mas bem depressa deixou tambem este alojamento. Passaram-se muitos mezes; eu encontrei um de seus amigos, e informei-me das causas deste desaparecimento. O amigo respondeu-me que o meu antigo discipulo tinha sido forçado a fugir e provavelmente a espatriar-se por causa de suas loucas despesas. Durante o resto do anno nenhuma noticia tive d'elle, mas no corrente, ou nos fins de 1847, fiquei muito admirado d'encontrar um dia Mr. Hermann na esquina das ruas Saint-Dominique e Bourgogne. Eu ia para a Igreja de Santa Valeria onde havia exposiçào do Santissimo Sacramento. Meu espanto augmentou ao ver o rosto e o traço deste mancebo. Estava pallido, sua vista mostrava um notavel caracter de modestia; seu vestuario, principalmente, estava bem mudado: ao fraque da moda, ao castor fino e ás botas de polimento tinham succedido um largo casaco, um chapéo de pelucia de abas grandes, e uns botins communs. Chegou-se a mim timidamente, e começou a desculpar-se da divida que tinha contraído para comigo, e accrescentou: Sabeis que sou agora catholico? Não de veras, lhe disse eu com frieza, confesso-o, por suspeitar alguma coisa da sinceridade da sua

confidencia. Pois bem, ajantou elle, se que-  
reis ter a bondade de seguir-me, vou expli-  
car-vos como isso foi. Não julguei dever re-  
cusar, e logo me conduziu á rua de l'Uni-  
versité, se não me engano, a um segundo  
andar. Tinha alli o seu quarto, cuja mobili-  
lia não merecia esse nome, sem que por is-  
so fosse menos digna de notar-se, porque con-  
sistia n'um leito de ferro e uma mui sim-  
ples cama, uma malle, um piano, um San-  
to Christo, uma pequena estatua da Santa  
Virgem, e dous quadrozinhos de Santa The-  
reza, e Santo Agostinho. Vêdes isto, prose-  
guiu elle? agora vou contar-vos em pou-  
cas palayras o maior acontecimento de mi-  
nha vida: é Hermann fallou-me com o aban-  
dono mais persuasivo, pouco mais ou menos  
assim:

« Quando me conhecestes, eu era escravo de todas as intemperanças e de todas as desordens da mocidade, que só me deixavam amarguras. Quâsi arruinado, fui reunir-me a meu pae em Hamburgo; mas indignado com a minha conducta não me quiz ajudar. Então decidi-me a viajar pela Allemanha, onde achei uma magnifica recepção nas grandes familias do paiz. Os concertos que dei foram perfeitamente bem succedidos, e fui

recebido com uma distincção, de que não era digno, na corte de S. A. R. o grão duque de Mecklemburgo-Schwerin. Aqui gastei o dinheiro mais facilmente ou mais depressa ainda do que o tinha ganho. A paixão do jogo concorria para isso terrivelmente; muitas vezes estive a ponto de levar-me ao suicidio, tão horribéis eram os reveses que ella me causava.

« Comtudo regressei a Pariz. Aqui não tardei a recuperar a brilhante posição que tinha ja tido. Tudo foi á medida de meus desejos os mais exaggerados. O bairro Saint-Germain me adoptou; e por ésta adopção tornei-me o favorito, o menino bonito da moda. Todas as fortunas, todas as seducções do mundo apoderaram-se de meu espirito; eu não olhava mais nem para traz, nem para diante, e vivia sem pensar mesmo no dia d'amanhã. Esta existencia tão bella, tão digna d'inveja na opinião de tanta gente, não me deixava o tempo de reflectir, e realmente não me dava senão inquietações; e prolongou-se assim ésta situação até maio do anno passado. Nessa epocha celebrava-se com grande solemnidade o *Mez de Maria* na Igreja de Santa Valeria, rua Bourgogne: os córos de amadores, que alli se tinham formado, exe-

culavam peças d'harmonia ou de canto, que chamavam a multidão. O Sr. principe de la Moskowa que presidia a estes piedozos concertos, e que eu tinha a honra de conhecer, pediu-me um dia que o fosse substituir na direcção dos còros. Accitei, e fui, levado unicamente pelo amor da arte musical e a satisfação de fazer um obsequio. Na Igreja, durante a cerimonia, não senti nada d'extraordinario; mas quando chegou o momento da Benção, ainda que não estivesse disposto a ajoelhar, como o resto da assemblea, senti interiormente uma turbação indefinivel: minha alma aturdida, e distraida pelas agitações do mundo, achou-se a si mesma, para assim dizer, e foi como advertida de que se passava nella um còsa inteiramente desconhecida antes. E sem o saber, mesmo sem participação de minha vontade, fui obrigado a curvar-me. Tendo voltado na sexta feira seguinte, fui impressionado absolutamente da mesma fórma, e ferido pela idéa subita de me fazer catholico.

« Poucos dias depois passei de manhã perto da mesma igreja de Santa Valeria. Estava tocando á missa. Entrei no sanctuario, e assisti ao sacrificio, immovel e com bastante attenção. Ouvei uma, duas, tres missas sem

pensar em sair; e não pôdia comprehendêr o que me retinha. Depois de ter entrado em casa fui involuntariamente levado ao mesmo lugar, á noite; e o som do sino fez-me de novo entrar. O Santissimo Sacramento estava exposto, e apenas o vi, arrastrei-me até á balaustrada da communhão, e caí de joelhos. Desta vez inclinei-me sem esforço, na occasião da Benção, e ao erguer-me senti em todo o meu ser uma dulcissima tranquillidade. Voltei para casa, e deitei-me; mas toda a noite, já dormindo, já acordado, o meu espirito só se occupava do Santissimo Sacramento. Ardia de impaciencia de assistir a mais missas; e d'alli em diante ouvi muitas em Santa Valeria com uma alegria interior que absorvia todas as minhas faculdades.

« Desde então, iustado pela graça, cujos primeiros effeitos me tinham tocado tão inopinadamente, e pela indicação que se me deu, fui procurar a Sr.<sup>a</sup> duqueza de Rauzan e lhe pedi que me dirigisse a um padre. Ella indicou-me o senhor P.<sup>o</sup> Legrand, com os conselhos do qual me tenho achado tão bem, que quero continuar a seguir-os. »

O Sr. Asnarez, contando-nos de cór as palavras d'Heranno, fez-nos observar que a



sua narração podia conter algumas inexac-  
tiddões, mas que o fundo era exactissimo e  
conforme ás confidencias que lhe foram lei-  
tas. Quanto ao mais, o que elle mesmo e  
outras pessoas nos affirmaram, é que pouco  
depois deste encontro, o discipulo pagou ao  
professor, e a todos os seus outros credores.

E' egualmente certo que foi precisamen-  
te quando todas as vantagens da fortuna e  
do mundo lhe eram offerecidas, que Deus  
lhe inspirou a força de as desprezar. Ape-  
zar da revolução de 1818, que tinha com-  
promettido os meios d'existencia dos maio-  
res artistas, neste mesmo anno, Hermann ar-  
ranjou todos os seus negocios, pagando 25  
ou 30<sup>francos</sup> francos, que ganhou com os seus  
concertos e as suas lições. « *E' verdade, es-  
crevia elle um dia, que no dia 1 de janei-  
ro, eu tinha encarregado a S. José de pagar  
todas as minhas dividas.* »

Mas não antecipemos os acontecimentos.  
Tomemos os factos por suas datas, sem te-  
mer que em taes narrações a repetição seja  
inteiramente desprovida d'interesse. Em apoio  
da relação do Sr. Asnarez, temos á vista os  
fragmentos da correspondencia, de que já fal-  
lamos, e que se tinha estabelecido entre Her-  
mann e Maria Affonso Ratisbonna, cuja con-

versão apresenta mais d'uma similitude com a sua. Nós notamos nelles as passagens seguintes:

« N'uma sexta feira do mez de maio do anno de 1847, escrevia Hermann, o Sr. principe de la Moskowa me mandou pedir que lhe fizesse o obsequio de ir substituil-o na direcção do côro d'amadores na igreja de Santa Valeria..... No momento da Benção, eu senti, da primeira vez, uma commoção muito viva, mas que não podia explicar. Na sexta feira seguinte, a mesma sensação me tocou mas ainda mais forte, e senti como um pezo consideravel que, descendo sobre todo o meu corpo, me obrigou a inclinar-me, e mesmo a curvar-me para o chão contra minha vontade. »

Passando a uma epocha posterior, o joven israelita convertido ajuntava isto: « Eu tive occasião de ver a Sr.<sup>a</sup> duqueza de Rauzan, e lhe exprimi o desejo de ter uma conferencia com um padre, para apaziguar a turbacção que fatigava incessantemente o meu espirito depois d'um facto tão extraordinario. — Até então os padres tinham sido para mim monstros de que devia fugir, e não sei como era arrastrado por uma força irresistivel a procurar um. Mas o demonio ain-

da não estava vencido. Os concertos, as partidas de prazer, as festas animadas vieram de novo assaltar-me; eu não lhes resisti, porque não tinha força para me defender depois de minhas primeiras quedas. — Entretanto aconteceu que tive uma conferencia com o Sr. Padre Legrand, promotor da archidiocese de Pariz (\*). Eu contei-lhe o que se tinha passado; pareceu tomar interesse nisso, e fez-me presente d'uma exposição da Doutrina Christã de Lhomond. Pouco depois de ter começado ésta leitura, veio-me ao pensamento ir á missa, e não tardei a assistir a ella todos os domingos.

« Pela mesma epocha fui dar um concerto a Ems, na Allemanha. Durante a minha residencia nesta cidade, o respeito humano, em companhia de meus amigos, não me reteve; desde o primeiro domingo (8 d'agosto de 1847) recebi o dom d'uma contricção sobrenatural. Eis aqui como. Fui á missa: as ceremonias captivaram, como sempre, a minha attenção; mas pouco a pouco as orações do Santissimo Sacramento, os cantos, a presença (invisivel e contudo sentida por

(\*) Hoje Parocho de Saint-Germain l'Auxerrois.

mim) d'um poder sobre humano começaram a agitar-me, a perturbar-me, a fazer-me tremer; n'uma palayra, a *graça divina houve por bem cair sobre mim com toda a sua força*. No momento da elevação, sinto de repente rebentar atravez de minhas palpebras um diluvio de lagrimas que não cessavam de correr com voluptuosa abundancia ao longo de minhas faces inflammadas . . . O' momento feliz! ó momento sempre memoravel para a salvação da minha alma! . . . tu não cessaste ainda d'estar presente ao meu espirito com todas as seducções celestes, que me fazias vir do alto! . . . Hoje mesmo, eu invoco com ardor o Deus Omnipotente e Misericordioso afim de que elle me conceda, que a deliciosa lembrança de tua belleza fique eternamente gravada no meu coração, com as marcas indeleveis d'uma fé a toda a próva, e d'um agradecimento proporcionado aos beneficios de que se dignou cumullar-me! . . . Sem duvida eu senti o que Santo Agostinho deveu sentir no seu jardim de Cassiacum, no instante em que ouviu o famoso *tolle, lege* (toma, lê), o que vós meu charo P.<sup>o</sup>, devestes sentir na igreja de Roma, a 20 de janeiro de 1842, quando a Santissima Virgem se dignou d'appare-

cer-vos. — Lembra-me de ter chorado na minha infancia, mas nunca, não, nunca, me tinham sido conhecidas semelhantes lagrimas; em quanto dellas estava inundado, senti surgir do mais intimo do meu peito lacerado pela consciencia os remorsos mais pungentes de toda a minha vida passada. . . . De repente, e, por acto espontaneo, como por intuição, puz-me a offerecer a Deus uma confissão geral, interior e rapida, de todas as minhas enormes culpas desde a minha juvenildade; eu as via, expostas diante de mim aos milhares, hediondas, repulsivas, revoltantes, merecendo toda a colera do juiz de justiça. . . . E cômto tambem senti, por um socco desconhecido, que veio logo derramar seu balsamo consolador sobre minha alma, que o Deus de misericordia m'os perdoaria, que elle desviaria os olhos de meus crimes, que teria piedade de minha sincera contrição, de minha dôr amarga, de meu profundo arrependimento. . . . Sim, eu senti que elle me perdoava, e que accitava em expiação uma firme resolução de o amar sobre todas as cousas, e de me converter a elle d'alli em diante. . . . Ao sair desta igreja de Ems eu já era christão. . . . oh! tão christão, como é possivel sel-o emquanto se

não tem recebido o santo baptismo. . . . »

Hermann, dominado pela graça, voltou a Pariz: « Uma senhora, com um elevado cargo na cõrte e que era muito piedosa (escrevia elle n'outra carta), apercebeu-se e mais seu marido de minha ventura; ella me disse, depois de me ter ouvido, que eu devia attribuir todas as graças preciosas que tinham descido sobre mim á intercessão da Santissima Virgem Maria; e accrescentou que eu devia consagrar-lhe um culto particular, dando-me uma imagem da bemaventurada Assumpção.

« Depois deste dia, todos os passos que tive a ventura de dar no caminho de Christo (e que são bem grandes se olho para traz), sim, todos esses passos, todos esses progressos, devo-os á nossa Mãe commum, a ésta boa e Santa Virgem, o refugio dos peccadores, que tenho, todos os dias, implorado com fervor e oõfiança.

### III

#### **Baptismo, Primeira Communhão, e Confirmação de Hermann.**

Foi a 28 d'agosto do mesmo anno de 1847, dia de sabbado e da festa de *Santo Agostinho*, que teve logar a cerimonia do baptismo de Hermann, que tão ardentemente o desejava. Tinha-se preparado para o receber por um estudo sério das verdades da fe, e por um retiro muito edificante. Teve por padrinho o Sr. Gouraud, medico, e por madrinha a Sr.<sup>a</sup> duqueza de Rauzan, ambos distinctos por sua piedade tão esclarecida como fervente. O baptismo foi administrado pelo Sr. P.<sup>o</sup> Legrand, na capella de Nossa Senhora de Sião, rua du Regard, n.<sup>o</sup> 11. Quanto deveu ser pathetica a administração deste sacramento n'um tal sanctuario, e no meio d'um rebanho tão admiravel como seu proprio pastor! Nós visitamos, a 26 d'outubro de 1851, esta capella realmente milagrosa, e comprehendemos como a mão de

Deus tinha aberto as suas portas a um judeu, destinado a vir a ser um dia um de seus mais dignos ministros. Achavam-se alli reunidos o Sr. P.<sup>o</sup> Maria-Theodoro Ratisbonna, presbytero-director, um certo numero de religiosas que tomaram o véu ha poucos annos, e umas cem meninas pensionistas, subjugadas pela graça, ou admittidas pela charidade; e toda ésta familia catholica, todos estes corações que palpitam d'amor por Jesus e Maria, debaixo deste tecto bemdito do Ceo, todas éstas pessoas, desde o chefe até á mais pobre orfã que elle chama sua filha, sentiram, como Hermann, os effeitos da misericordia divina, depois terem sido israelitas.

Tambem, assistindo á missa no mesmo domingo, que era o 20.<sup>o</sup> depois do Pentecostes, e ouvindo o Sr. P.<sup>o</sup> Ratisbonna explicar com uma simplicidade perfeita ésta passagem do Evangelho: « *Dixit ergo Jesus: Nisi signa et prodigia videritis non creditis: Jesus disse: Se não vedes prodigios e milagres não crêdes,* » não podemos deixar de abençoar o poder de Jesus, como fez n'outro tempo o official, cujo filho enfermo em Capharnaum, foi subitamente curado. Durante o santo sacrificio estavamos com-



movidos até chorar, por este concerto de vozes angelicas, cantando em psalmodia, canticos graves e doces, misturados aos sons melancholicos do *harmonium*, tocado por uma destas santas donzellas.

E' neste logar que Hermann foi baptisado. Deixemol-o contar como recebeu ésta nova vida, e foi assim feito filho de Deus e da Igreja. Eis as suas proprias palavras, que são egualmente extrahidas de sua correspondencia, em agosto de 1847: « Quereis ser baptisado? — Sim, quero. (Sim, vós sabeis, Senhor, se o desejo e com ardor, e quanto me tarda ser vosso! . . . .) — Então prostrai-vos, cai de joelhos! . . . — A terra desaparece; o padre tendo a concha da agua santa na mão, não é mais um homem. Deus prometteu descer neste momento e tomar posse! . . . E, com effeito, emquanto o padre espalha com tres signaes da Cruz, a agua santa sobre a minha cabeça, proclamando solememente que me baptisa em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo; com a invocação da bemaventurada Maria, de Santo Agostinho e de Santo Henrique, eis que de repente o meu corpo estremece com uma sensação nervosa muito semelhante á que se seute quando tocamos

uma machina electrica d'uma grande força... Os olhos do corpo fecham-se;..... no mesmo instante os da alma christã, que acaba de nascer em mim, abrem-se a uma claridade mais que humana: ésta claridade espalha-se por todo o meu ser; Deus Espirito Santo, como para sellar sua promessa, desce do alto dos Ceos sobre mim, toma-me pela mão e mostra ás minhas vistas arrobadas em extasis, dirigindo-as para o altar, o que nunca um ser finito poderá comprehender!... o Infinito!!

« Sim, eu vi (com os olhos do corpo fechados, mas com os de minha alma dilatados de satisfação), eu vi uma *claridade* immensa, sem fim, um espaço sem limites, por onde minha vista pairava, mergulhava sempre mais longe... e nunca encontrava obstaculo... e por toda a parte myriades de cabeças de anjos, d'uma belleza raphaelica, cercados de nuvens argenteadas, cantavam hymnos d'um encanto ineffavel, mais bellos, e mais arrebatadores, que nunca ouvia orelha humano semelhantes!... e cherubins sacudiam perfumes admiraveis!... e um doce calor me penetrava!... e meus olhos, apesar da allucinadora luz que radiava por toda a parte, não se cançavam de mer-

gular nestes raios!... e, no meio, reinava uma luz ainda mais resplandecente de brancura!... lá, havia um throno glorioso; e, sôbre este throno, estava assentado, tendo á sua mão direita sua divina Mãe muito amada, Nosso SENHOR JESUS CHRISTO, bello d'uma eterna mocidade!!... e a seus pés, em derredor, o exercito dos Santos vestidos com as mais resplandecentes cores do arco-iris. Estes Santos estavam prostrados aos pés do throno... Elles adoravam! e entretanto, ao mesmo tempo, voltavam para mim seus olhos cheios d'um doce sorriso de benevolencia... e todo o Céo e seus habitantes pareciam regosijar-se com o meu baptismo, como se uma pobre alminha de peccador, resgatada, pudesse ter um peso qualquer na balança da eternidade! Ah! meu bom padre (continuava a escrever Hermann ao P.<sup>o</sup> Maria Affonso Ratisbonna) como ousei attrever-me a querer pintar o que vi!... Na verdade, eu deveria rasgar este papel sôbre o qual vos escrevo, porque não contém uma só imagem que se approxime somente da realidade que me appareceu!... Sim, eu vi o Paraizo da Igreja triumphante!!... Não, isto não era uma visão, era uma apparição;

sim, Deus permittiu que eu, miseravel bicho da terra, fosse admittido, para uma graça a que não acho nome, a conceber ou entrever por um instante o que apenas ouso recordar. . . . . Vossa bella alma ascetica supprirá pela imaginação o que exprimo aqui tão mal. Ella me comprehenderá antes por intuição, que por minha descripção fraca e descórada. . . . ella me comprehenderá em Deus, assim como nos amamos em Jesus Christo! . . . Sim, eu o sinto, Deus não abandonna aos que são d'elle! . . . . . eu gozo de uma doce paz em todo o meu ser; meu espirito está repousado; estou como um filhinho no regaço de sua mãe. Não quero, e não receio mais nada para mim; deixo-me voltar para todos os lados. Não me afflijo com o que os outros supporão de mim. Faço, neste momento, todas as minhas acções o melhor que posso, com uma attenção doce, livre e alegre, e abandonno-me a Deus para o successo. Não me julgo mais a mim; não temo mais ser julgado. Nada mais de vans inquietações. . . . . »

Estas ultimas palavras traçadas immediatamente depois do baptismo d'Hermann, indicam que ja não pertencia mais ao mundo. D'aqui em diante não devia ter outra

divisa senão a que se acha no alto de todas as suas cartas: « *Tudo por Jesus.* »

Do estado de cathecumeno, Hermann passou hem depressa àquelle que devia permitir-lhe saborear, em logar do manná descido do Ceo para seus antepassados israelitas, o verdadeiro pão dos anjos contido em Jesus Christo. Impaciente por este festim do Cordeiro divino, tinha assistido, pouco tempo antes do seu baptismo, ao de quatro judeus na capella de N. Senhora de Sião, e tinha-se feito uma extrema violencia para não se lançar, atravez da multidão, a pedir em altos gritos ser baptisado com elles; mas assim que obteve ésta primeira graça, seu ardor augmentou. « Quando os fieis vão commungar, escrevia elle nesse tempo, as minhas lagrimas trashedam de novo; não são mais lagrimas doces, mas ardentes, amargas; lagrimas de desolação causadas pelo pezar de não ser admittido, eu tambem, à Santa Meza! . . . e hoje que vos escrevo, não tendo ainda tido a consolação de fazer a minha primeira communhão, não posso assistir a este momento supremo, sem chorar sobre ésta privação que me faz morrer! . . . »

« Depois do meu baptismo, acrescentava

elle n'outra parte, fui enriquecido todos os dias pelo Senhor com bastantes doçuras, com bastantes consolações e favores celestes! Tenho muitas vezes nadado n'uma abundancia de delicias espirituaes! . . . O momento de poder viver para Deus, dizia elle em fim frequentemente, será para mim o que é o Ceo para o genero humano, o que é para o rei decahido a restauração de seu throno, o que é para o viajante queimado pela sêde uma fonte fresca e limpida! . . . O' cara sciencia de Jesus, que eu morra como Agostinho, para tudo o que não for vós! . . . . .»

Entretanto apenas se tinham passado dez dias, e o servente neophito viu chegar com uma indizivel alegria a festa da Natividade da Santissima Virgem, a 8 de settembro. Pela primeira vez, então, participou do banquete sagrado e recebeu ao mesmo o *escapulario* (Singular predicção de sua vocação para o Carmelo!). O que se passou nesta alma no instante em que foi estreitamente unida a Jesus-Christo? Temos ouvido dizer que as feições do joven commungante revestiram de repente uma expressão sobrenatural que feriu vivamente os assistentes; mas seus labios constantemente se recusaram a

articular uma só palavra sobre o que tinha sentido.

A 2 de dezembro do mesmo anno de 1847, dia da festa de S. Francisco Xavier, na capella particular do palacio archiepiscopal de Pariz, Monsenhor Affre conferiu o Sacramento da confirmação ao novo filho da Igreja, o que lhe fez acrescentar a seus nomes de baptismo o de Xavier. Desde então achou-se, pela graça sanctificante, em plena possessão dos dons do Espirito Santo marcados pelo propheta Isaias (\*), que são como se sabe: a *Sabedoria*, o *Entendimento*, o *Conselho*, a *Fortaleza*, a *Sciencia*, a *Piedade* e o *Temor de Deus*. Ver-se-ha bem depressa como estes dons fructificaram felizmente, e com que tocante e fiel simplicidade, Hermann, ja christão, soube desprender-se do mundo depois de lhe ter conhecido as seducções; comprehender e penetrar as verdades e os misterios da Religião que tinha ignorado por mais de vinte cinco annos, sem ao menos ter ouvido fallar nelles; escolher o que deve contribuir mais á gloria de Deus, preferindo a estreita obscuridade d'uma cel-

(\*) Cap. XI, v. 2 e 3.

la á capital, que tinha sido o theatro de seus triumphos; elevar-se corajosamente sobre todos os obstaculos á sua salvação, e para isso não temer as mortificações, nem as viagens, nem o abandonno de seus paes, nem as austeridades do regimen d'uma das ordens, mais rigorosas; discernir o emprego que devia fazer de seu talento e de suas qualidades naturaes, em lugar de enriquecer-se por meio de concertos profanos, e não dar mais a suas producções musicaes senão titulos como estes; *Gloria a Maria! Amor a Jesus! . . . .*; apresentar-se com prazer e com ardor para tudo o que é do serviço de Deus, e não ter até á morte outra vontade senão a de seu superior, que olha como Deus mesmo; e finalmente ter pelo Senhor um respeito misturado de amor, e prostrado diante do tabernaculo passar sua vida a exclamar com santo enthusiasmo: « *Eu o achei, o bem que amo! elle é meu, eu o possuo, que m'o venham tirar!* »

A confirmação de Hermann por Monseñhor Affre deveu ser uma das ultimas dadas pelo valoroso prelado que tão eroicamente affrontou a morte nas barricadas para suspender a effusão de sangue de suas ovelhas; com effeito ésta morte, verdadeiro martyrio,



têve lugar a 27 de junho de 1848, anno em que se declarou a vocação religiosa d'aquelle que até então tinha sido um fervente christão.



#### IV

#### **Funda Hermann a adoração nocturna do Santissimo Sacramento.**

Eis como no mez de settembro seguinte veio ao joven Israelita convertido o primeiro pensamento da adoração nocturna do Santissimo Sacramento, na capella das Carmelitas, rua de l'Enfer. Contaram-nos que uma noite, estando exposto o Santissimo Sacramento, ficou absorvido até tão tarde a orar, nesta capella, que uma freira conversa veio advertil-o que era necessario retirar-se. « De muito boa vontade, disse elle, mas depois da bênção. — Hoje não ha bênção, respondeu a religiosa. — Então eu sairei quando saírem igualmente as meninas que estão ven-

do. — Mas, accrescentou a freira, só mulheres podem aqui ficar de noite. . . » Hermann obedeceu com desgosto, e desde o dia seguinte, desejoso de fazer que os homens também participassem desta guarda d'honra ao Rei dos reis, visitou muitas igrejas de Pariz, dirigiu-se aos mancebos que achou em orações, propoz-lhes de os alistar nesta piedosa milicia, e lançou assim os alicerses desta associação tão edificante. A 6 de dezembro de 1848, os jovens adoradores leigos passaram a primeira noite diante do adoravel Sacramento exposto sobre o altar da Igreja de Nossa Senhora das Victorias. Immediatamente depois, um dos mais zelozos, o Sr. Carlos Letellier, tornado depois mais celebre por suas austeridades na ordem de S. Francisco, partiu para Ruão e outras cidades, levando consigo regulamentos impressos. Com a assistencia e os cuidados ferventes de alguns confrades piedosos, deu os primeiros desenvolvimentos a ésta obra, nova em França; porque em Roma existe e florece ha perto de cincoenta annos, ainda que com outra fórma.

— A mesma adoração, em Pariz, foi primeiro regularmente estabelecida por Monsenhor Sibour, e um pouco mais tarde espalhou-se

por Tours, Bordeus e muitas outras cidades, de tal sorte que hoje, mais de trinta associações fundadas ou dirigidas debaixo dos auspícios d'Hermann, deram a ésta augusta cerimonia um character d'universalidade e de perpetuidade, que não póde deixar de regosijar profundamente aos amigos da Religião. Quem quer que teve a ventura d'assistir a uma destas adorações não poderá certamente esquecer-se disso em toda a sua vida.

Figure-se, com effeito, uma reunião d'homens, velhos, e moços, de todas as classes, mesmo soldados e officiaes, confundidos de joelhos diante do altar do Deus vivo, com os olhos fitos no Sol de justiça, tendo o coração cheio de alegria e de doçura, e palavras de amor sobre os labios, em quanto que, talvez, no mesmo instante, como tem muitas vezes acontecido, os fautores da orgia passam em chusma pela rua, e uivam a blasphemia inspirada pelos logares que acabam de visitar. Ah! ja a recompensa e o castigo chegaram para todos, porque uns repetem baixinho as palavras do apostolo sobre o Thabor: « *E' bom ficarmos aqui;* » e os outros trahem por seus gritos agudos e selvagens, as agitações de sua consciencia, e o horror do futuro que os espera. Hermann recor-

dou a feliz inspiração que lhe fez crear a adoração do Santissimo Sacramento, quando escreveu na dedicação dos Canticos, que compoz em honra da divina eucharistia:

« O' Sacramento adoravel, fonte embriagante onde meus labios sequiosos bebem a longos tragos as primicias da vida eterna! Meu coração trsborda de alegria. . . . elle tem necessidade de vos abençoar e de dizer vossos louvores em hymnos de alegria e d'acção de graças; porpue eu sei que meus irmãos de Pariz gosam agora d'uma ventura ineffavel: todos os dias elles vos vêem abrir a porta da vossa prisão d'amor para vos expordes a suas vistas surprehendidas, e offercerdes á sua adoração perpetua!

« E os sinos da capital se agitam para vos annunciar; e as procissões despregam suas bandeiras para vos conduzir em triumpho; e o primeiro pastor estabelece nas igrejas, onde se vos vai adorar, um culto solemne e magnifico. . . .

« Elle convida os christãos a ornar vossos altares; chama vossos filhos a virem cantarvos hymnos e canticos; elle preside em pessoa a ésta festa admiravel que se perpetúa de sanctuario em sanctuario, festa que não tem amanhã, e preludia assim a essa adoração

eterna que deve fazer a felicidade de vossos  
predestinados coroados nos Ceos. . . . .

« Emfim, como se assistissemos a uma re-  
surreição dos primeiros seculos de nossa Igre-  
ja, e para pôr o cumulo á ternura de seu  
rebanho querido, o augusto e piedoso arce-  
bispo institue para cada um dos tres dias  
uma communhão geral. . . . .

« A ésta noticia, ó meu Deus, meu peito  
se dilata; lagrimas d'alegria molham minhas  
palpebras, e meu pensamento se transporta  
a esses vestibulos affortunados, onde a turba  
de vossos filhos queridos vem receber avida-  
mente ao pe de vosso tabernaculo *o pão des-  
cido do Ceo, o pinhor de nossa immortali-  
dade!* Que triumpho para a Fé! . . . que  
feliz agouro para a França! . . . Não, ó  
meu Deus, Deus de bondade, Pae das mise-  
ricordias, vós não deixareis perecer um paiz,  
onde so vos dão testemunhos tão ferventes  
d'uma santa dilecção, onde tantas almas  
vão purpurear-se com o vosso sangue para  
a salvação do mundo! Abençoai estes nu-  
merosos e fieis amigos que se aggregam em  
roda de vossos santos altares, abrazaí-os mais  
e mais *neste fogo que viestes trazer á terra,*  
torrentes do qual brotam perennemente de  
vossa Hostia d'amor. » Depois de ter pago este

tributo d'acção de graças a Monsenhor de Sibour por sua instituição da Adoração perpetua do Santissimo Sacramento, Hermann, lançando um olhar retrospectivo sobre sua propria vida, exprime-se assim na mesma obra :

« O' Jesus adorado, eu devo misturar meus cantos aos hymnos de Pariz ! porque é na grande cidade, e occulto debaixo dos véos eucharisticos, que vós me descobristes as verdades eternas ; — e o primeiro mysterio que revelastes a meu coração, foi o da vossa presença real no Santissimo Sacramento.

« Não queria eu, ainda judeu, lançar-me á Santa Meza para vos trazer no meu coração ainda turbado ? — E se eu pedi o baptismo com tanta instancia, não era principalmente para me unir a vós ? — Inquieto, suspirando por este bello dia de minha vida, chorava d'inveja quando via alguém commungar. Eu devorava com os olhos esta Particula, onde vosso amor pelos homens aprisiona um Deus infinito ! . . .

« O que fizestes então para me consolar d'uma dolorosa espera, não posso dizel-o aqui : *Secretum meum mihi.*

« Emfim admittido a este banquete dos Ceos, tirei d'elle uma força desconhecida contra mim mesmo. Esta carne divina me

transformou n'um homem novo: este talisman me preservou dos assaltos d'um mundo tentador; este thesouro me desapegou de tudo o que, n'outro tempo, me subjugava como senhor.

« Uma sêde sempre mais intensa me impellia para *ésta fonte d'agua viva*; sentindo-me devorado por *este fromento dos eleitos*, d'uma fome insaciavel.

« Para vos contemplar á vontade, as horas do dia corriam com muita velocidade; chamei a mim christãos devorados do mesmo fogo; e iamnos passar as noites em vossas igrejas. . . . Um santo padre nos guiava. A' noite, sua mão expunha-vos sobre o altar. . . . e a aurora encontrava-nos ajoelhados ainda diante de vosso esplendor. . . . »

« Noites indisiveis! *que minha lingua se pegue a meu paladar, e que minha mão se paralyse, se jamais vos esqueço!*. . . . Nestas noites celestes, ó meu Jesus, vós me chamaveis a vós por um attractivo tão poderoso, por um encanto tão doce, tão terno e tão amavel, que se quebrou o ultimo fio entre mim e o mundo, e eu corri, para longe das cidades, a lançar-me nos vossos braços, para viver para vós, todo, sempre, e sem partilha. . . . »

**V**  
**Vocação d'Hermann para o Carmelo, suas provas, seu noviciado. Faz uma viagem a Roma. Volta para o convento do Broussey, onde toma o habito. Visita de sua mãe, sua profissão, ordenação, e votos.**

A resolução de se consagrar a Deus no sacerdócio tinha precedido a epocha do baptismo d'Hermann em 1847; mas sua vocação religiosa só se declarou em 1848, no tempo em que, absorvido por seus actos de adoração, se levantava todas as noites, à meia-noite, para meditar diante do Santíssimo Sacramento. No fim do mesmo anno os tres jovens-funcionarios directores desta religiosa pratica concertaram-se para irem viver em commum com uma regra; e no ultimo sabbado antes da quaresma de 1849 (17 de fevereiro), deixaram o mundo para não apparecerem mais nelle. Hermann, um delles, fez um retiro desde o dia da Ascensão até ao Pentecostes. Foi durante este retiro, que,



lendo a vida de S. João da Cruz, e alem disso por outras mysteriosas circumstancias sobre as quaes parece ter sempre evitado explicar-se, um desejo irresistivel o arrastrou para o Carmelo. Desde que ésta escolha foilhe inspirada como sendo a vontade de Deus, encontrou accidentalmente, em Pariz, um religioso da Ordem dos carmelitas descalços, estabelecido em Agen ha alguns mezes. O que por elle soube desta fundação fez-lhe desejar com mais ardor ainda conhecê-la, ou melhor, pertencer-lhe. Confiou este seu pensamento a seu director, o Reverendo Padre Bertholon, presbytero da communidade dos Maristas, na casa dos quaes residiu algum tempo. Este julgou dever contrariar, ao principio, ésta vocação; mas teve depois de ceder, e o feliz neophito fez seus preparativos de partida para Agen.

Ha nesta cidade um convento com a invocação de N. Senhora do Monte do Carmo e da seraphica virgem Santa Thereza: deu-se-lhe o nome de *Eremiterio*. Está situado ao norte da cidade, no cume de um outeiro escarpado, e quasi todo formado de rochas esbranquiçadas. Abi veem-se ainda as grutas em que se tinham refugiado S. Caprasio, S. Vicente, e a joveu virgem Santa Foy. O

martyrologio romano conta, no que é relativo ao primeiro santo, que tendo-se escondido n'uma destas grutas, e tendo sido testemunha da constancia com que Santa Foy supportou as torturas e a morte por Jesus-Christo, supplicou ao Senhor que lhe revelasse se era digna do martyrio, fazendo rebentar uma agua limpida do sólo pedregoso deste retiro; e que, repuxando logo a agua, S. Caprasio foi ter com os algozes e expirou contente pela gloria de Deus. Desde ésta epocha, vai-se piedosamente ao cume do Eremiterio em romaria á fonte, cujas aguas conservaram sua primitiva limpidez.

Hermann, tendo sahido de Pariz a 16 de julho de 1849, dia da festa de N. Senhora do Monte do Carmo, foi bater á porta do convento onde era desconhecido. Fez humildemente sua entrada na Capella, a 19 de julho, jubiloso por poder assistir ás primeiras vespersas do propheta Elias, considerado como verdadeiro fundador da ordem do Carmelo. Elle sentiu no fundo de sua alma uma voz que o advertiu de que era realmente alli que o esperava o Senhor. Auctorisado pelo Reverendo Padre Superior, a fazer um retiro que durou dezasete dias, obteve depois do mesmo religioso o favor

d'entrar no noviciado de Brousey estabelecido na communa de Rions perto de Bordeaux, e do qual teremos bem depressa occasião de fallar. Ahi se dirigiu, e passou perto d'um mez nesta residencia. De 6 de agosto a 3 de setembro, encerrado em uma cela, meditou sobre a sua vocação, e declarou que perseverava nella; mas para se preparar a receber o habito, era necessaria uma auctorisação de Roma, e ésta auctorisação foi objecto de um pedido que não tardou a ser seguido d'uma recusa; provavelmente motivada pelo genero de vida que tinha tido n'outro tempo o postulante, e o pouco tempo que tinha mediado entre a epocha em que era judeu. Os homens do mundo, que fallam e decidem de tudo as mais das vezes sem saber nada, e que para se justificarem a seus proprios olhos, parecem sentir a necessidade de sustentar ou de erer que no claustro não se é menos escravo, ou mais liberto das paixões, do que em qualquer outro logar, imaginam que alli se refugiam os grandes peccadores, e que não ha muito escrupulo em os admittir. E' isso um erro, e ao mesmo tempo uma injustiça. Sem duvida mais d'uma vez as portas destas santas habitações poderam abrir-se diante dos homens apaixonados,

que não achavam na vida social mais nada que lhes conviesse, ou que achando-se, depois de dias tempestuosos, ás bordas de um tumulto, com o suicidio para os arrojarem a elle, e a imagem de um Deus vingador para os obrigar a fugir delle, tinham voltado atraz; mas esses nunca foram recebidos sem severas informações sobre o seu passado, e sem provas muito sérias. Acontece então que, como S. Jeronimo e Santo Agostinho, elles extraem suas ultimas forças de suas primeiras fraquezas, regeneram-se, são curados, e tornam-se dignos do respeito dos homens e dos favores do Ceo.

Hermann sentiu uma viva contrariedade com a resposta desfavoravel de Roma, mas não desanimou. Ouvia com humildade e resignação a sentença que lhe era notificada, abraçou aquelles que já tinha chamado seus paes e seus irmãos, e no mesmo dia, 3 de settembro, partiu de Brousey para Roma com a resolução de ir pessoalmente apresentar sua supplica ao Santo Padre, ou ao geral dos carmelitas. Dias depois chegou a Marselha, e embarcou logo, nos infimos logares do barco de vapor que devia transportal-o a Civita-Vecchia. Durante a viagem, apesar do cuidado que tinha tido de ficar

confundido na multidão dos passageiros mais humildes, e de trocar seus vestidos pelos de um homem do povo, foi reconhecido por alguns de seus companheiros de viagem dos primeiros logares, e obrigado a tocar durante a quarentena de arribada em Genova. Fizeram-se muitas tentativas para o levar a entrar de novo no mundo e dar concertos em Roma; mas a graça foi superior ás seducções.

Chegou á cidade eterna, a 14 de settembro, precisamente na vespera do dia em que deviam reunir-se em conselho, ou *definitorio geral* os officiaes superiores da ordem dos carmelitas. Hermann dirigiu-se, sem demora, directamente ao geral; expoz com simplicidade os motivos da viagem que tinha emprendido — o conselho deliberou a esse respeito, e desde o principio da sessão do *definitorio* concedeu-se unanimemente a dispensa com tanto ardor desejada pelo neophito, abrasado por se despojar inteiramente do velho homem.

Hermann voltou a toda a pressa triumphante, e comtudo tambem cheio de temor. Apresentou-se de novo á porta do convento de Brousey, berço da resurreição da ordem dos carmelitas descalços, em França, no anno

de 1840. Esta fundação, umas das mais pittorescas e das mais tranquillias que possa escolher a alma que deseja meditar em Deus e na eternidade, está a 8 leguas de Bordeus, situada no cume de uma encosta escarpada, solitaria, rodeada de terrenos accidentados, bem cultivados e d'um aspecto muito agradável. Vindo de Rions, apercebe-se de bastante longe, á direita e a uma certa distancia, as ruinas do antigo castello de Benauge, levantado ou restaurado em parte por os Srs. Pourmann, proprietarios actuaes; depois, na frente, algumas raras habitações de paisanos e o convento do Carmelo (\*).

(\*) Um Santo Sacerdote, Estevão Pedro Guesneau, natural de Angers, veio estabelecer-se em Rions, no anno de 1829; foi nomeado parochio da freguezia de Cardan, e comprou a propriedade de Brousey. Tendo concebido o pensamento de fundar alli uma communitade religiosa, antes de morrer, encontrou em Bordeus o Padre Domingos, que tinha acompanhado D. Carlos a esta cidade. Era uma Quinta Feira Santa, a 16 de Abril. Ambos se entenderam apenas se fallaram; o Padre Domingos partiu em Junho para Roma afim de obter a suetotização ordinaria; o Padre Guesneau converteu o solar em convento, com capella e cellas. A 19 de Março do anno seguinte, dia de S. José, um sobrinho do pastor de Cardan veio a Bordeus buscar o Padre Domingos e mais dous religiosos; dezannove dias depois, a 8 d'Abril, teve logar a installação, expondo-se neste dia pela primeira vez o Santissimo Sacramento á adoração

E' ali que vivem na oração, a meditação e o estudo, uns vinte religiosos, que tiveram quasi todos um logar mais ou menos distincto na alta sociedade d'Hispanha, ou da França. Sua grande occupação é callarem-se: procurando na sua cella a separação e o silencio, não tardam a achar a Deus alli; o que faz com que, quando se lhes pede conta de sua vida, respondem com uma simples palavra, como fez n'outro tempo S. Paulino

dos fleis, um muito grande concurso dos quaes veio para esse fim dos povos convizinhos; e quando á noite se retiraram, o Padre Guesneau, que estava doente e de cama, pediu que o ajudassem a erguer-se para ir tambem fazer a sua adoração; mas apenas entrava na capella, caiu desfallecido subitamente, e poucos momentos depois exhalou o ultimo suspiro. Seus despojos mortaes foram provisoriamente enterrados no meio do recinto bento; e alguns annos depois fez-se a sua trasladação em grande cerimonia para um pequeno jardim do interior. Observou-se então com admiração uma cousa bastante extraordinaria: bem que o resto do corpo tivesse soffrido uma dissolução quasi completa, o cerebro tinha-se conservado cheio, intacto, são, como se a morte não o tivesse locado. Concede-se facilmente que em consequencia de todas estas particularidades, a memoria do bom parochy Guesneau esteja em grande veneração entre os Carmelitas do Broussay. Accrescemos a estas informações que a Sr.<sup>a</sup> de Saint-Exupéry, Madre Bathilde do Meisno Jesus, priora das Carmelitas de Bordens, tomou uma grande parte na fundação do novo Carmelo, e que S. Eminencia o Cardeal Donnet, estão Arcebispo, concedeu-lhe a sua alta protecção.

a seu amigo S. Severo Sulpicio: *Silemus*; *Callamos-nos*. Isso concebe-se facilmente, o amor não tem palavras senão para o objecto amado, fica mudo diante do resto do universo. Alem disso nunca estes bons religiosos tem o semblante pensativo ou preocupado; está sempre tranquillo e sereno. A austeridade de sua existencia tem, á primeira vista, alguma coisa de sombrio e triste para qualquer outro que elles mesmos; mas souberam achar alli as delicias da terra e o pinhor das recompensas eternas — isso lhes basta. No Brousey, como dizem muitas vezes, o homem pôde ver o Ceo descuberto, e entreter-se particularmente com Deus (\*). Este logar parece, com effeito, ter sido creado expressamente para realisar a promessa feita por Aquelle que, nos antigos dias, dizia: « Eu levarei a alma á solidão, e lhe fallarei ao coração (\*\*). » O' chara e preciosa solidão, tu foste confidente e depositaria de todos os misterios da vida e da morte do Salvador dos homens; porque segundo a justa observação de S. Bernardo, depois que os anjos nella deram o manná, que Moysés re-

(\*) S. João Chrisostomo.

(\*\*) Oseas, Cap. 2, v. 14.



cebeu nella as taboas da lei, e que Elias foí nella nutrido por milagre, Jesus quiz nella nascer, prégar, transfigurar-se, morrer, resuscitar, e della finalmente subir aos Ceos!

A 6 d'outubro de 1849 Hermann teve enfim a ventura de ser admittido a vestir o habito, para o qual se tinha tão dignamente preparado. Elle entrou com os olhos baixos e risonho, na estreita cella que lhe foi designada, e onde não devia ter d'alli em diante por mobilia senão uma cama composta d'uma taboa posta sobre duas tisouras; sendo privado mesmo do escabello grossciro, que serve de cadeira aos religiosos depois da sua profissão, elle que ainda ha pouco se estendia mollemente n'um leito preparado com fina lâ e pennas, e se assentava em poltronas guardadas de veludo e seda. Com os olhos sempre pregados sobre ésta inscripção: « *No Carmelo e no Juizo final, Deus só e eu,* » traçada sobre a parede da sua cella, tomando parte nas meditações, orações e canticos da communitade, pareceu, durante um anno, ter perdido completamente a lembrança do mundo e dos circulos brilhantes de que tinha sido o ornamento, e de que tinha feito as delicias, sem poder achar para si um momentô sequer de verdadeira satisfação.

Independentemente das explicações que serão dadas mais tarde sobre o pessoal dos carmelitas, gostar-se-ha talvez de saber como se passa o anno do noviciado, e as particularidades que signalaram o d'Hermann: e por isso aqui mencionamos desde ja os costumes do interior no que respeita aos noviços:

Todas as noites, ás onze horas e tres quartos, um frade converso toca devagarinho a sineta exterior do noviciado: a este signal os mais vigilantes dos noviços se appressam para tomar a matracá (\*) suspensa no corredor, afim de ganharem as indulgencias applicadas á vigilancia do primeiro que pôde lançar mão dello. O feliz possuidor ajoelhando-se faz ouvir por tres vezes tres páncadas successivas e cadenciadas, depois do que pronuncia lenta e gravemente a seguinte sentença: « *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo e a bemaventuradã Virgem Maria sua Mãe! . . . Meus irmãos, vamos a matinas glorificar a Nosso Senhor!* » A' meia

(\*) A matracá consta de tres taboalhas da largura da mão, duas das quaes são moveiças e produzem batendo sobre a do meio que é fixa, um som vivo, secco, e que se faz ouvir a muita distancia.

noite, noviços e padres vão ao coro, repetindo o *Miserere*, e bem depressa depois começa a psalmodia de matinas e laudes. A' uma hora e meia, terminado o officio, reúnem-se os noviços de novo no seu oratorio, onde depois d'uma curta leitura, fazem uma meditação de meia hora, que se termina por a Ladinha de Nossa Senhora. A's duas horas voltam para as suas cellas, e apagando as luzes, vão descansar até ás quatro horas e tres quartos. Então renova-se o que se fez á meia noite; e bem depressa depois descem do Oratorio os noviços para o coro, recitando outra vez o *Miserere*: alli, psalmodiam prima e terça, passam depois a ter uma leitura e uma meditação, á claridade frouxa e vacillante d'uma alampada, que apenas dissipa a obscuridade.

A's seis horas tornam a subir ao Oratorio, d'onde passados alguns instantes, tornam para a sua cella para esperarem a hora da missa, que lhes está designada, entre todas as que se celebram até ás onze horas. Neste intervallo fazem leituras espirituaes, e pelas dez horas e meia tendo descido ao côro para recitarem sexta e nona, chegam ao exame de consciencia que, todos os dias, precede o jantar. Este exame faz-se com

uma exactidão rigorosa. Desde que está acabado, encaminham-se para o refeitório recitando o *De profundis*. Ésta sala apresenta o aspecto severo de quatro paredes caiadas de branco, sem mais ornamento que uma Cruz de madeira que domina o lugar do Superior. Apezar da sua dignidade, este ultimo não tem outra distincção senão uma cadeira collocada diante d'elle. A meza e os bancos de pinho estão collocados ao longo das paredes. O talher está sempre no lugar de cada um; elle consiste n'um garfo e uma colher de pau com uma saquinha, tudo embrulhado n'um guardanapo commum: tambem ha uma caneca ao pé d'uma jarra, ambas de barro e de cor escura. Os guizados, isto é, legumes e fructas, e muito raras vezes, nos dias de festa, peixe (\*), são trazidos e servidos a cada um, por um leigo, em escudellas postas sobre uma taboa sustentada em cima das duas mãos abertas. Durante este tempo, o espirito dos religiosos está sendo nutrido por

(\*) O Veneravel Santo Alberto, patriarcha de Jerusalem, legislador da ordem, prescreveu aos religiosos do Carmelo, a observancia constante da abstinencia nos conventos: somente os authorizou a tomar os legumes cozidos com a carne, quando estão fora das casas, e a carne somente durante as viagens de mar.

uma leitura piedosa, precedida de um capitulo da Escriptura Santa; e reina um completo silencio. Em certos dias o fervor de alguns noviços, e mesmo tambem dos padres, obtêm do Superior a permissão de praticarem as seguintes mortificações: tomarem uma Cruz ás costas, collocarem sôbre a cabeça uma coroa d'espinhos, ficarem de joelhos até se lhes fazer um signal, jantarem mesmo de joelhos, pôrem uma venda sôbre os olhos etc. A admiração mais viva e a mais entérnedora seguir-se-ia á narração de algumas outras praticas de humildade que estão mais ou menos em uso, e que seria muito longo enumerar aqui. Depois das graças, passa-se da meza á recreação na cerca do convento, onde passeiam os noviços com seu mestre por um lado, e os padres por outro. Todos vão, uns atraz dos outros, no maior silencio; e quando lhes é permittido fallar, passeiam dous a dous, isto é, cada um com o companheiro que lhe foi designado.

Ao meio dia, depois da recreação, os noviços fazem uma nova adoração, e finda ella occupam-se de trabalhos manuaes á sua escolha, ou podem tomar algum repouso á imitação dos padres e fundadores da ordem, que importaram da Hispanha, sua patria,

o costume da sêsta. A's duas horas cantam-se vespêras, e às duas e meia tornam para a cella, emquanto que os noviços passam ao Oratorio para rezar o terço e esperar as instrucções de seu mestre, ou entregar-se ao estudo das rubricas e das outras partes do ensino. A's tres horas continuam na sua cella a estudar umas vezes a regra, e as constituições da ordem, outras vezes diversas materias; mas desde 14 de settembro até à Paschoa, preparam-se particularmente para a oração ou a meditação até às quatro horas e tres quartos. A's cinco horas ha meditação até às seis, em que tem logar as completas seguidas do canto da *Salve Rainha*. A's seis horas toma-se a collação, e às seis e tres quartos vão fazer o exame de consciencia. Depois sobem ao Oratorio dos padres onde está a bibliotheca; ahí recita-se o *De profundis*, e as orações dos santos da ordem. A's sette horas reza-se outra vez o mesmo Psalmo de penitencia pelas almas dos defuntos, ao som do sino; enfim, às sette horas e meia os noviços dirigem-se ao seu Oratorio, oram, recebem a benção do mestre dos noviços, e voltam para as cellas às oito horas em ponto. Soou a ultima badalada do sino; todas as lampadas se apa-

gam no mesmo instante, e estabelece-se um silencio geral que nenhum som vem perturbar. A's oito e meia todos devem estar deitados na sua cama; comtudo um dos noviços sai, e, indo collocar-se na galeria de modo que possa ser ouvido de todos, pronuncie com voz grave, lenta e accentuada uma sentença própria a deixar no espirito um pensamento edificante, no momento em que os olhos se fecham até perto da meia noite. Sem duvida é bem curto este momento de repouso, mas a alma está tão socegada, tão livre de todas as preoccupações que a perturbam no mundo, que se póde affirmar que em nenhuma parte se dorme um somno mais tranquillo e completo que no Carmelo.

Conformando-se, com uma alegre obediencia, a este genero de vida, Hermann ajuntou-lhe, com o consentimento de seus superiores, alguns actos que imprimiram á sua vocação um tocante zelo de fervor. Assim, para não fallar senão d'um pequeno numero delles, começou o seu noviciado por dous retiros de dez dias, depois dos quaes fez aos membros da communidade a proposição de orar por todos com a condição de que todos orariam por elle. Pediu o favor de occupar a cella mais approximada do altar, onde estava o

Santissimo Sacramento, afim, dizia elle, de poder melhor, a toda a hora, mesmo de noite, suppôr-se, ou antes estar na presença real do Divino Redemptor. Sem duvida, mais d'uma vez repetiu neste lugar com Pedro: « *Eu vejo que o Senhor enviou seu anjo, e que me salvou.* »

Durante as recreações, mostrava-se constantemente alegre e obsequiador para com todos os irmãos, tendo sem cessar a Jesus por sujeito de predilecção em todos os seus entretenimentos; por isso não tardou em ser nomeado zelador dos noviços. Desempenhou-se dos deveres que essa qualidade lhe impunha com grande exactidão e fez-se notar por sua vigilancia em vigiar, sua doçura em advertir, e seu empenho em dar bons exemplos. Trazia escondidas debaixo de seus vestidos interiores e sôbre o coração duas imagens de piedade para pensar em Deus mais vezes, e tinha-se feito disto um exercicio, que exhortava os outros noviços a praticarem frequentemente como elle. A' comida da manhã deitava por penitencia agua fria sobre o seu prato de chicharos; e á collação da noite, era d'uma tal sobriedade que, durante a quaresma da Igreja, não tomando segundo a regra do Carmelo senão duas



onças de pão, ouvia-se-lhe dizer que era esse o seu tempo de regalo; e depois desta mesma comida, como cada um dos religiosos fazia todas as noites, por humildade, uma confissão das suas faltas durante o dia (o que se chama culpa) Hermann, com a vermelhidão no rosto e os olhos baixos, accusava-se com uma severidade inaudita. Elle não queria gozar do repouso da sesta, e se havia algum trabalho rude ou penivel para fazer, pedia que lh'o dessem; e quando, nesse mesmo anno, foi preciso fazer a pequena vindima do convento, parecia regosijar-se em apañhar a chuva, por forte ou fria que fosse. Na sua cella, onde ao lado de seu escabello, d'uma vassoura e de duas pequenas coberturas, estava pregada na parede uma caveira pintada de preto, escrevia e compunha, sentado no chão, os sabios e deliciosos canticos que não tẽiam desdenhado os grandes mestres; e todas as noites consagrava á adoração do Santissimo Sacramento as duas horas que se seguiam á meia-noite, não cessando d'exprimir o seu pezar, quando era necessario ceder o logar a outros, porque esta adoração nocturna é de uso; emfim, se, durante o dia, havia algum tempo livre para recreação, ou para outra cousa, emprega-

va-o em fazer contas de rezar ou em trabalhar na terra. A austeridade desta existencia não pôde contudo nem assombrar seu character naturalmente divertido, nem suspender o vôo d'uma imaginação tão rica e tão brilhante. Suas qualidades preciosas manifestaram-se principalmente por occasião d'uma cerimonia que se renova annualmente no noviciado.

No segundo domingo depois das festas do Natal, o mestre dos noviços esconde o melhor que pôde uma imagemzinha do Menino Jesus, em lembrança do Filho de Maria e de José, perdido no templo de Jerusalem. Os noviços inspirando-se tambem da sollicitude da Santa Virgem, vão procural-o por toda a parte. Aquelle que acha o Divino Menino tem direito a guardal-o na sua cela por todo o dia, depois do qual vai-se buscá-lo em procissão. Esta graciosa cerimonia tem logar cantando-se o hymno *Jesu, dulcis memoria*, e o cantico, *Te Deum laudamus*.

Este piedoso regosijo não tem nada, de-se convir-se, do esplendor e da embriaguez das festas animadas em que n'outro tempo tomava parte em Pariz o brilhante pianista tão applaudido nos salões; mas, assim como Rancé o sentiu antes d'elle, o filho da soli-

dão achava nella uma potencia expansiva e faculdades de ventura, que a capital não teria nunca podido procurar-lhe.

Conta-se, no paiz, que durante o mez de julho do anno de 1850, uma Sr.<sup>a</sup>, chegada de Pariz, foi alugar um quarto n'uma pequena casa vizinha do convento. Seu exterior, que annunciava uma condição elevada, suas maneiras elegantes e seu ar melancolico excitaram a curiosidade dos habitantes de um paiz, que raras vezes é visitado por estrangeiros. Desde a primeira noite da sua chegada, dirigiu-se ao vestibulo da capella para um canto obscuro; d'alli, suas vistas podiam descubrir o jardim onde passeavam os noviços: logo avistou seu filho que parecia muito alegre: « *Ah! o pobre menino não é tão infeliz como eu cuidava!* » disse ella consigo. E quando, pouco depois, este veio procural-a, acompanhado pelo mestre dos noviços, desmaiou: elle lançou-se-lhe nos braços, fel-a tornar a si, abraçou-a ternamente, e exclamou: « *Minha mãe, eu sou feliz.* » Em seguida, foi ella assistir ao officio costumado, na capella, que está separada pelo altar, do côro, no qual estão os religiosos, que se ouvem cantar, e acompanhar com o *harmonium*, mas que se não

veem. A's primeiras notas do instrumento que feriram os ouvidos desta Sr.<sup>a</sup>, ella comoveu-se, deixou correr algumas lagrimas e ficou de pé, immovel, e n'um tal estado de anciedade, que foi notado por todos os que se achavam ao pé della. Tinha reconhecido a mão que, tocando o teclado, produzia sons tão penetrantes como suaves. E no mesmo dia, ou no seguinte, uma nova entrevista teve lugar entre Hermann e aquella que tão ardentemente desejava apertal-o ainda outra vez nos seus braços. Desta vez ella lançou este grito: « *Oh! grande Deus! como elles m'o desfiguraram com este habito, éstas sandalhas, e ésta cabeça rapada! . . .* » Mas Hermann, dominando apenas suas sensações, e não podendo conter o impeto de seu coração, limitou-se a responder, elevando um pouco a voz: « *Minha mãe!!* » Mais que nunca, ella pareceu afferrada a seu culto e ao mundo, e affligida por ter perdido seu filho morto totalmente para ella e para os seus. Tentou debalde fazel-o voltar para o que ella chamava a verdadeira religião; e apor- tou-se no fim de dez dias, em fins de julho, d'um lugar que olhava como o tumulo do que ella tinha de mais claro sobre a terra. Pobre mãe!

Hermann entretanto continuou o seu noviciado com o mesmo fervor e a mesma perseverança até ao momento em que teve de dizer realmente um ultimo e solemne adeus a tudo que o tinha n'outro tempo captivado, sem poder sacial-o nem fazel-o feliz. Nós tivemos o enternecido prazer d'ouvir este adeus e d'assistir á sua profissão, conforme o que se pratica depois da primeira prova dos discipulos do Carmelo.

Era a 7 d'outubro de 1850, nesta estação do Outono, onde o fim do anno, como o fim da vida do homem, avança carregado de nevoeiros, e de cores sombrias. Desde a manhã, a misteriosa capella do Brousey estava cheia dos paisanos e Sr.<sup>as</sup>, que tinham concorrido dos paizes vizinhos, de Bordeus, e até de Pariz, segundo se dizia. Cantos psalmodiados no côro, com um compasso grave e tocante, chegavam até á assembléa que orava diante do altar, chammajante de luzes e ornado de flores.

Depois do officio das horas canonicas, viu-se adiantar-se do côro, um velho, vestido como os carmelitas, d'uma longa tunica de panno escuro, apertada ao corpo com uma cintura de couro, com um longo escapulario, e terminada por um capuz, com um manto

branco por cima — o alto da cabeça rapado, as pernas nuas, e os pés repousando n'uma simples solla presa por corréas: era o Reverendo Padre Prior do Noviciado substituindo o Superior Provincial então ausente; elle era seguido dos outros Padres ou Frades que, na attitude mais humilde e edificante, se collocaram em semi-circulo diante dos degraos do altar-mór. O Prior subiu a um estrado elevado á esquerda diante do altar lateral, collocado debaixo da invocação de Santa Thereza. Apenas se tinha assentado, que se adiantou um joven religioso, precedido do chefe ou mestre dos noviços; era Hermann: seu exterior era doce, tranquillo, modesto, um pouco triste na apparencia é verdade, mas que não tinha nada de penivel. Uma sorte de claridade reluzia sôbre suas feições emagrecidas pelos jejuns purificadores do corpo e da alma. Seguiu de perto o velho officiante sôbre o estrado, pôz-se de joelhos diante d'elle, beijou timidamente a extremidade de seu longo escapulario, inclinou a cabeça, e respondeu em lingua latina ás perguntas que lhe foram successivamente dirigidas. Depois um joven sacerdote da diocese de Agen subiu ao pulpito e pronunciou um discurso, tão elegante como

pathetico, diante da assemblea silenciosa e vivamente impressionada. O ceremonial costumado da renovação publica dos votos que tinha feito em segredo, tres mezes antes, tendo terminado a profissão solemne e a vestidura definitiva, o recipiendario prostrou-se com o rosto em terra, e nesta posição recitou lentamente e em voz baixa, o *Te Deum*. Quando se ergueu, collocou-se-lhe sobre a testa, admiravel de candura e humildade, onde se pintava um reflexo celeste, uma ligeira mas bonita corôa de myrto com seus raminhos brancos; emfim o beijo de paz foi, segundo o uso, dado por elle a todos os seus irmãos, que o recebiam dobrando o joelho cantando o bello psalmo: *Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum!* (\*). Elle desapareceu para entrar por detraz do altar no côro e no claustro. No mesmo iustante romperam os religiosos, com uma sorte de transporte d'enthusiasmo, as piedosas acclamações do *Te Deum*. Hermann pertencia d'ahi por diante completamente ao Carmelo. A tarde, depois de vespers, o Sr. Padre Castells, capellão do Hos-

(\*) Como é bom, é agradável para irmãos habitarem juntos n'uma mesma casa! (Psalm. CXXXVI).

pital de Bordeus, pronunciou tambem um discurso cheio de unção, no qual teve o feliz pensamento de confrontar o passado e o presente d'aquelle que a graça tinha visivelmente penetrado como um vaso d'eleição.

Passou se mais um anno para os estudos preparatorios da Theologia, no convento de Agen, onde o novo frade recebeu successivamente a tonsura e as ordens menores; depois no sabbado santo, 19 d'abril de 1831, a ordenação solemne de presbytero foi-lhe conferida, na mesma cidade, por S. Exc.<sup>na</sup> Rv.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo Vezins, ao judeu convertido que tinha para sempre mudado o nome d'*Hermann* pelo de *Fr. Agostinho Maria do Santissimo Sacramento*. No outro dia, Domingo da Resurreição, celebrou a sua primeira Missa, e na mesma semana estreou-se na cadeira da verdade com um sermão, cuja these, escolhida por elle, era a *frequente Communhão*. Que alma e que voz eram mais proprias a fazer saborear as delicias da Santa Eucharistia, que as do auctor dos Canticos sagrados d'uma composição que se annuncia pelas palavras seguintes: « *O' Jesus adorado . . . por mim, que conduzistes á solidão para me fallardes ao coração. . . por mim, cujos dias e noites se deslisam deliciosamente nas*



celestes conversações de vossa presença adorável, entre as lembranças da communhão d'hoje, e as esperanças da communhão de amanhã. . . ., na união amorosa de um Deus com a mais pobre de suas creaturas! eu abraço com transporte as paredes de minha querida cella, onde nada me distrae de meu unico pensamento, onde não respiro senão para amar vosso divino Sacramento, onde, livre do fardo dos bens caducos, despido de tudo o que prende á terra, e quebrando os estorvos que captivam os sentidos, posso, como a pomba, tomar meu vôo, e elevar-me para as regiões ethereas do Sanctuario, atravessar as mysteriosas nuvens que envolvem vosso tabernaculo, expor-me aos raios penetrantes desse bello sol da graça, e mergulhar-me nesse oceano de luz, para me consumir nas chammas desta fornalha ardente! . . .

« Depois, abrigando-me á sombra refrigerante desta arvore de vida, eu aspiro suas flores, saboreio seus fructos. . . . deixo-me emballar ao som de vossas suaves palavras, e adormeço, ebrio d'amor e de ventura, aos pés do meu muito amado. . . . *Hæc requies mea in seculum seculi; hic habitabo, quoniam elegi eam.* »

Mas deixemos ainda outra vez o novo Agostinho exprimir a mudança que acaba de operar-se nelle, e cite-mos o fim da dedicação de seus admiraveis canticos:

« Que venham agora, exclama, que venham aquelles que me conheceram n'outro tempo, e que despresam um Deus que morreu de amor por elles! . . . . Que venham, ó meu Jesus; e elles saberão se mudaes os corações!

« Sim, mundanos, eu vol-o digo, prostrado diante d'este amor desconhecido. Se não me vedes ja agitar-me sobre vossos molles tapetes para mendigar applausos, anhelar fufteis honras, é porque achei uma gloria no humilde tabernaculo de Jesus-Hostia, de Jesus-Deus.

« Se não me vedes ja lançar sôbre uma carta o patrimonio d'uma familia inteirã, ou correr appressurado para adquirir ouro, é porque achei a riqueza, o thesouro inexhaurível, na pixidê de amor que encerra a Jesus-Hostia.

« Se não vou ja assentar-me a vossas mezas sumptuosas, aturdir-me nas vossas frivolas festas, é porque ha um festim de delicias onde me nutro para a immortalidade, onde me regosijo com os anjos do Ceo; é porque

achei a ventura suprema: sim, achei o bem que amo, é meu, possuo-o, e que m'o venham tirar!

« Pobres riquezas, tristes prazeres, humilhantes honras aquellas que eu procurava incessantemente comvosco. . . . Mas agora que meus olhos viram, que minhas mãos tocaram, que sôbre o meu coração palpitou o coração de um Deus, oh! como vos lastimo de proseguirdes, em vossa cegueira, atraz de prazeres que não podem satisfazer o coração!

« Vinde pois a este *banquete celeste* que foi preparado pela Sabedoria eterna; vinde, approximai-vos! . . . Abandonai vossos dizes, vossas chimeras, arrojai para longe de vós esses trapos enganadores que vos cobrem; pedi a Jesus a veste branca do perdão, e com um coração novo, um coração puro, saciai-vos na fonte limpida do seu amor.

« Crede-me, agora que o vosso divino Salvador, para vos dar audiencia, sobe todos os dias ao seu throno em vossas igrejas, elle vos ouvirá com mais clemencia ainda. Deitai-vos a seus pés, dai-lhe vosso coração e elle vos abençoará, e gosareis alegrias, mas alegrias tão immensas, que não posso descrever-vol-as, se não ides gosal-as: *Provae, e vede como o Senhor é suave!*

« O' Jesus, meu amor, como desejaria mostrar-lhes a ventura que me daes ! Não, eu ousou dizel-o, se a fe não me ensinasse que contemplar-vos no ceo é uma alegria maior ainda, não julgaria nunca possível que existisse maior felicidade que a de que gozo em amar-vos na Eucharistia, e em receber-vos no meu pobre coração, tão rico por vós ! . . . Que paz deliciosa ! que bemaventurança ! que santa alegria ! . . . »

Depois que nos foi permittido de o frequentarmos mais e com mais intimidade ; depois que vimos, e ouvimos mais vezes o novo religioso do Carmelo, mais tambem ficamos profundamente commovidos com a sua convicção, de sua sinceridade e de seus extasis ! um dia depois de ter ouvido cantar com acompanhamento de pianno um dos canticos da sua collecção, intitulado *Gloria a Maria* (\*) tentamos exprimir seus sentimentos nos versinhos seguintes, para os quaes elle compôz mais tarde uma musica particular :

(\*) Regina Martyrum.

**Adeus ao Mundo.**

Não agitam mais, ó mundo,  
Teus enganos o meu peito;  
Gozô de prazer profundo,  
A teus laços desaffeito.  
Muito tempo em tuas festas  
Tudo amei excepto a Deus;  
Hoje as deixo por infestas:  
Adeus, para sempre adeus.

Longe de ti, penitente,  
Soube achar junto ao Senhor,  
Em silencio, complacente,  
Encantos mesmo na dor. . . .  
Se na minha mocidade  
Cantei hymnos ao prazer,  
Agora que ja sou frade  
Quero calar-me e soffrer.

O caminho não é rude,  
Pois Jesus é meu amigo;  
Da solidão na virtude  
Elle conversa comigo;

Pelo burel que me cobre  
Penetra em meu coração;  
E p'r'o Ceo que se descobre  
Conduz-me por sua mão.

Adeus, pois, perfido mundo,  
Fujo-te, sem t'olvidar;  
Em paz, d'um claustro, no fundo,  
Dia e noite vou orar.

Nestas paredes austeras  
Vou sepultar com disvello  
Minhas corôas epheméras  
Sob as palmas do Carmelo.



**Primeira viagem do Reverendo Pa-  
dre Agostinho a Bordens.**

Nos primeiros dias do mez de settembro  
de 1831, o Reverendo Padre Domingos,  
superior provincial da ordem, que ia fundar  
um convento no bairro dos Chartrons, em

Bordeus, fez-se acompanhar pelo seu muito amado filho, como elle o chamava, e passou alguns dias nesta cidade com o joven padre. Permittiu-lhe, por favor especial, ir muitas vezes celebrar o Santo Sacrificio da Missa nas capellas de diversas comunidades. Nos alienados, no Hospital e na Misericordia, sua presença e suas palavras produziram um effeito incrível. Estes pobres doentes e éstos *Irmãs da Charidade*, que são antes as heroínas della; éstas donzellas *arrepentidas* que acharam remedio e consolações para reveses e males que o mundo ia brevemente declarar incuraveis, e cubrir de seus despresos; ésta boa mãe que lhes legou a fundadora do mais admiravel dos refugios (M.<sup>lle</sup> de Lamouroux), todas éstas pessoas e os numerosos assistentes não se cansavam de contemplar as feições tão doces e cheias de serenidade do novo Saul.

Uma manhã, que acabava de celebrar o Santo Sacrificio da Missa no Hospital de Santo André, chegou-se a elle, depois de sua acção de graças, uma joven irmã da charidade de S. Vicente de Paulo, que lhe pediu fosse a uma das sollas altas visitar um obreiro, que estando doente ha alguns mezes, não somente se abstinha de seus deveres,

res de christão, mas até dissuadiã disso os seus vizinhos com uma afflictiva insistencia. O Reverendo Padre accedeu a esta supplica. Chegando, com uma numerosa comitiva, diante da cama deste obreiro, achou-o de pé, encostado á ruela do leito, com a mão direita apoiada nas costas d'uma cadeira, e n'uma attitude de altivez, ou melhor, de repulsão pouco propria a fazer esperar um acolhimento favoravel. Entretanto o joven carmelita, com os olhos baixos, e passê tímido mas firme, foi direito a elle, abriu-lhe os braços e disse-lhe ao ouvido poucas palavras que não foram ouvidas pelos assistentes; o doente respondeu do mesmo modo dando um ligeiro sorriso, e o piedoso visitador, voltando-se para a Irmã da charidade, lhe disse em voz alta: « *Minha irmã, este Sr. pede-vos que lhe mandeis um confessor hoje mesmo.* » No mesmo dia, de tarde, aquelle que se suppunha tão doente d'espirito e de corpo reconciliou-se com Deus, e a semana ainda não estava acabada, que ja elle tinha saboreado o Pão que faz viver eternamente, e recobrado a saúde contra as previsões dos homens da faculdade. Cumpre accrescentar que depois da sua saída do hospicio, este honrado homem voltou para ex-



primir o seu reconhecimento aos dous auxiliares de que Deus se tinha servido, n'uma scena tão simples e enternecedora.

A passagem do Rev. Padre Agostinho por Bordens foi marcada por generosos incidentes deste genero, que, muito extraordinarios para certas pessoas que muitas vezes não querem crel-os nem mesmo ouvil-os, tem tudo uma significação mui positiva para as almas penetradas pelas preciosas inspirações da fé. A capellinha do convento estando então em concerto e por isso de livre accesso, a multidão dos curiosos affluia de todas as partes para o ver. Encontrou-se alli, um dia, uma joven Sr.<sup>a</sup> israelita do rico bairro dos Chartrons, acompanhada de sua criada grave; e ésta dizia algum tempo depois, que tinha custado muito a sua ama dissimular a profunda commoção que sentiu. Era, com effeito, impossivel não ressentir, logo á primeira vista, o resultado d'um exterior tão tranquillo, e d'uma linguagem tão persuasiva.

Uma effecção de um dos seus  
 A primeira  
 de mudo de  
 de mudo de  
 de mudo de  
 de mudo de

VII

**Viagens do Reverendo Padre Agostinho a Rions e a Agen: sua romaria a Nossa Senhora de Peyragude.**

Deixando Bordeus, aceitamos com alegria o gracioso convite, que nos foi feito pelos dous Reverendos Padres, de os seguirmos, primeiro ao Brousey de Rions, depois ao eremiterio d'Agen. Tanto uma como outra viagem foram para nós cheias d'encantos e de consolações apropriadas ao doloroso estado de nossa alma, profundamente contristada pela perda recente da mais amada e mais piedosa das irmãs.

Entre as interessantes particularidades de que guardamos lembrança, duas tardes principalmente não se nos apagarão nunca da memória. A primeira foi em Rions, a 10 de settembro, dia da chegada do Reverendo Padre Provincial ao meio de seus frades que o receberam com indiziveis transportes d'alegria. Estes bons religiosos não se cançavam

de o apertar contra o seu coração, de dobrar o joelho diante d'elle, de beijar o seu escapulario, e de se lhe lançarem nos braços. O Reverendo Padre Agostinho teve também quinhão nestas ternas demonstrações, a que elle correspondeu prostrando-se inteiramente, por humildade, com a face por terra.

Acabavam de dar oito horas da noite no relójo interior do convento: os carmelitas, saindo do refeitorio onde tinham tomado a mais frugal das comidas (alguns legumes em agua e sal, ou algumas folhas de salada), tinham passado para a recreação costumada, no jardim que fórma um vasto terraço dividido em alforjes e com uma meia-laranja no centro: aqui eleva-se n'um soclo de pedra a estatua da Santa Virgem com o Menino Jesus nos braços. Ao calor do dia, como acontece no fim do estio, tinha succedido uma fraca briza que refrescava o ar. O firmamento começava a revestir a sua côr uniforme do mais claro azul, cubria-se ja de myriades d'estrellas acima das quaes, magestoso archote das noites, a lua, então no seu plenilunio, continuava sua carreira, lançando, por toalhas immensas, suas prateadas claridades sobre os campos circumvisinhos. O maior silencio reinava nesta vasta solidão

accidentada por encostas cubertas de vinhedos, valles arborizados e habitações de paizanos, semeadas de longe em longe. Tujo dispunha o espirito á meditação e o coração á ternura. Só nós tínhamos seguido o Padre Provincial, que nos tinha conduzido a um caramanchão do jardim, e tinha-nos feito assentar ao seu lado. Nossa attenção foi excitada pelo som ligeiro de passos que pareciam dirigir-se das ruas para o centro. Bem pouco nossos ouvidos foram feridos pelos sons de muitas vozes d'um timbre penetrante e d'uma doçura infinita, que vinham do lado da estatua da Santa Virgem; levantamo-nos arrebatadamente para ouvir de mais perto, e logo como por encanto assistimos a um verdadeiro concerto organizado. Os quatro bancos de pedra, que formam a circumferencia da meia-laranja, estavam occupados por mais de vinte padres ou frades do convento, assentados, com o capuz na cabeça, immoveis, com os olhos baixos e executando o canto admiravel *Ave Maris Stella*. Junto ao pedestal da Rainha dos anjos estava um *harmonium*, em que acompanhava o Reverendo Padre Agostinho.

Depois do *Ave Maris Stella*, veio a la-

dança da Santa Virgem, a que se seguia a *Magnificat*; e enfim o cantico delicioso, tão charo a N. Senhora das Victorias, que começa assim: *D'acôr do com o anjo*. . . Os intermedios eram cheios por improvisos arrebatadores do brilhante pianista, que das paixões d'outro tempo, não guardou senão a do instrumento que lhe valeu tantos triumphos. Apesar disso, ja não se apaixonava mais, como nol-o dizia elle mesmo um dia, sendo pelos hymnos religiosos. Não: nunca a palavra humana exprimirá tudo o que tinha de sublime na sua simplicidade, ésta harmonia silenciosa, a unica talvez que, no seu todo e no seu objecto, podesse ser sobre a terra digna do Senhor dos Ceos!!! Ah! é alli de certo que devia achar sua applicação ésta consoladora promessa do Salvador do mundo: *« Quando duas ou tres pessoas estiverem reunidas em meu nome, para orarem a meu Pai, eu estarei no meio dellas. »*

Mas as alegrias da terra passam depressa! pouco tempo depois deu a hora de regressar ao convento, recitando o *Miserere*: cada um entrou na sua cella, e quando nos achamos na nossa onde se via uma cama bem differente das do Carmelo, ficamos

ainda muito tempo sob a impressão do que acabavamos de ver e ouvir. Assentados ao pé d'uma mezinha, e com os olhos fixos sobre este distico escripto por detraz da porta da entrada: « *O mundo acabará bem depressa para mim, porque morrerei amanhã talvez, ou ao menos mui brevemente;* » comprehendiamos melhor a rapidez da vida e a terrivel passagem para a eternidade. . . . De repente, do fundo do dormitorio, a voz d'um religioso, preparando, segundo o costume, uma materia para meditação aquelles que iam tomar um pouco de somno, fez ouvir solemnemente ésta sentença:

Pensai nisto, meu irmão,  
Por mui breves soffrimentos  
Um eterno galardão.

Que dias, e que noites aquellas que se passam assim! E' preciso estar todo entregue á loucura da cruz para bem comprehender isto! . . .

No outro dia muito cedo partimos para Agen, todos tres, e chegamos á noite ao convento do eremiterio, onde novos abraços e novas lagrimas de gosto esperavam os dous piedosos viajantes. Passamos alguns dias no

mosteiro aberto na rocha, no cume d'um outeiro, á extremidade do norte da cidade, e tivemos ahí longas conversações com o joven padre, que o Carmelo justamente olha como uma de suas glorias. Mais o nosso espirito se applicou a observar, ou para melhor dizer, a estudar a fundo este livro vivo e inspirado, mais nos sentimos penetrado de confiança e de admiração para este monumento sensível da graça divina. Alieçou-nos singularmente á sua pessoa pelo caritativo cuidado que tomou de nos fallar frequentes vezes de nossa pobre irmã defunta. Mais d'uma vez, em quanto que d'um terraço que domina a cidade, estávamos sós a passar tristemente em revista as horas d'outro tempo, tão doces então para nós e que de repente se tornaram tão amargas, pediu e obteve a permissão de renunciar á magra collação de seus irmãos, para vir levantar nossa coragem e nossa alma abatida pelos desgostos. « Eu venho ter convosco, dizia-nos elle em voz baixa e com um ligeiro sorriso de compaixão, porque me quiz parecer que haveis d'estar absorvido nos vossos muito habituaes pensamentos de luto. Não que eu censure as vossas magoas, mas quero exhortar-vos a tornal-as uteis pela resignação. Con-

servai vossas afflicções, mas dirigi-as para Deus afim de que não sejam estereis. E' o meio de fazer com que vossas lagrimas sejam proveitosas tanto para vós, como para vossa chara e ja bemaventurada irmã.»

Depois, quando chegou a hora da comida, preparada para nós, e mais duas pessoas viudas de longe para fazerem um retiro neste convento, o Reverendo Padre Agostinho seguiu-nos ao refeitório, e pondo um guardanapo sobre o seu braço esquerdo, á maneira dos domesticos, conservou-se de pé, dispondo-se a servir-nos com uma graça encantadora. «— Oh! meu padre, exclamamos nós, o que fazeis? Nós não o consentiremos.— Como! o que faço, redarguiu elle? Não vou eu servir a N. Senhor Jesus Christo em pessoa? . . .»

Emfim, de volta ao terraço para continuarmos nosso passeio, elle deixou rebentar muitas vezes de sua alma piedosamente apaixonada, exclamações como esta: «Ai de mim! ai de mim! quem de nós poderia salvar-se por si mesmo, ou por seus proprios meritos, se as chagas de Jesus Christo crucificado não estivessem gotejando sempre sangue, sempre abertas, como as fontes da salvação nas quaes é necessario que continuamente nos



banhemos. . . . ! Que soffrimentos supportou por nós a augusta Victima! e sua Mãe! . . . . Que abismo de dor esse fluxo e refluxo das tristezas do coração de Jesus para o coração de Maria, e da compaixão de Maria para o amor de seu divino Filho. . . . .

— Nós não podíamos cançar-nos de reflectir, com um estremecimento inexprimivel, sobre tudo o que acabavamos de ver e d'ouvir. Nunca nos tinha sido dada, em nossa longa vida, observar de tão perto e com tanta evidencia, os dons de Deus, seja para a satisfação da alma que os recebeu, seja para a sanctificação do proximo.

— Ah! sem duvida nenhuma, a conversão de Hermanno foi um milagre da graça, mas cada um dos actos da sua vida não é tambem um milagre novo? Como explicar tudo isso d'outro modo a não ser por causas sobrenaturaes? Todos aquelles que o conheceram mancebo, israelita e artista, e que foram testemunhas de sua mudança de character, de gostos e de habitos, apenas puderam tornar a si de sua surpresa: elles o dizem bem alto. Nós mesmos temos recolhido em Pariz seus testemunhos, e mil outras outras provas de sua perfeita sinceridade; sua propria familia limita-se a repetir que, sem

duvida, elle está de muito boa fe, mas que perdeu a cabeça, e que se quizesse dar-se á leitura do Talmud voltaria para o judaismo.

O nome das pessoas que attestam a maior parte dos factos que acabam de ser contados, são irrecusaveis garantias da exactidão dos mesmos; e é em presença, para assim dizer, da familia inteira do convertido, que cada uma dellas se apraz de contar o que viu, ouviu e considerou como um milagre! . . . . Depois disso, seria permittida, ou de boa fe, a duvida, seja sôbre o facto principal, seja sôbre as suas consequencias?

Vós deveis agora, homens do mundo, que marchaes á testa da elegante sociedade pariziense, vir vel-o; vós que signalaveis, ha tão pouco tempo, os talentos do artista e do compositor, vosso favorito, por applausos e cordões; vós, que o tinheis tantas vezes proclamado o ornamento de vossas festas, de vossos concertos, e de vossos bailes; é possível, que depois de ter exaltado o bom tom e os successos do mancebo da moda, tenhaes hoje dó do habito d'um pòbre carmelita descalço! Quem sabe mesmo se não irieis até a repetir com sua mãe, que desculpa a boa fe da sua dor: « *endoudeceu!* . . . » Mas que lhe importa, e que vos importa tambem?

verosimilmente nunca mais o vereis . . . ! Hermann morreu para vós, elle acaba de renascer para o ceo ! . . . Oh ! se vos lembraes ainda d'elle, nas noites de inverno, quando vossos salões bem quentes retinem com as ruidosas danças, paraí um momento, e, se é possível, transportai-vos em pensamento ao Carmelo do Broussey, ou do Eremiterio. . . . Lá, talvez á mesma hora, uma viuva indigente, um obscuro lavrador, uma donzella chorosa, vem puxar a campainha do convento para reclamar os soccorros do corpo ou da alma. — Que quereis, lhes pergunta o religioso encarregado de abrir a porta ? — Um Padre, respondem, para assistir a meu filho, a minha esposa, a meu irmão, que vai dar o ultimo suspiro. — E o religioso replica em voz baixa a ésta pobre gente, para quem o nome d'Hermann foi sempre desconhecido : « Pois bem, vai-se mandar-vos o *Padre Agostinho Maria do Santissimo Sacramento*. »

Mas se o abismo chama o abismo, a graça tambem chama a graça, e por isso a carreira do Reverendo Padre Agostinho será fertil em novos milagres.

Tornemos, pois, ao joven cenobita, revele-mos uma das acções mais tocantes da sua vida.

namento da Igreja : não sabe que vós fostes a sua aurora, e que vossa doce luz não cessa de dirigir os passos dos fracos mortaes para este Sol da Justiça, que Deus prepoz para allumiar todas as nações e glorificar o seu povo.

« O' MARIA ! filha d'Israel, ella é de vossa familia ; voltae para ella uma vista de piedade e de afeição. . . .

« O' MARIA ! vós salvastes o filho, não consentaes que elle seja para sempre separado de sua mãe ! Ella é para mim a vossa imagem, e nunca a sua lembrança chega só ao meu coração : deu-me á luz no meio de dores, e vós tambem, para me dardes uma segunda vida, adoptastes-me por vosso filho, pelo preço tão caro de todas as dores do Calvario ! . . .

« O' MÃE DE JESUS ! O' minha Mãe ! se os pensamentos da terra não se transformassem lá em cima, poderia eu ver-vos com inteira alegria, sem ella nos Ceos ; e a sua perda eterna não seria uma nuvem para a minha felicidade ? . . .

« O' vós todos, que depois de mim cantardes este hymno da oração, pedi a MARIA, a favor d'um filho, a conversão de sua mãe ; e bem depressa tomarei de novo o bastão de

A 8 de dezembro de 1852, deixando a sua tranquilla cella, foi visitar Nossa Senhora de Peyragude, no seu sanctuario a pouca distancia de Agen, e dirigiu-lhe uma homenagem d'amer e de doce confiança, como lhe elle chamava, depondo a seus pés canticos novos, e ésta oração erguida do coração :

« O' amabilissima VIRGEM MARIA, que do alto dessa Roche-Aiguë, como d'um throno de misericordia, espulhaes abundantes graças sôbre aquelles que vos invocam ! A fama de vosso sanctuario e dos favores que nelle reservaes ao piedoso peregrino chegou até á minha solidão, e a deixei por um instante, deixei essa solidão embalsamada do Carmelo, para visitar est'outra montanha de vossa escolha, offerecer-vos um cantico, e pedir-vos uma graça.

« Mãe dos Ceos ! eu abandonei, por vosso divino Filho e por vós, uma mãe sôbre a terra : restituir-m'a-heis um dia ? Como seu filho, n'outro tempo, ainda está assentada entre as sombras da morte ; e procura no futuro a chegada do Messias. Ella não sabe que ja para nós appareceu essa brilhante estrella de Jacob, e que sua claridade resplandece sem eclipse, ha dezoito seculos, no fir-

peregrino para vir cantar o hymno do agradecimento a Nossa Senhora de Peyragude. »

Cumprido o seu voto, o peregrino continuou o seu caminho para o convento do Eremiterio, atravessando talvez, como S. Bernardo, as villas e os campos, recitando o *Ave Maris stella*.

Poucos dias depois desta piedosa viagem o *Ami de la Religion* publicou a seguinte relação della :

« A igreja cathedral de Agen apenas podia conter a multidão que alli tinha concurrido no domingo da Trindade para ouvir o Reverendo Padre Agostinho (Hermann), carmelita descalço do convento do Eremiterio da mesma cidade, tocar orgão e pregar. Este joven religioso, cuja conversão verdadeiramente milagrosa causou profunda sensação em Pariz, ha tres ou quatro annos, excedeu a expectação de seu auditorio onde se notava uma sociedade escolhida. Depois de ter executado, no iustrumento, collocado no Sanctuario, algumas harmonias, que davam aos cantos de vespervas tanta gravidade como encantos, subiu ao pulpito, e não tardou a fazer esquecer, até o seu raro talento musical, pela dignidade, a unção, e a attracção de sua palavra,

« Prégou por espaço d' hora e meia sobre o mysterio do dia, e mais d' uma vez excitou uma sorte de commoção e d' estremecimento, o que não é dado senão aos oradores eminentes e exercitados. Apesar da difficuldade do assumpto e da perturbação inevitavel a uma sorte d' estrêa, pois é sómente a segunda ou terceira vez que este padre do Carmelo se faz ouvir em público, todos são unanimes em proclamar que ja pôde sem receio subir aos pulpitos, onde ficaram as recordações dos prégadores mais afamados. Uma circumstancia mui sensibilisadora augmentava ainda o que ja ésta solemnidade tinha de grave e d' extraordinario. Assegurava-se, e sabemos com exactidão, que precisamente neste auditorio attento a vozes que se poderiam crer inspiradas, se achavam a mãe, a irmã, o cunhado e o sobrinho do Reverendo Padre Agostinho, todos quatro israelitas, chegados na vespera de Pariz para um fim desconhecido, e que deveram ficar profundamente impressionados com o triumpho de seu parente. Este cunhado e ésta irmã, o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> R..., muito distinctos pessoalmente, um como desenhador, e outro como professor de musica, vindos de mais de duzentas leguas para visitar o religioso de uma das

ordens mais austeras, apresentam um espectáculo curioso e interessante. Seria uma nova conquista para o catholicismo?

« Ignoramol-o, mas mui ardentemente o desejamos. »

Quaes foram as consequencias desta aproximação, que sem duvida alguma tinha sido provocada por uma influencia mais que humana? . . . O Deus das almas ternas que ouve debaixo da folhagem a voz do passarinho; e a Virgem Santa *de quem nunca se pôde dizer que tenha sido abandonado nenhum d'aquelles que se collocaram debaixo da sua protecção*; Jesus e Maria, ficariam insensíveis ás supplicas do filho e do irmão—prompto a dar a vida com 'gosto para lhes exprimir a sua confiança? . . .

Um dia, talvez, nos será permittido quebrar o silencio que ainda nos é imposto: com que prazer traçaremos então uma scena verdadeiramente sublime! Que as almas piedosas se regosijem comtudo, sabendo que as orações do Reverendo Padre Agostinho não ficaram sem successo. Um membro desta familia não pôde, um pouco mais tarde, resistir ao espectáculo da radiante Eucharistia levada debaixo do pallio pelo mesmo Padre; e pela segunda vez approveu a Je-



sus Christo fazer uma conquista tão inexplicavel, no ponto de vista humano, como a primeira. Que se dirá d'est'outro prodigio da graça n'um seculo em que a cega ignorancia e a impiedade frivola não cessam de repetir que a *religião se vai*? Ai de mim! sim, talvez a *religião vai-se* do meio desta sociedade tão avançada no seu *progresso*, que ja não conhece mais que a *revolta do crime*, ou a *submissão do escravo*: ella vai-se do seio das familias cujo lar domestico foi infectado pela invasão desses livres que o espirito de Satanaz parece ter dictado. Mas esta mesma *religião*, terna mãe que não pôde decidir-se a abandonar seus filhos, refugio-se, levanta-se e brilha com o mais vivo esplendor nas santas moradas donde se elevam orações que atravessam as nuvens, e salvam, ellas só, as nações! . . . Tambem, ha alguns annos as conversões multiplicam-se, no silencio, tanto quanto ás claras se enfroquece nas massas, a fe, que segundo a definição de S. Paulo, é precisamente a certeza das cousas que não apparecem.

## VIII

### **Viagens evangelicas, e prégacao do Reverendo Padre Agostinho no Meio-Dia.**

O antigo convento dos Carmelitas de Carcassona acabava de ser providencialmente restaurado pelos religiosos, a cuja ordem tinha pertencido antes da revolução de 1789. Graças a ésta resurreição auxiliada por S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo Bonnechose, que uma outra revolução fez passar das cadeiras da magistratura para o gremio do episcopado francez; a cidade que já brilhava no tempo de Julio Cesar, tinha visto succeder a uma ignobil granja de feno, paredes de uma brancura brilhante, uma nova abobada em perfeita harmonia com a belleza do edificio, um orgão magestoso por sua estructura, um pulpito em arrendados abertos, um altar de marmore ricamente esculpido e reluzente de ouro e prata, uma igreja emfim onde as mais augustas ceremonias occuparam o logar onde se ouviam n'outro tempo os gritos roucos das

tu multuosas reuniões d'um club republicano. Sempre sustentado por uma protecção visivel do alto, o joven religioso que tinha recolhido os mais abundantes fructos de sua muito particular affeição pelas Epistolas de S. Paulo e a *Somma* de S. Thomaz, foi bem depressa julgado capaz de prègar o panegirico de Santa Thereza. Foi uma tarefa, de que se desempenhou muito felizmente, em 1852, depois de ter tocado no orgão durante as vesperas, e executado motetes de sua composição com um encanto arrebatador. Elle applicou-se a mostrar, fazendo o elogio da virgem seraphica, como Deus se apraz de escolher, entre os homens, o que ha de mais fraco para confundir o que ha de mais forte; e todos concordaram em reconhecer que o joven orador começava como outros muitos seriam bem felizes de poder acabar.

Tambem logo desde os primeiros mezes do anno seguinte, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho foi chamado a muitas dioceses que o desejavam ouvir. Depois de ter obtido a permissão do Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial, intentou, por meados de Março, uma viagem ao Meio-Dia, onde sua palavra e seus exemplos firmaram a fé e operaram numerosas conversões. Ter-se-ia podido crer-se no se-

culo em que S. Bernardo, da mesma idade, arrastrava atraz de si as populações das bordas do Rheno; porque, para a multidão maravilhada, eram antes as feições d'um anjo que as d'um simples mortal. A pallidez de suas feições, a humildade de toda a sua pessoa, seu vestuario severo inspiravam á alma um vivo sentimento de admiração pelo religioso que, apesar da indignidade do seu passado, e na sua morbosidade actual, effectuava tão grandes cousas. Seria muito longo, e talvez cansasse contar miudamente todos os actos desta viagem, na qual aquelles que se approximavam do Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho poderam ouvir-lhe dizer; «Meus Deus, fazei que me esqueça de mim para só pensar em vós.» Limitar-nos-emos, pois, a extrahir algumas das particularidades publicadas pelos jornaes das terras por onde passou. Esta revista rapida e succinta fará conceber uma parte do bem que elle fez por toda a parte.

A 8 de Março de 1853, dirigiu-se a Pamiers ao convento das filhas de Santa Theresia, onde uma pobre orphã ia revestir a libré de sua familia adoptiva, o Santo habito do Carmelo. Deixemos um instante a *Gazette du Languedoc* descrever esta interessante cerimonia:

« A's duas horas ja quasi não se podia entrar na igreja, tamanha era a affluencia. Emfim deixa-se ouvir no interior do mosteiro o toque d'uma sineta, corre-se uma cortina para detraz da grade, que separa o côro das religiosas do recinto de sua capella, e poderam ver-se as carmelitas adiantarem-se processionalmente ao cantó dos psalmos, com uma vella na mão, e cobertas com o seu comprido véu preto; parecia uma aparição fantastica. Atraz da Cruz, levada por uma dellas, caminhava modestamente adornada como para o seu mais bello dia de festa, a menina que se ia desposar com aquelle que tinha escolhido para esposo de sua alma, com Jesus-Christo.

« Entre suas mãos ardia uma grande vella, como um emblema do fogo sagrado que conservava por elle no fundo de seu coração. Ella veio ajoelhar-se ao pé da grade, em quanto as religiosas iam tomar logar nas suas cadeiras, esperando que começasse a augusta cerimonia. Ao vêr a attitude tranquilla, modesta e recolhida desta menina; ao considerar esta figura angelica sôbre a qual parecia reflectir-se, como um raio do Ceu, a serenidade de sua alma, julgal-a-íeis absorvida na contemplação d'alguma visão

seraphica. Depois d'alguns momentos d'espera, os olhos dos assistentes dirigiam-se com uma expressão de curiosidade misturada de satisfação, de sympathia e de prazer para um mancebo que atravessava a multidão, acompanhado dos Srs. Vigarios geraes e Capellão das Carmelitas. Elle vestia o habito cenobitico, uma tunica de burel e um manto branco: era um frade, um destes homens cuja dedicação e serviços foram tão mal pagos; um membro d'uma destas corporações veneraveis que uma revolução sacrilega tinha bannido. . . .

« Depois d'uma curta oração dirigiu-se para o pulpito, e apezar d'estar adoentado e de ser o unico (nós sabemol-o bem) de toda ésta numerosa assemblea, que ignorava que tinha de fallar aos fieis; n'um bello improviso, que durou tres quartos d'hora, captivou inteiramente a attenção de seu auditorio, e mostrou que a fê, a graça e a piedade fazem o orador christão, o verdadeiro apostolo de Jesus-Christo. — « *Filha do Carmelo*, exclamou elle por conclusão, *vós nutrir-vos-eis todos os dias com os fructos que germinam aqui: elles são amargos na apparencia, mas aquelles que os saboream, sabem quanto na realidade são sua-*

*ves ; e á noite se tiverdes sentido alguma fadiga em colhel-os, vireis aos pés do santo tabernaculo embriagar-vos, nos braços do bem amado, com o vinho das celestes consolações, comer os mais doces fructos desta terra promettida, banhar-vos e perder-vos nos abismos da divina dilecção. . . »*

« Neste lugar o Padre Agostinho parecia já fóra de si. O pensamento da Eucharistia como que o transportava e absorvia. Seu coração muito cheio trasbordava como uma torrente que alagou seus diques : de seus labios caíam as palayras mais ardentes ; dizia-se-ia que a graça tinha accendido em seu coração um volcão místico, que acabava de fazer explosão de repente. A commoção chegava ao seu auge quando elle nos representava a Eucharistia como um sinete real, imprimindo nas almas a imagem do Salvador, o sello da immortalidade ; como um arsenal formidavel onde o christão pôde achar todas as armas que o fazem triumpante, e onde os martyres vinham recolher ésta coragem heroica, que lhes fazia affron-  
tar as torturas e arrostar a raiva dos tyranos ; como um orvalho que secunda ; uma voz que domina as paixões ; uma potencia que faz enfraquecer os ventos, que apa-

zigua as tormentas, e acalma as tempestades.»

Estas particularidades são seguidas da narração das visitas que o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho fez no mesmo dia ao pequeno e ao grande seminario, assim como ás religiosas do convento de Nossa Senhora, e emfim do novo triumpho que obteve á noite á Saudação (\*), no orgão da cathedral; e o que ha de notavel, é que o narrador, joven presbytero de Mirepoix, exprimia tão conscienciosamente o que tinha sentido, que, oito mezes depois, veio bater á portaria do convento do Broussey, onde faz actualmente o seu noviciado. A 12 do mesmo mez de Março de 1853, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho fez em S. Boaventura, em Lyon, um sermão de charidade a favor da sociedade de S. Vicente de Paulo. A collecta que foi o resultado de sua palavra abrasadora e persuasiva foi tal, que os pobres ainda hoje resentem provavelmente o beneficio della proveniente, porque chegou quasi á cifra de seis

(\*) Ceremonia religiosa, que com o nome de «Saudação» se faz nas igrejas de França, com o Santissimo Sacramento exposto.



mil francos, o que é facil de comprehender d'uma assemblea, em que tres mil ouvintes tinham invadido o sanctuario. Partilhando do enthusiasmo geral, S. Em.<sup>o</sup> o Cardeal Arcebispo se appressou a escrever ao Rev.<sup>o</sup> Provincial para lhe pedir que confiasse o mais cedo possivel ao eloquente religioso a duplicada missão de fundar em Lyon a adoração perpetua (Lausperenne), e de prégar em todas as parochias da cidade sôbre um tão grande assumpto.

Pelo mesmo tempo chamaram-no de Genebra para ir alli prégar o mez de Maria. Elle accitou com gosto exclamando: «*Queira Deus que eu repare alli uma parte do escandalo que dei da outra vez! Quando não convertesse senão um protestante, seria isso mesmo para mim um grande motivo de dar ao Senhor muitas graças pela sua misericordia.*»

Passou em Lyon só tres dias; veio reforçar seu ardor pela salvação das almas ao convento de Carcassona, e dirigiu-se a Béziers immediatamente depois das festas da Paschoa. Fez-se alli ouvir, e algumas horas depois teve a consolação d'estabelecer uma nova conferencia da adoração perpetua.

Concluiu a mesma tarefa, e fundou a mes-

ma obra debaixo da impressão d'um arrebatamento, por toda a parte irresistivel e rapido, em Montpellier e Avinhão. Alli, como n'outras terras, o peregrino d'um exterior tão humilde, que entrava a pé n'uma cidade onde não era conhecido, tornava-se logo, com grande confusão sua, o objecto de todas as conversações, como se fosse o chefe d'um poderoso estado; e quando partia, não podia esconder-se aos cumprimentos do povo, dos magistrados e do clero, que lhe pediam instantemente que voltasse outra vez.

Chegou a Marselha nos primeiros dias de Abril.

« Felizes, escrevia um dos redactores de *Gazette du Midi*, felizes aquelles a quem é dado ver e ouvir este novo Ratisbonne, tão generosamente tratado pelo Ceu! Ha na sua voz, em todas as suas feições, no seu olhar angelico, alguma cousa que attrae, que prende sympathicamente a si; e ha corações mal dispostos que foram vencidos só pelo ascendente de seus olhos d'apostolo abrindo-se caminho até ao fundo das consciencias. Esta expressão hoje toda evangelica, d'uma phisionomia naturalmente agradável, harmonisa-se com o dom d'uma palavra cheia

da unção e da dignidade dos solitarios do deserto.»

A 25 d'Abril, o Padre Agostinho tendo-se lembrado de que n'outro tempo, em Pariz, pouco depois do seu baptismo se tinha associado ás conferencias de S. Vicente de Paulo, concedeu ás conferencias desta associação tão admiravel um sermão de charidade para os pobres e para duas outras obras interessantes de Marselha, na magnifica igreja de S. José. A flor da sociedade estava reunida em numero de mais de tres mil pessoas. O discurso que elle pronunciou captivou por mais d'uma hora o immenso auditorio, e commoveu o frequentemente até ás lagrimas. «Para julgar do seu effeito, referia a *Gazette* ja citada, teria bastado observar os votos, e ouvir as palavras entusiasticas de todos os que tinham tido a satisfação de o ouvir; felicitavam-se disso mutuamente, apertavam-se as mãos com alegria, com expansão: era um povo de irmãos que saia do templo, com o coração aquecido pelo amor de Deus e pelo fogo da charidade. S. Ex.<sup>a</sup> o Bispo assistia a esta solemnidade; o Pastor partilhou da commoção do seu rebanho, e quando o Padre Agostinho, atravessando o sanctuario, se ajoelhou a seus

pês, elle ergueu-o nos braços, e abraçando-o com effusão d'alma, lhe disse : « Sêde bemdito por todo o bem que me fizestes ; vossa palavra retiniu mesmo no fundo de meu coração, e quero ali conserval-a até o meu derradeiro dia. »

No dia seguinte, a igreja de Nossa Senhora do Monte recebeu tambem o Padre Agostinho que executou no orgão uma grande peça de musica de pleno jogo sôbre um thema improvisado, e coroado por um final cheio d'um enthusiasmo e um fogo que recordaram a todos os conhecedores o antigo amigo de Listz.

Por esse mesmo tempo o joven fundador do adoração perpetua foi visitar a Toulon a conferencia desta obra que acabava de estabelecer alli M. L. C., capitão de fragata ; e prégou na cathedral.

Como o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho era de compleição debil, e tinha recebido da natureza uma saude variavel e fraca, os medicos fizeram-lhe presentir que o excesso de suas fadigas obrigar-o-ia a renunciar á sua viagem a Genebra. Ao principio sentiu uma séria afflicção por ésta prohibição e pela de recitar o seu breviario ; « mas, disse elle, a Santa Virgem saberá resarcir-me destas duas

privações.» Effectivamente, alguns dias depois, a 2 de maio, baptisou á hora do meio dia um homem de 36 annos, antigo militar, a quem fez fazer a sua primeira communhão, e tomar o santo escapulario; e depois tendo voltado a Marselha, ficou encantado de ter de fazer alli, a 7 de maio, um segundo baptismo, contado nestes termos pela *Gazette du Midi*:

«Uma terna cerimonia reunia sabbado, na modesta capella das religiosas oblatas de Maria Immaculado, [uma mãe, com seus filhos, nascidos e educados no protestantismo. Esta Senhora teve a felicidade de reconhecer a verdade, e fez abjuração dos erros de Lutherô nas mãos do Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho: e sua propria filha, religiosa e superiora desta communidade, teve a satisfação de lhe servir de madrinha.»

«Cousa notavel! esta Sr.<sup>a</sup> era natural de Hamburgo, onde sua casa era mui proxima da de Hermann Cohen; ella não entendia o francez, e resistia ha trinta annos a todas as tentativas que se tinham feito para a chamar á fé catholica. Desde que o Padre Agostinho a encontrôu, e lhe fallou allemão, lembrando-lhe a terra natal de ambos, d'alli trezentas ou quatrocentas legoas de distancia,

derramou lagrimas d'enternecimento, e consentiu em ser baptisada, o que teve lugar pouco depois, debaixo de condição, seguindo-se ao baptismo a primeira communhão, e a recepção do escapulario segundo o uso constante do Padre Agostinho.

Para obedecer ás ordens do seu superior tratou o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho de voltar para o convento de Carcassona; e fez caminho por... onde teve novas relações com os adoradores do Santissimo Sacramento, e converteu ao catholicismo dous irmãos israelitas, mancebos de qualidade e de mui altas esperanças, que depois perseveraram nos sentimentos da fe mais firme e do mais tenõ fervor. D'alli seguiu para Grenoble onde prégou e teve nma entrevista com os pastorinhos da Salette. Tendo recebido noticias do Rev.<sup>o</sup> Padre provincial que regressava de Roma, foi esperal-o a Marselha, e ambos entraram no convento de Carcassona pelos fins de maio de 1853. O Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho não pôde prégar nesta ultima jornada por causa de sua doença, mas tocou orgão em Avinhão para uma hoã obra. Como não se restabelecia, foi mandado a Castelbelle, perto da cidade d'Hyères, n'uma solidão muito agradável pela belleza e a do-

cura do clima; e partiu para o seu destino, aonde chegou acompanhado d'outro religioso do Carmelo. O Sr. Bispo de Fréjus concedeu-lhe o favor de conservar o Santo Sacramento na sua habitação. Bem que doente e muito fraco nunca deixou de dizer missa todas as manhãs, algumas vezes sustendo-se unicamente n'um pé tanto eram grandes as dores que soffria no outro! e todo o restante do dia era obrigado a ficar estendido sobre umas esteiras, e n'uma encherga. Apesar destes soffrimentos, durante todo o mez de junho, consagrado ao Santissimo Sacramento, elle e o seu companheiro de viagem faziam juntos assidua e piedosamente, á noite, os actos de devoção prescritos pela regra do Carmelo. Achar-se-ha um pouco mais longe n'alguns fragmentos de sua correspondencia, a pintura animada dos encantos da sua residencia d'Hières, e dos movimentos interiores que lhe causava o espectáculo do mar.

Desta deliciosa residencia, as mesmas razões de saude fizeram passar aos Pyreneos o joven religioso sempre risonho no meio dos seus soffrimentos. A cada instante vergava debaixo do jugo que gostava de soffrer, e para fallar como Fleury, na vida de S. Bernardo, as testemunhas de suas dores teriam

podido comparal-o a um cordeiro preso á charrua.

Chegou nos primeiros dias de Julho a Bagnères, depois d'uma viagem penivel, durante a qual era obrigado a conservar-se quasi sempre deitado. Todas as manhãs celebrava o Santo Sacrificio da missa, e tocava muitas vezes o orgão no meio da multidão dos estrangeiros que vinham para passar alli a estação das aguas, e que não se cansavam de o admirar.

Chamado a Tarbes por S. Exc.<sup>o</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Bispo Lourenço, foi alli prégar para os pobres, a 3 d'agosto, na igreja de Sède. Tendo regressado a Bagnères, aonde o Rev.<sup>o</sup> Padre provincial se lhe veio reunir e dispor a fundação d'um novo convento de carmelitas nesta cidade, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho fez uma novena a N. Senhora da Salette, e no nono dia da festa de seu patrono, achou-se como por milagre, de repente n'um estado de saúde tão satisfatorio, que pôde cantar a missa solemne. Dous dias depois tomou a estrada de Carcassona, passando por Mirepoix onde teve uma entrevista com o joven sacerdote de que ja fallamos, e que devia bem depressa tambem entrar na santa ordem do Carmelo. De volta ao seu convento, ohi cele-



brou, com um accrescentamento de fervor incrível, o sexto anniversario de sua primeira communhão, que era como se viu, a 8 de settembro.

Durante o resto deste mez, foi affligido pelas mais vivas dores da doença que o atormentava ha dous annos, e que os medicos attribuiam á lucta continua desta alma de fogo e desta imaginação exaltada contra os membros de um corpo muito tempo revolto, e obrigado enfim a submetter-se á obediencia mais absoluta. O sangue do mancebo, fervendo-lhe nas véas, e achando uma repressão na potencia dos esforços da alma, parecia procurar uma saída e tinha aberto uma erupção n'uma de suas pernas. E entretanto, n'uma destas horas em que o mal era mais intenso, a 30 de Settembro, o Rev.º Padre Agostinho escrevia a um de seus amigos: «A imagem de nosso Padre S. João da Cruz me fez um verdadeiro prazer. Como este admiravel primeiro carmelita descalço, eu peço do coração a Jesus, durante a santa missa: *pati et contemni pro te* (\*): mas, ai de mim! não alcanço isto.

(\*) Soffrer, e ser desprezado por vos.

O que são meus pequenos soffrimentos em comparação dos deste vigoroso athleta? e pelo desprezo que mereço, alcanço ainda menos, e tremo pensando na terrivel conta que deverei dar um dia da boa opinião que se fórma deste miseravel e desprezível peccador: orai por mim; amemos a Jesus, tudo o mais não é nada.»

Se um mal qualquer supportado com paciencia inspira sempre um vivo interesse, quanta mais admiração devem excitar soffrimentos graves, supportados no meio de cânticos e palavras de amor e de reconhecimento!

Notou-se que em muitas circumstancias, quando o Rev. Padre Agostinho deseja ardentemente fazer um acto de charidade, ou uma obra qualquer util á gloria de Deus, á edificação da Igreja, ou ao allivio dos pobres, qualquer que seja a alteração de sua saude, ora com tal confiança, que no dia aprasado, acha-se melhor, préga, toca orgão, e até viaja, se é necessario, sem que o estorve o seu estado, E' assim que para realisar os votos ardentes de seu superior, pôde, no mez d'outubro, ir a Montpellier preparar a fundação d'um novo convento que está hoje em pleno exercicio; pronunciar em Carcassona o panegyrico de Santo

Thereza e voltar a Bagnères para pôr alli a primeira pedra do edificio do Carmelo recentemente creado.

Havia algum tempo que elle tinha promettido ir a Bordeus: « Não é porque a minha saude seja bem brilhante, dizia elle n'uma carta, mas para prêgar uma vez só, e tocar orgão tambem só uma vez, cuido que posso promettel-o sem muita presumpção..... Pelo que respeita ao orgão, eu desejaría muito que fosse em beneficio de alguma obra á escolha d'aquelles que me convidam; com effeito, eu não toco nunca nenhum instrumento senão para obras pias afim de sanctificar inteiramente esta acção.» Elle foi fiel á palavra dada, e desde o principio de novembro pôz-se a caminho. Dous dias depois teve logar em Mirepoix a scena enternecedora em que se determinou a vocação d'um vigario desta cidade. A narração d'algumas das circumstancias que a precederam immediatamente não será talvez aqui sem interesse.

Depois que o Sr. Padre B. . . viu e ouviu o Rev.º Padre Agostinho, manifestava algumas disposições a abraçar a ordem do Carmelo. Vivendo com seu irmão, mais moço que elle, e com sua irmã, tinha acha-

do neste uma viva opposição a seu desígnio; tinha-se comtudo estabelecido uma correspondencia intima entre elle e o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho; mas quasi todas as vezes que chegava uma resposta de Carcassona, era apprehendida e queimada: «Eu morreria de desgosto, dizia M.<sup>elle</sup> B... a seu outro irmão, negociante, se elle me deixasse só para se ir enterrar n'um claustro, » e este irmão parecia tomar pouco interesse nesta divisão de familia. As cousas estavam neste estado no momento em que o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho passou por Mirepoix. Elle era acompanhado do Rev.<sup>o</sup> Padre Maria Luiz, joven pregador da mesma ordem, o talento do qual fez uma tão profunda sensação na epocha do Jubileu, celebrado em 1852, na igreja de Santo Eloi de Bordeus. Depois do sermão pronunciado em Pamiers por este ultimo, e ao qual assistiam os Srs. e M.<sup>elle</sup> B..., o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho tinha sido de sua parte o objecto d'um gracioso acolhimento. Entretanto a irmã conservava alguns reccios sobre as relações secretas que tinham feito o assumpto da correspondencia em parte supprimida por ella. Quando todos quatro se acharam reunidos na casa hospitaleira, poze-

ram-se a conversar e entretinham-se de cousas indifferentes, eis que de repente o Sr. Padre B... levantou-se e disse commovido: « *Ha muito tempo que tenho vontade d'entrar no Carmelo, e não posso mais conter-me; meu partido está tomado.* » Depois agarrando n'um pequeno crucifixo que levou aos labios: « *Eu prometto por Jesus, exclamou, ser filho de Santa Thereza.* » Apenas acabára de proferir estas palavras, que a irmã, lançando-se-lhe nos braços e levantando os olhos ao Ceo, fez ouvir ésta exclamação: « *Pois bem, já que Deus o quer, eu faço-me carmelita.* » E o joven negociante, de pé, e cruzando os braços, exclama tambem: « *Ora ésta! E cuidaes vós que eu vou ficar aqui só? Nada, não! eu tambem quero ser carmelita.* »

E desde o outro dia de manhã procedia-se á venda da mobilia desta piedosa familia abençoada pelo Senhor. A irmã partiu para o Carmelo de Montpellier e os dous irmãos caminharam para o convento de Brousssey, para fazerem o seu noviciado e vestirem o Santo habito da familia de Maria. Diz-se muitas vezes que a se transporta as montanhas: não é verdade que ella opera milagres não menos admiraveis sobre o co-

ração do homem, quando ella lhes faz deixar tudo para terem tudo ?

O convento de Carcassona tinha visto partir dous viajantes sómente, o Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial e o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho, a solidão do Broussey viu chegar sette, a saber : os mesmos dous religiosos, os dous irmãos B..., outros dous jovens padres arrastrados por a mesma vocação, e o veneravel Padre A..., antigo director do pequeno seminario de Pamiers, que tinham querido acompanhar aquelles que até então tinha chamado seus filhos.

O Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial introduziu no convento de Broussey estes novos hospedes, a 5 de novembro de 1853; no outro dia, domingo, tiveram lugar uma profissão, e duas admissões, uma das quaes foi a do vigario de Mirepoix. Por occasião desta ultima o Sr. Padre A... subiu ao pulpito e dirigiu os mais patheticos adeuses a seu antigo discipulo. Bem depressa depois o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho, saccudindo a poeira de suas sandalhas, partiu para Bordeus onde passou quinze dias. Seria muito longo contar minuciosamente todo o bem que sua presença realisou nesta cidade em que era esperado com impaciencia; mas seria muito para sentir que se passassem em silencio tres das principaes obras que effei-

tuou. Elle começou por assentar em bases mais regulares e mais solidas a adoração nocturna do Santissimo Sacramento, fundada sob os seus auspicios e em seu nome, no anno antecedente, pelos Rev.<sup>os</sup> Padres Maria Luiz, e Carlos Maria, na capella dos Padres Jesuitas; depois tocou muitas vezes o orgão em diversas igrejas para a sociedade dos operarios de S. Francisco Xavier, e para a dos jovens aprendizes etc. Emfim, aquelle que ainda ha pouco ignorava completamente a lingua da Igreja, se fez ouvir no pulpito Primacial, ainda echoando os accents dos Ravinhan e os de Lacordaire. Foi a 10 de novembro, anniversario de seu nascimento, que teve logar ésta respeitavel solemnidade, á qual assistiam S. Em.<sup>a</sup> o Sr. Cardeal arcebispo de Bordeus, um grande numero d'eclesiasticos da diocese, e o auditorio mais brilhante. O duplicado fim a que tendiam todos os esforços do eloquente missionario inspirado pela graça foi attingido e excedeu mesmo a espectação geral, porque muitas conversões seguiram este triumpho: e alguns minutos depois, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho trazia, todo contente e bendizendo o Deus dos pobres, uma somma de perto de 2\$ francos, que entregou nas mãos das irmãs da

caridade de S. Vicente de Paulo, mães e consoladoras dos indigentes de tres parochias. Os jornaes reproduziram fragmentos deste discurso pronunziado com uma eloquencia tão unctuosa como arrebatadora. Bem que elles não possam dar senão uma idea fraca desta nobre e terna linguagem, que se diria caída do Ceu, como a da imitação de Jesus-Christo, pareceu-nos conveniente reproduzir aqui o que pôde ser apanhado ao cair dos labios do orador.

O Rev.º Padre Agostinho tomára para texto éstas palavras do Evangelho de S. João : « *Medio vestrum stetit quem vos nescitis* (Ha no meio de vós alguem que não conheceis). »

« Eu corri, conheci, amei o mundo, disse elle ; e não gozei nelle de nenhuma felicidade. Para achal-a atravessei os mares ; perpassei villas, cidades e reinos ; procurei-a nos espectaculos grandiosos da natureza ; corri incessantemente por amor d'ella os bailes, os salões, os festins sumptuosos ; procurei-a nas delicias compradas com o ouro, na ambição desmedida, na fé d'um amigo ; enfim, onde é que a não procurei ? e não a achei em parte alguma ! E vós, tendes achado essa felicidade ? Não vos falta nada ? Ah ! eu ouço em resposta um lugubre concerto de queixumes. »



« Onde estás, então ó felicidade? Dize-me onde estás, e eu sacrificarei tudo para te possuir: saude, fortuna, annos de minha vida; tudo, tudo te sacrificarei.

« Como é que, tendo nós todos nascidos para a felicidade, tão poucos a possuem? E' porque procuramol-a onde não existe, enganando-nos com falsas apparencias. . . . . Emfim, eu achei-a; e depois da'minha descoberta, superabunda-me a alegria; meu peito não pôde mais conter este volcão. Oh! eu vol-o peço, partilhae comigo deste excesso que me innunda. . . . . mas deixai-me dizer-vos primeiro onde achei a felicidade. . . . »

Depois da invocação á Santa Virgem, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho continúa pouco mais ou menos nestes termos:

« A felicidade da alma consiste na posse immutavel d'um bem real; e este hade ser o objecto mais perfeito possivel. Esse bem supremo, absoluto, encerra em si mesmo todas as perfeições; é o infinito, é Deus. Sim, é necessario o infinito ao coração do homem porque elle é insaciavel; o infinito que lhe faz gosar alegrias mais deliciosas que todos os prazeres; que o eleva a grandezas que vencem todas as elevações. Sondae as disposições de

vossa alma; no meio das honras mais insi-  
gnes, sereis como Alexandre, que se queixa  
de que o mundo seja tão pequeno que não  
contenha mais reinos para elle conquistar;  
no centro dos prazeres, como Horacio, com  
elle exclamareis: prazeres fugitivos que os  
annos levam consigo! e sentireis que a fe-  
licidade incorruptivel, perfeita não existe se-  
não em Deus.

« Mas, direis vós, como possuir a Deus?  
Eu respondo: a rasão eleva-nos para elle, a  
rasão que colloca o homem acima de todas as  
creaturas curvadas para a terra por sua exis-  
tencia passageira—em quanto que elle ergue  
seus olhos para o Ceo, e sua intelligencia pro-  
cura uma causa primeira e mais poderosa, e  
descobre o ser que não teve nunca principio.  
Ella mostra-vos um Deus magnifico, bom e  
justo.

« Para conhecer a este Deus, é necessa-  
rio subir da creatura ao Creador. Mas o que  
é Deus em si mesmo? Aqui a fé se eleva  
do ponto culminante, onde a rasão pára, e  
revela-nos a natureza deste Deus e as rela-  
ções de paternidade, de filiação que tem em  
si. A rasão esconde-se vergonhosa; e a fé faz  
brilhar aos nossos olhos os esplendores d'um  
Deus tres vezes santo.

« Ha uma palavra que faz immensas revoluções, uma palavra que quer dizer talisman, luz, incendio, amor, felicidade, gloria, liberdade, eternidade, immuniidade: ésta palavra é Jesus-Christo, Filho de Deus, e elle mesmo Deus. O peccado embotára todas as nossas faculdades; Jesus-Christo desceu para nos fazer subir; elle deu-se a nós, elle habita no meio de nós. E' Jesus-Christo que nós podemos possuir. Só de nós depende ser felizes. . . . .

« A fé mostra-nos a felicidade em Deus e em Jesus-Christo, seu Filho; é um mysterio que a soberba não póde penetrar; e o que prôva que ésta verdade vem de Deus é que o homem não inventa o que não póde comprehender. Quando eu não cria em Jesus-Christo, de dia estava atormentado pelas trevas do erro, e de noite por angustias crueis; Jesus-Christo pôz na minha alma a paz e o socego, e a sabedoria ergueuse em logar do erro, no horisonte do meu entendimento.

« Tudo o que no mundo se faz, sem ser em nome de Jesus-Christo, não póde ser acto de sabedoria porque só elle é a fonte de toda a sabedoria.

« Mas para achar Jesus-Christo é neces-

satio vigiar e orar. Feliz, disse a Escriptura, o homem que vigia ás portas de dia e de noite; isto é, que vêla á porta do seu coração para esperar a Jesus-Christo.

« Thereza, a séraphica, procurava na oração a luz eterna que a illuminava. Orae pois, pedi, e recebereis este vinho generoso da immortalidade que decorre do logar da oração. Elevai-vos sobre os cimos do Carmelo; participae deste banquete sagrado, ao qual tambem os pobres e os ignorantes são convidados. Comei o pão, bebei o vinho que eu vos preparei. Pela oração, humilhamo-nos, enchemos o abismo que separa o homem de Deus. A oração dá a fé. Estudae a phisionomia do homem de oração, lereis nelle a paz, o contentamento. E' pela oração que nós nos ligamos, que somos escravos da vontade divina, que é a verdadeira liberdade. Não confundamos a liberdade com a licença: a liberdade é a ausencia de todo o estorvo que possa prender a ventade na execução do bem. Estes estorvos são as nossas paixões. O bem, é a vontade de Deus. Aquelles que se curvaram ao jugo sagrado desta lei, gosam da verdadeira liberdade, voam para Deus com um vôo desembaraçado.

« A fé adquire-se pela oração, que reuni-

da a ella, dá á alma paz, amor, sabedoria, luz, liberdade ; tudo o que está contido em Jesus-Christo. E' impossivel a quem não o ama ser feliz. Ama-se a ventura, e Jesus-Christo, única ventura passivel, não é amado ! Amam-se as riquezas, e Jesus Christo, superabundancia eterna, não é amado ! Amam-se os prazeres, as grandezas, e Jesus Christo, prazer o mais delicioso, Jesus-Christo, esplendor da gloria eterna, não é amado. . . . .  
O' vós todos que me ouvis, não lastimaes que seja um judeu quem venha pedir a christãos que adorem a Jesus-Christo !

« Sol, retira a tua luz ! Nuvens, cessae d'espalhar as vossas chuvas ! granizos, precipitai-vos impetuosos ! Filhas de Sião, virgens santas, tomai o cilicio, cubri-vos de cinza, choraes, jejuae, velaes, Jesus não é amado, porque não é conhecido ! Estuda-se, aprende-se tudo, a elle não querem estudal-o. . .  
E comtudo missionarios vão levar seu nome ás extremidades da terra !

« E comtudo por elle morrem os martyres sobre os cadafalços ; por elle trinta irmãs da charidade partirão amanhã da propria casa que vos recommenda os pobres por minha voz, e dirão adeus á França para irem affron-  
tar os perigos d'uma longa navegação, e sob

a direcção de tres padres lazaristas, fundar no Chile um novo estabelecimento que fará abençoar mais uma vez o nome de S. Vicente de Paulo!. . . . Quem é pois Jesus-Christo? Quem é?! Ouçamos o Propheta: «*Quem poderá contar a sua geração?*» Deus, infinitamente bom, infinitamente santo, infinitamente poderoso, infinitamente um, deve communicar-se á creatura finita; é necessario pois que elle se communique de si mesmo a si mesmo. . . . O nome de pae deve convir-lhe; pae de todos os seres que se reproduzem segundo as suas leis, não poderia produzir um outro elle pela secundidade de sua natureza feliz e perfeita? E' ésta necessidade de se communicar que fez com que Deus Padre gere de toda a eternidade um Filho perfeito como elle. . . . Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, e isto de toda a eternidade como elle é. . . .

«O tempo não se acha senão nas cousas mudaveis. Deus é immutavel. Elle nasceu no principio. Deus não pôde produzir sóra de si mesmo um outro elle; não tem necessidade de associar-se a um outro para produzir. *Eu vos gerei de meu seio antes da aurora.* Este unico-Filho esgota a secundida-

de divina. Este filho de Deus, Deus igualmente, em quem o Pae pôz todas as suas complacencias, o Pae nol-o deu: é assim que Deus amou o mundo. E hem que elle seja a ineffavel felicidade dos anjos, desce do Ceo possuido de amor pelo homem e faz-se homem. E Deus se faz semelhante a nós para se fazer amar de nós! Desceu do Ceo por causa de sua immensa caridade e para nossa salvação: e é só pela humanidade que elle passou uma vida de privações e de soffrimentos; é por ella só que supportou as humilhações, os ultrages, as calumnias; que prégou o seu Evangelho; que soffreu os mais cruéis tormentos; que morreu no supplicio mais infame e mais atroz; e que por fim resuscitou.

« Elle mesmo se entregou por nós, diz o Evangelho. Depois disto, como podemos admirar-nos de que haja um inferno? Isto ainda não é tudo. . . .

« Um dia trepava eu com muito custo uma montanha esçarpada, seguindo um carreiro, praticado somente por malleitores entre os rochedos, em cujas pontas meus joelhos se tinham rasgado e ensanguentado; cae um temporal, a torrente descendo da montanha, scarrea para um abysmo aberto a meu la-

do arvores desarraigadas, e penedos de granito rolando com um estrondo aterrador; eu arrastrava-me, collado á montanha; o relampago rasga as nuvens, e descobre o precipicio que bem depressa me vai subverter; de repente o fogo do Ceo, relampejando no meio da tempestade, me faz perceber sôbre uma montanha proxima uma portinha dourada á ilharga do penhasco: Abri por favor, gritei eu com toda a força; abri a um pobre viajante, que anda perdido, e que succumbe á fadiga e á violencia da tormenta.

« De repente sae um bello mancebo; toma-me pela mão e me introduz na sua misteriosa habitação; desembaraça-me de meus vestidos manchados de lama e de sangue, mette-me n'um banho delicioso onde acho a força e a saude, e uma vida nova no seu perfume inebriante.

« O som da tempestade tinha deixado de fazer-se ouvir; o mancebo tinha estendido sobre a piscina suas duas mãos atravessadas de chagas d'onde repuxava o sangue que cahia sobre todo o meu corpo; em lugar de me tingir, revestia-me d'uma brancura resp'andecente, e enchia-me d'um brilhantismo desconhecido.

« Veste-me depois um vestido de purpura



de rei, o mais bello que meus olhos tenham em algum tempo visto ; accende um fogo que sai de si mesmo, e que o illumina completamente de claridades magnificas ; de sua face partiam raios inflammados que exclareciam a abobada ; serve-me um sustento admiravel ; — d'uma ferida feita ao lado enche uma taça de um vinho delicioso que me embriaga, e transporta ás regiões superiores.

« Assentado perto deste mancebo, eu vi que elle era adorado pelos cherubins que lhe offereciam, prostrados na sua presença, o incenso mais puro ; sua palavra fez-me gozar de sentimentos desconhecidos ; encósto minha cabeça ao seu seio, e adormeço no meio de um sonho delicioso. Depois de alguns momentos de um somno tranquillo, o mancebo toca-me, e me accorda : Senhor, lhé digo eu então, eu vos agradeço, vou continuar a minha jornada, pois que a tormenta está passada. Voltae todos os dias, me disse elle, eu vos alumiarei, eu vos aquecerei. Extendei, lhe disse então, extendei vossa mão para que ella me abençoe : eu quero ficar comvosco, quero gozar, gozar sempre de vossas delicias. Mas quem sois vós ?— Eu chamo-me Amor, Eucharistia. Oh ! Jesus, Hostia Santa, perdoai-me ter-vos conhecido tão tarde.

Em nenhuma parte achei a alegria, a felicidade; e possuo-as agora em vós.

« Mancebos, se quereis ser felizes, estadae, recebei a Eucharistia. Procuraes o amor? mas elle não está em uma afleição inconstante; está no Coração do Crucificado, aberto pela lança do soldado, ferida sempre aberta, d'onde mana sem cessar a fonte do amor e da felicidade. Quereis ser felizes? ouvi Francisco de Assiz: «Meu Deus é tudo, ó Jesus!» exclama elle n'um impeto de amor por Jesus-Christo, Vêde este louco que deixa familia, e pátria, para ir prégar pelo universo por amor de Jesus-Christo; que funda uma ordem celebre, esclarece e illumina seu seculo com as suas virtudes!

« Vêde est'outro Francisco Xavier, vivendo d'amor, de tribulações, de despresos, de fadigas, e exclamando: «Basta, ó meu Deus! alargai meu coração que succumbe.»

« Vós, santas e heroicas filhas da charidade de S. Vicente de Paulo, onde achastes vós, onde ides buscar este ardor, este zelo que desenvolveis na nobre missão do apostolado dos pobres? Vós amais nelles uma outra Eucharistia. Eu vos dou graças por terdes feito vir de tão longe um pobre de Jesus-Christo, que vem aqui estender a mão e pedir

pão para esses pobres, mendigando por amor de Jesus-Christo que disse: Tudo o que vós daes em meu nome, é a mim que vós o daes.

« Vinde todos, exclamou elle, ao concluir; vinde, vós, que tendes fome e sede de ventura e d'amor, vinde todos para junto de Jesus-Christo; elle dá-vos todo o seu coração; dá-vos toda a sua gloria; amai-o, identificai-vos com elle; elle é tudo, o resto não é mais do que vaidade e illusão, comparado á sua ternura e suas grandezas.

« Amemos a Jesus. Nunca me cançarei de convidar todos homens ao seu amor; amemos a Jesus. Olhae que só ha uma ventura, a de amar Jesus, e ser por elle amado.»

Tal foi em parte, mas muito desbotada, a prégão que lançou em todas as almas preciosa semente de salvação. Ao terminal-a, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho exprimiu com calor e sensibilidade a profunda gratidão dos religiosos do Carmelo para com o príncipe da Igreja presente á cerimonia, que tanto fez a favor delles; recordou como este prelado tinha sido, ha dez annos, o restaurador do Carmelo em França, e o protector do primeiro convento fundado em Rions, como seu illustre predecessor, o Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> d'Aviau, o tinha sido dos Rev.<sup>os</sup> Padres Je-

suitas. Sua Eminencia pareceu muito sensibilizado, e visivelmente partilhava da commoção, cada vez mais viva, do seu rebanho, quando os alumnos da capella, accompanhando-se com o orgão fizeram ouvir muitas das arrebatadoras composições do Rev.º Padre Agostinho, e com especialidade o cantico tão popular :

Ja passaram os dias da dor,  
Ja de minh'alma a paz encontrei;  
A ventura, depois, que gozei,  
De, no Templo, viver, do Senhor.

O resto da residencia do Rev.º Padre Agostinho em Bordeus foi marcado por grande numero de scenas enternecedoras que, por se haverem passado mais ou menos na sombra, não ficarão por isso menos gravadas na memoria de todos aquelles que as presenciaram.

Depois de ter feito um passeio de tres dias a Angers onde sua palavra electrison todos os corações, como em todas as outras partes em que se fez ouvir; e em Tours, onde S. Em.º o Cardeal Morlot o mandou buscar na sua carruagem, ao descer do caminho de ferro, e quiz que se hospedasse no

palacio archiepiscopal; o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho foi chamado a Carcassona.

A 25 de novembro, ao meio dia, na occasião de partir a diligencia de Bordeus a Pariz, os olhos enternecidos da multidão contemplaram na praça publica, dous religiosos vestidos com um manto branco, e cujo capuz deitado para traz deixava conhecer suas feições cheias de doçura e de dignidade; um delles debrou os joelhos diante do outro, pediu-lhe a benção, e recebeu suas instrucções em voz baixa; era o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho que se despedia do Rev.<sup>o</sup> Padre Carlos, seu superior de Bordeus. Occupando seu logar n'um dos assentos mais humildes da carroça, o piedoso peregrino disse a um d'aquelles que deixava: — *« Quando me retirei de Pariz, só de duas cousas tinha saudades: a adoração nocturna, e a obra de S. Vicente de Paulo, de que eu era membro; ésta saudade renova-se hoje no meu coração, dizendo adeus a uma cidade protegida por duas semelhantes associações. Se alguma cousa pôde consolar-me, é a esperança de propagar a adoração nocturna por toda a França, e não negar nunca a minha palavra aos pobres de S. Vicente de Paulo. »*

O Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho, tendo alimen-

tado a sua alma e recuperado forças entre seus irmãos de Carcassona, foi prègar a quaresma a Pamiers; e de lá, por Montpellier e Lyon, seguiu para Paris com o Rev.º Padre Provincial. Apearam-se ambos na casa dos Lazaristas, rua de Sèvres, em Pariz. A 24 d'abril de 1854, o antigo israelita, tão affamado entre os artistas da capital, appareceu no pulpito de S. Sulpicio. A vasta basilica estava cheia por um immenso, e escolhido concurso de fieis. Esta multidão explicava-se por um duplicado motivo de piedosa curiosidade e de charidade; tratava-se, com effeito, de ir em auxilio á obra tão popular de Santa Genoveva, estabelecida em fãvor dos pobres dos arrabaldes, pelas filhas de S. Vicente de Paulo.

Não foi sem grande e unanime commoção, que este auditorio tão conspicuo ouviu o novo centurião, confessar a divindade de Jesus, batendo no peito. Mas o que nenhuma expressão humana poderia narrar, é o movimento sympathico, que prendeu por espaço de hora e meia, aos labios do orador, a multidão de mancebos, que alli tinham concurredo por motivos diversos. No momento em que se voltou para elles, recordando que a sua vida tinha sido como a delles, e em que

abrindo os braços, os conjurou a que partilhassem de sua ventura presente, sentiu-se em todos os pontos um estremecimento, que, se a magestade do logar, não tivesse contido o movimento dos corações, os applausos teriam resoado por toda a parte. O resto do discurso foi com pequena differença o mesmo que em Bordeus, porque parece tel-o escolhido para estrêa em todas as cidades onde fallando pela primeira vez, é natural que comece por explicar todo o seu passado, e a mudança que a graça operou nelle. O Sr. Arcebispo de Pariz presidia á assemblêa; Sua Grandeza deu a benção do Santissimo Sacramento, durante a qual o artista convertido fez ouvir no orgão melodias verdadeiramente seraphicas, e arrebatou as almas, que a sua eloquencia acabava de persuadir.

Quando sabiam de S. Sulpicio, os dous Rev.<sup>os</sup> Padres eram accompanhados por outro joven israelita de maneiras elegantes, que dizia tambem adeus ao mundo e á administração dos caminhos de ferro, para ir immediatamente ao noviciado dos carmelitas, e lançar-se aos pés de Santa Thereza, pedindo-lhe que o adoptasse por filho: conquista gloriosa, depois de tantas outras, devida ao exemplo e aos accents d'aquelle que Deus

visivelmente encarregou de recrutar uma santa milícia, onde o seculo contava mais partidistas e adoradores.

É assim que, devorado do zelo da casa de Deus, o Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho continúa suas excursões atravez da França, repetindo, a exemplo de seu divino mestre, ás almas enfermas: « *Vinde a mim, vós que soffreis, e sereis curados.* »

Oxalá bem depressa possa dizer-se, graças á sua admiravel dedicação, que no antigo reino de S. Luiz não se passa uma hora em que a nação não seja protegida pelo acto mais solemne do christianismo!

E agora para empregar as expressões d'um dos órgãos da imprensa:

« Que ternas e elevadas reflexões deve fazer nascer em todos os corações, capazes de comprehender o que é grande e bello, a combinação mental de todo o damno que teria podido causar á sociedade um manco do-tado de todas as faculdades, de que o abuso faz ordinariamente tantos estragos; com todo o bem que pelo contrario, diariamente opera sua conversão milagrosa, por toda a parte onde se mostra, e sabe tão prodigiosamente fazer-se ouvir, apesar de seu passado tempestuoso, seu habito grosseiro, e a



simplicidade de todo o seu exterior e de sua  
palavra ! »

—

—

— IX —

**Fragmentos de correspondencia.**

Diz-se que *o estylo é o homem*, e ésta observação tem-se achado quasi sempre d'uma exactidão perfeita quando tem sido applicada a escriptos despídos de todo o trabalho de polidura até nas partes mais insignificantes, e de qualquer pretensão a produzir effeito. Por isso tambem, todos os que conhecem o Rev. Padre Agostinho concordam em que acham um reflexo de toda a sua pessoa nos trechos das dõze seguintes cartas, onde o religioso falla com o mais franco abandono, e em abundancia de coração. O humilde filho de Santa Thereza nos perdoará (e o que é que elle hoje não perdoaria?) por havermos feito sair da obscuridade as expansões de sua alma, ardente ao mesmo tempo

que tímida; as palavras, ou melhor, as confidencias feitas a alguns de seus amigos. Seria talvez uma indiscrição digna de censura, se ésta revelação não devesse mostrar cada vez mais a sinceridade, e tambem o prodigio de sua conversão. Em todo o caso, abster-nos-hemos, por ser cousa inutil, de fazer qualquer commentario a éstas cartas, que provam, como tem uma linguagem que lhes é proprio, as almas em que habita o Espirito Santo.

1.<sup>a</sup> CARTA

Ao Sr. Padre Castells (\*), capellão do hospital de Santo André de Bordeus.



I. M. I.

*a Pax Christi.* Eremiterio d'Agen, 9 de fevereiro de 51.

« Meu charo Padre e Sr.

« Que Jesus vos pague a bondade que ten-

(\*) Este ecclesiastico é aquelle que prégou o sermão da profissão do noviço Herman.

des tido por mim, fazendo abundar em vosso coração a sua deliciosa paz, *quam mundus dare non potest* (\*). O nosso Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial parte hoje comigo para Carcassona, aonde vai para uma fundação; e entretanto eu quizeria achar um minuto para vos exprimir o meu reconhecimento e meu terno respeito. S. Rev.<sup>a</sup> não pôde escrever-vos por estar muito occupado com a correspondencia, mas encarrega-me de o fazer tambem em seu nome.

« Que vos direi eu de minha pobre e obscura pessoa? Que todos os dias sou mais feliz, no meu desterro sôbre a terra, ao pé do tabernaculo d'amor. Todas as minhas aspirações são por Jesus na Eucharistia.

« Mas isso não exprime bem as maravilhas que o nosso amavel Jesus se digna operar em sua indigna creatura. Ah! meu charo Sr. Padre! dando comigo graças ao Senhor, sustentae o peso enorme dos beneficios que delle recebo.

« Quando tiverdes em vossas mãos, no Santo Sacrificio, a victima adoravel, dizei-lhe que desejo amal-o de todo o meu coração e cessar de ser ingrato. Pedi-lhe que me

(\*) Que o mundo não pôde dar.

dê humildade e cruces; porque tenho neces-  
sidade de soffrer alguma cousa por seu amor.  
Eu abaffo nesta fornalha de beatitude, e pa-  
rece-me que a cruz me alliviaria.

« Vai-se dar principio a vespervas; Jesus  
me chama, permitti-me que deixe Jesus por  
Jesus, e perdoai-me éstas garabulhas.

« Vosso indigno servo em Jesus e Maria,

« FR. AGOSTINHO MARIA DO SANTISSIMO  
SACRAMENTO, *carmelita descalço.*

« Viva Jesus! viva Maria! viva a loucura  
da cruz.

2.<sup>a</sup> CARTA.

A M...



*Pax Christi.* Tudo por Jesus!

« Carmelo de Carcassona, 6 de novembro  
de 52,

« Meu charo Sr. e muito amado irmão  
em Jesus, que nossos corações se unam e se  
confundam n'aquelle que tanto amou os ho-  
mens. . . . .

Eu estimarei muito receber noticias vossas

que me são tão charas, e de M. . . . , e de  
nossos communs amigos de Bordeus. Vós  
tendes e tereis sempre um lugar reservado  
no *memento* da Santa Missa, e no meu po-  
bre coração que vos deve tanto.

« Não é uma das menores graças que me  
fez Jesus, ésta de me dar um amigo como  
vós sois! mas fizei-me este favor mais pre-  
cioso, dizendo-me a verdade completa, e não  
poupando minha fraqueza por meio de pa-  
lavras ternas, que não mereço.

« Oh! charo amigo de Jesus, amemol-o  
bem, este bom Senhor! Sejamos todos del-  
le; ardamos, sim, abrazemo-nos d'amor por  
Jesus! oh! se tivésseis domingo passado ou-  
vido o charo e ardente Padre Maria Luiz,  
tereis sentido um choque deste volcão d'amor  
que o consome.

« Invejo-vos quasi, e chego a ter ciumes  
de que vades tirar-nol-o para o advento. Eu  
o encarregarei, para me consolar, de vos abra-  
çar bem ternamente da minha parte, e de  
vos dizer quanto vos amo em Jeus, nosso  
Salvador, e em Maria nossa boa Mãe.

« Vosso muito indigno servo,  
« FR. A. M. DO SS.<sup>mo</sup> S. »

3.<sup>a</sup> CARTA.

A M.<sup>me</sup>

*Pax Christi.* Tudo por Jesus,  
a Carmelo de Carcassona, 25 de Dezembro  
de 52 (Natal).

« Meu muito amado irmão e amigo em  
Jesus,

« Viva o Menino Jesus!

Desejo-vos uma visita muito particular da  
graça e do amor deste divino menino que veio  
consolar a terra nestes dias de benção. . . .

« Se não vos tenho escripto, é porque o  
hom Jesus não nos pôz no mundo para fa-  
zermos o que mais nos agrada, mas para  
contrariar e provar nossas proprias inclina-  
ções, afim de caminharmos pelos vestígios  
deste bom mestre, que não fez um só ins-  
tante a sua vontade em todo o tempo que  
passou na terra. . . .

« Muitas instrucções que tive de preparar,  
a Theologia de S. Thomaz e os officios di-  
vinos, tão solemnes, deste santo tempo, absor-  
veram todas as minhas horas, e me detive-  
ram umas vezes na classe, outras na ordem,  
outras no estudo das Sagradas Escripturas e

dos Santos Padres, de tal sorte, que todos os dias dizia comigo que escreveria *amanhã*. Graças a Deus, como vedes, este *amanhã* não se tornou um *nunca mais*.

«Agradeço as boas noticias que nos daes dos nossos Padres em missão. Jesus faz o que mais quer! que se digne pois de converter, abraçar todas as almas e fazel-as arder no seu delicioso amor. Nós estamos todos sensibilizados com a magnifica noite de Natal: cantamos, e *jubilamos* a perder a respiração durante mais de seis horas consecutivas afim de bem receber nosso Salvador com os pequenos meios que se digna de dar-nos.

«Pedi-lhe por mim, que me converta, porque sou sempre vosso muito pobre e muito indigno servo

«Em Jesus e Maria,

«Fr. A. M. DO SS.<sup>mo</sup> S.»

#### 4.<sup>a</sup> CARTA.

*Pax Christi.*                      Tudo por Jesus.

Carmelo de Carcassona, 2 de janeiro de 53.

«Meu charo Sr. e amigo, e muito amado irmão em Jesus,

« Que o Menino Jesus vos encha de suas  
mais abundantes larguezas.

« O Padre Carlos dizia-nos ha pouco no  
pulpito, que em logar do costume que tem  
o mundo de desejar somente um bom anno,  
elle desejava-nos uma *boa eternidade*. Per-  
mitti-me d'offerecer-vos este voto do meu co-  
ração, por occasião das tão notaveis festas  
que acabamos de ter. Elle não poderia di-  
zer-vos como foram ferverosas, alegres, e  
santamente celebradas este anno! Nosso  
Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial assegura que desde  
que está em nossa religião santa, ainda as  
não viu tão solemnes: poderíamos pois re-  
petir com o versiculo do cantico do Natal:

« Nunca a noite foi mais bella,  
Nunca foi mais bello o dia! »

« Deixo-vos ao pé do presepio, e vou tam-  
bem para lá afim de nelle depor vosso co-  
ração.

« A santa obdiencia obriga-me a abbre-  
viar tudo o que eu tinha ainda vontade de  
vos dizer.

« Amemos a Jesus! isso diz *tudo!*

« Todo vosso em seu coração e no de  
Maria;

« Vosso indignissimo servo

FR. A. M. po SS.<sup>mo</sup> S. »



« Nossó Rev.<sup>o</sup> Padre e toda a communi-  
de vos desejam uma boa ETERNIDADE. »

5.<sup>a</sup> CARTA.

P. C. Tudo por Jesus.

Carcassona, Domingo de Ramos, 20 de mar-  
ço de 53.

« Meu charo amigo em Jesus crucificado,

« Se me demorei tanto a responder-vos  
foi porque fui a Lyon, Avinhão, Montpel-  
lier, Pamiers etc, prégar a palavra do bom  
Jesus. Não vos admireis disso. Nosso Rev.<sup>o</sup>  
Padre não queria entregar-me ao santo mi-  
nisterio senão d'aqui a tres annos, mas uma  
grande affecção nervosa causando-me soffri-  
mentos quasi contiuuos, um celebre pro-  
fessor da faculdade de Montpellier me re-  
ceitou as viagens, a vida activa e um pou-  
co de ministerio ! quanto a este, é-me impos-  
sivel dar-vos uma idéa, e dizer-vos quanto  
Jesus se dignou *d'abençoar* minhas primei-  
ras armas no apostolado. Eu chego de Lyon  
embriagado de consolações de toda a espe-  
cie. Parece incrível.

« Para o mez de Maria (maio) devo apparecer em Genebra, baluarte dos protestantes, e um dos principaes theatro da minha escandalosa vida passada. Encomendai a Deus este importante negocio.

« Adopto com prazer e vivo reconhecimento o projecto da piedosa Sr.<sup>a</sup>. . . . Este projecto pôde combinar-se perfeitamente com o da adoração nocturna.

« Eis como:

« Os adoradorês nocturnos são bastante numerosos na vossa querida cidade para fazerem as suas santas vigílias uma vez por semana.

Poderiam portanto ás quarta-feiras á noite de todos os mezes passar deliciosamente as suas noites aos pés de Jesus; e no outro dia ás seis horas, começaria a adoração para as Sr.<sup>as</sup>, durante a qual intercellar-se-iam a missa cantada e as vesperas solemnes. No caso de que não quizessem deslocar todas as quarta-feiras, d'igreja para igreja, a adoração nocturna, então ésta nova fundação poderia unir-se *espiritualmente* e pela intenção, á nossa obra; nós trataríamos lá para o diante de procurar o modo de fazer destes elementos diversos um todo o mais completo possível.

« Eu espero ter o gosto de ir para o ve-  
rão que vem com nosso Rev.<sup>o</sup> Padre á sua  
visita provincial: que consolação terei em  
tornar a ver-vos, abraçar-vos, e contemplar  
o desenvolvimento destas bellas obras para  
a gloria da divina Eucharistia!

« Custa-me a deixar-vos agora; mas é o  
meu dever, chamam-me numerosos traba-  
lhos; fico porém unido a vós no coração so-  
fredor do nosso Jesus, nestes dias de sua  
dolorosa paixão.

« Adeus! peçamos a Jesus que nos dê al-  
gumas lagrimas ésta semana, ao menos la-  
grimas do coração.

« Todo vosso, ao pé da cruz, no coração  
traspassado de Maria,

« Vosso indignissimo servo,

« FR. A. M. DE SS.<sup>mo</sup> S.

6.<sup>a</sup> CARTA.

Ao Sr. Jose Schad, celebre pianista  
em Bordeus (\*).

P. C. Tudo por Jesus.

« Carmelo de Carcassona, 20 de março de 53.

« Meu charo amigo,

« A graça de N. S. Jesus Christo seja  
contigo!

Agradeço lembrares-te de teu máu amigo.  
« Eis bastantes mudanças operadas pela  
misericordia do bom Jesus; mas o que é  
inteiramente para surprehender, é que vou  
prêgar o proximo mez de Maria a Gene-  
bra!!!... Como os nossos antigos amigos  
vão ficar admirados!

« Emfim, Jesus pôde tudo! Espero que  
me ajudarás com as tuas orações nesta obra

(\*) Este é o sobr'escripto da carta do Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho a Mr. Schad que n'outro tempo tinha conhecido em Genebra, e com quem se tinha occupado do estabelecimento d'um conservatorio de musica sob a direcção de Listz. Tornaram a ver-se mais tarde em Paris, e não cessaram depois de ter affectuosas relações.

tão difficil. Quanto a mim, orarei pôr tua  
mulher e por ti.

« Amanhã parto para Marselha (rua de  
St. Savournin, 57), e em maio, hospedar-  
me-hei em casa do Sr. Cura de Genebra.  
Espero receber noticias tuas.

« Conta sempre com a minha sincera af-  
feição, em Jesus e em Maria.

« Teu indiguo servo  
FR. A. M. DO SS,<sup>mo</sup> S., *Carmelita descalço.*

### 7.<sup>a</sup> CARTA

P. C.

Tudo por Jesus.

« Hyères, 30 d'abril de 53.

« Meu charo Sr. e muito amado irmão em  
Jesus.

« Amemos a Jesus!

« Os soffrimentos e as viagens me retar-  
daram; hoje mesmo estou excessivamente  
incommodado. Mas quero consolar-me com-  
vosco, fallando-vos das obras para a gloria  
de nosso Jesus. . . .

« Eu não posso ir a Genebra, o medico,  
e minha cabeça não querem.

« Nosso bom Senhor digna-se de dar-me  
dores quasi continuas; eu o abençôo por is-  
so, que é como creio uma de suas maiores  
provas de amor.

« Prêguei em Béziers, Montpellier, Avi-  
nhão, Toulon, Marselha. Jesus abençôou tu-  
do como em Lyon. Depois d'amanhã bap-  
tiso, em Toulon, um judeu de 36 annos; ou-  
tros dous, muito distinctos, de Marselha, es-  
tão aballados, assim como uma Sr.<sup>a</sup> protes-  
tante; eu volto lá segunda feira. O Bispo  
de Marselha abraçou-me diante de toda a  
igreja cheia de gente, aos pés do altar, no  
fim do sermão.

« Abençoemos a Jesus por tudo.

« Adeus; crêde-me sempre aos pés de Je-  
sus e de Maria,

« Vosso muito indigno servo  
Fr. A. M. do SS.<sup>mo</sup> S.

8.<sup>a</sup> CARTA.

A M.<sup>me</sup>

P. C.

Tudo por Jesus.

« Carcassona, 25 de maio de 53.

« Meu charo Sr. e muito amado irmão em  
Jesus-Amor,

« Vossa excellente carta encheu-me de  
consolação. Eu chego d'uma longa viagem a  
Lyon, Grenoble, Marselha, Avinhão, Mont-  
pellier etc. Em Lyon, tres mancebos israeli-  
tas estão decididos a fazerem-se catholicos;  
e um delles espero que dentro de poucos dias  
receberá o baptismo. Creio ter-vos dito que  
tive o gosto de administrar o baptismo na  
cathedral de Toulon a um judeo de 36 an-  
nos, que fez a sua primeira commuabão com  
uma se admiravel, assim como uma Sr.<sup>a</sup> pro-  
testaute, em Marselha, que tinha feito na  
vespera a sua abjuração nas minhas mãos.  
Eu estou cheio de consolação; e de facte,  
á vista de todas éstas misericordias do nosso  
hom Jesus, *superabundo gaudio!* e entre-  
tanto sempre muito doente da minha cabe-

ça e dos meus nervos; e estes soffrimentos não são as menores de *minhas alegrias!* eu espero soffrer por Jesus até o meu ultimo suspiro. Mandam-me para Hyères durante todo o mez de junho, para seguir um tratamento, e então occupar-me-hei com as minhas composições musicaes, se a cabeça me repousar um pouco.

« Nosso Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial terá a satisfação de vos ver um *pouco mais cedo*. Tenho-lhe inveja, S. Rev.<sup>ma</sup> reuniu-se-me em Marselha na sua volta de Roma com os resultados mais gloriosos para o Carmelo de França. . . . .

« Rogae a Jesus e Maria por vosso muito pobre servo

FR. A. M. DO SS.<sup>mo</sup> S.



9.<sup>a</sup> CARTA.

A M<sup>...</sup>

P. C. Tudo por Jesus.

« Castebelle par Hyères (Var), 6 de junho  
de 53.

« Meu charo Sr. e muito amado irmão em  
Jesus;

A divina Eucharistia seja nosso amor e  
nossa ventura!

« Ja teria mandado o que tivestes a bondade  
de-me pedir, se não me achasse tão fraco e  
tão doente. Sim, eu soffro, mas gôsto de  
soffrer. Oh! como é doce padecer por Je-  
sus! padecer por amor de Jesus! — Posso  
dizer-vos, aqui para nós, que a minha feli-  
cidade tem augmentado muito ha dous an-  
nos para cá.

« D'antes eu estava sempre sobre o Tha-  
bor, inundado de consolações; mas falta-  
vo-me alguma cousa, ainda meus labios não  
tinham tocado no caliz das amarguras do  
nosso Jesus, e ardia em sêde. . . sêde de  
soffrer em amor com o meu Jesus! Ora, ha

dous annos, que não tem passado um dia sem eu beber deste divino fel, e gósto apaixonadamente delle. Possa eu ficar até o ultimo suspiro sobre o Calvario com o meu Salvador! não desejo mais nada; e atrevo-me a dizer que góso algumas vezes mais com os padecimentos, que n'outros tempos com as consolações divinas.

M. C. teve de vos escrever uma longa carta: d'aqui a pouco a receberéis. Deixai-me encurtar a minha, porque deu-se-me ordem de ter cuidado nesta miseravel saude, que recalcitra com a menor fadiga e m'impede muitas vezes de vos escrever, mesmo uma linha que seja.

« Temos o insigne favor de possuir o Santissimo Sacramento aqui na casa!! que não possa eu estar com elle de dia e de noite!

« Amemos a Jesus. Este é o grande segredo de ser feliz.

« Peço-vos que me acrediteis, em Jesus e Maria,

« Vosso muito indigno servo

Fr. A. M. do SS.<sup>mo</sup> S.

10.<sup>a</sup> CARTA.

A M...

P. C. Tudo por Jesus.

«Castebelle par Hyères (Var), 23 de junho de 53.

« Meu charo Sr. e amigo por Jesus,  
« Viva a cruz de Jesus!

Aqui estou *resignado* sobre a cruz, e estou bem contente, eu vol-o confesso. Sim! minha ventura augmentou, augmenta todos os dias, depois que humedeci meus labios no caliz das dores. Não é nada soffrer por Jesus, em união com Jesus? oh! é delicioso!.....

« Mandam-me aos Pyreneos até 10 d'agosto; mas restabelecer-me-hei eu?... Neste momento estou estendido sobre uma encher-ga com uma forte erupção na perna, desde o pé até ao joelho estou coberto de chagas vivas. . . . Serei obrigado a dirigir-me a cur-tas jornadas a Bagnères-de-Bigorre, aonde conto chegar a 9 de julho; e irei hospedar-me na casa das boas carmelitas.

« Estimo bem que o Sr. Padre Desquettes se lembre de mim, bem como os Srs. Walsh, e Asnarez.

« Ai de mim ! estou algumas vezes cinco dias sem poder escrever uma linha, o que me priva d'escrever a tantas pessoas que tem tantas bondades com um miseravel como eu sou. Gostei muito de que travasseis conhecimento com o Sr. Moreau que amo e estimo muito: E' um perfeito christão. Minha irmã sentiu muito não vos ver em Pariz ; ella acaba de escrever-me uma carta admiravel. . . . .

« Estou aqui n'um paiz d'uma belleza encantadora. Figurai-vos o clima d'Hières, um jardim á borda do mar, um formoso valle, amparado do vento norte por uma cadeia de montanhas em semi-circulo, cuberto d'oliveiras, laranjeiras, pinheiros mansos e amendoeiras. Duas magnificas palmeiras se lançam para as nuvens do pe da solitaria casa que habito. Dir-se-hia que estamos em pleno Oriente. No fundo do valle, o mar mais azul que o Ceo, e no mar, lá ao longe, essas tão bellas ilhas de ouro, tantas vezes cantadas pelos poetas ; um côro de rouxinoes infatigaveis que de dia e de noite, nos embalam com seus concertos, e depois

no meio desta admiravel natureza, aqui mesmo ao pé de mim, bem perto da palha em que estou estendido, uma capellinha, e nesta capellinha um sacrariosinho, e neste sacrario. . . . elle, Jesus! nosso amor, que veio encerrar-se alli muito expressamente por amor de mim, durante a minha residencia nesta solidão embalsamada. . . . Oh! quantas acções de graças tenho que dar a este charo Jesus!

« E além disso, cuidados admiraveis, incessantes, cheios de caridade. Confessai, que se Jesus quizesse sarar-me, aqui ha tudo o que é necessario para restituir, sem milagre, a saude a um moribundo. E comtudo a minha saude não avançou um passo, e estou quasi chegado ao fim do meu tempo de demora nesta terra. Devo partir a 1 de julho. . .

« Estão-me ralhando porque escrevo ha muito tempo, dizem que isso me faz muito cançasso. . . .

« Não tenho podido escrever uma só linha de musica. — Incapacidade completa. — A vontade de Jesus é o meu paraizo.

« Todo vosso em Jesus e Maria.

« Vosso indigno servo

FR. A. M. DO SS.<sup>mo</sup> S. Carmelita descalço.

« Oraí por mim. »

11.ª CARTA.

A. M.<sup>mas</sup>

P. C. Tudo por Jesus.

« Bagnères-de-Bigorre, 15 d'agosto de 53.

« Requiem eternam dona ei, Domine (\*).

« . . . . . Cheguei de Tarbes sem forças e minha saúde não está agora melhor do que estava quando me mandaram a Montpellier. Seja isso para maior gloria de Jesus; faça-se a sua vontade, e adoremos seus decretos.

« Orei hoje especialmente por uma alma que vos é tão cara; mas posso assegurar-vos que desde o mez d'agosto do anno passado em que vossas lagrimas correram sobre o meu seio, não deixei passar um só dia sem collocar ésta alma querida no *memento* da minha missa; bem que possamos esperar que ella não tem necessidade disso. Mas que importa? ella nol-o pagará no Ceo, e centuplicado. Nestes dias passados visitamos a an-

(\*). Esta data allude a um-anniversario de leto.

tiga abbadia dos beneditinos em *Escala-Dieu*, que pertence agora ao Sr. Nérac. Este Sr., ainda que protestante, fez-nos as honras della com muita graciosidade. Fallamos repetidas vezes de vós, porque sei que viestes a *Escala-Dieu*, cuja terra pisei com mais alegria por causa de vossa chara lembrança.

« Meus respeitos a Soror Maria de Jesus.

« Em Jesus e Maria,

« Vosso indigno servo

FR. A. M. DO SS.<sup>mo</sup> S.

## 12.<sup>a</sup> CARTA.

A M...

P. C. Tudo por Jesus

« Carcassona, 29 de Janeiro 54.

« Meu charo Sr., e amigo em Jesus,

«... Venho recordar-me á vossa caritativa lembrança. Parece que o inverno, tão rigoroso para os pobres, retardará alguma cousa a obra de nossa igreja de Bordeus. A vontade de Jesus seja feita! Penso que recebestes cartas de meus interessantes neo-

phitos; creio que para a Paschoa se baptisarão, e que eu me acharei presente. . . . Devo tambem depois da quaresma, que prégo em Pamiers, fazer uma viagem a Pariz, onde farei um sermão em S. Sulpicio, a 24 d'abril. . . . Nos principios de maio estarei no Brousey.

« Recommendai-me ás boas orações de vossos amigos, e não me esqueçais nas vossas. Eu sou bem pobre.

« Todo vosso em Jesus e Maria.

« Vosso muito indigno servo

FR. A. M. do SS.<sup>mo</sup> S. *Carmelita* *descalço*.

Poderíamos fazer seguir éstas cartas d'alguns escriptos relativos ás numerosas conversões operadas pelo Rev.<sup>o</sup> Padre Agostinho; mas motivos que o leitor adivinhará facilmente inspiraram-nos uma extrema circumspecção. Parece-nos comtudo que não teria inconvenientes fazer conhecer tres das recentes cartas que jovens israelitas dirigiram áquelle que está abrazado em tão alto grão d'uma se communicativa e ardente pela adoravel Eucharistia. Ellas parece terem tido dictadas por aquelle mestre que *sabe tornar eloquente a mesma lingua das crianças, ainda de mama.*



«... 9 de junho de 53.

«Meu charo Padre,

«A esperança que trago ha um mez de receber carta vossa tem-me obstado a escrever-vos, e servir-me deste unico meio que me resta de me approximar de vossa pessoa. Não podeis crer quanto estou inquieto pela vossa saude; porque este silencio para comnosco, tão longo, indica-me assaz que algum negocio grave, ou indisposição vos occupa, e por isso vos supplico que nos deis quanto antes noticias vossas; poucas linhas que sejam recebeld-as-emos com prazer. Oh meu Padre! que-vos direi senão que o meu coração tem sempre mais e mais sêde da agua baptismal! Como será bello para mim o dia em que elle poderá, para assim explicar-me, embriagar-se nella! Como será agradavel poder exclamar: «Sou *Christão!*» E como tarda este dia a chegar! como correm vagarosas as horas á vista do meu desejo! Não é verdade que pedireis ao bom Deus para que este dia affortunado amanhe-

ça bem depressa a nossos olhos? Mais eu fluctuava na incerteza antes de vossa chegada a. . . ., mais agora nado n'um oceano de luz.

« Li, e fiquei mais convencido que nunca; reflecti, e vi que não ha ventura senão na religião, nem salvação senão no culto de Jesus Christo. O que d'antes me parecia um fardo penivel, agora parece-me um dever agradável e dôce de cumprir. Com effeito, os prazeres da religião tem um attractivo tão suave e tão novo! a alma é sempre tão joven para os gozar! e o tempo, em vez de os enfraquecer, dá-lhes cada dia tanta vivacidade! ah! sim! quando tenho desempenhado bem os meus deveres, que sentimento puro e tranquillo se estende sôbre todo o meu ser! elle espalha um prazer consolador sôbre estes momentos em que minha alma, que nenhuma impressão viva é capaz d'encher, que nenhuma paixão preoccupa, se abandona a uma molle melancolia e deixa os pensamentos do futuro errarem placidamente diante de si. . . . O futuro. . . . oh! como elle agora me parece bello! . . . Com que agradável colorido se offerece ás minhas vistas! . . . »

« Dai-me licença de contar-vos as nossas

ocupações a respeito de religião. Fazemos todas as semanas sette a oito paginas d'instrucção religiosa; decoramos cinco capitulos de cathecismo com uma ou duas orações; M. R. . . . é a bondade em pessoa para com-nosco; vemo-nos, como sabeis, uma vez por semana, e vossa lembrança preside continuamente a éstas lições; mas fazei com que seja bem depressa a vossa pessoa.

« Eu vos abraço. Vosso dedicado filho, N. »

II.

« Julho de 53.

«. . . . . Repetidas vezes, meu Padre, quando as sombras reinam sôbre a terra, creio distinguir-vos no meio d'uma luz fraca; fallo-vos como se pudesse ouvir-vos; deleito meus cuidados por ésta dôce e cruel illusão; e quando me apercebo de meu erro, reclamo-vos á noite, reclamo-vos ao dia. Desejo tornar a ver-vos para extrair de vossas palavras assumptos dignos de serem meditados em silencio; porque á vossa voz, os ceos, essa futura herança que vos espera, abrem-se para assim dizer, e deixam-me entrever todos os gozos que ali se disfructam: á vos-

sa voz tudo se purifica, tudo se embellece, tudo se engrandece, a convicção exprime-se em vossos pensamentos, e a persuasão corre de vossos labios.

— « E quem, meu Padre, não desejaria estar ao pé de vós, que tendes o talento de lançar nos corações as secundas sementes da virtude? Eu bem sei que a virtude não é uma sciencia que se aprenda com tantos preparativos; bem sei que para ser virtuoso, basta querer selo, e que tudo está feito desde que ha essa vontade; mas quando se ouve um homem que pratica a virtude d'uma maneira edificante, sentem-se algumas destas commoções que se chamam por excellencia serie de sentimentos, e cujo primeiro effeito é produzir em nós um vivissimo movimento d'alegria, e o segundo fazer-nos verter lagrimas;—e éstas lagrimas, meu Padre, Deus conta-as. Nossa alma então simultaneamente se regosija por entrever a celeste patria, e s'entristece por estar d'ella ainda exilada.

E' isto o que sinto quando estou ao pé de vós; o que desejaria sentir de novo, uma ventura que espero me concedereis vindo aqui, ou ao menos escrevendo-me. Eu não ignoro, meu Padre, que fallo a um homem cheio de dores, e demais a mais muito oc-

cupado, que não está em estado de me responder, e muito menos de fazer uma jornada: mas o que não se fará por ovelhas perdidas? « Eu me arrastaria de joelhos até ao fim do mundo para procurar a salvação de um de meus irmãos. » Pois bem! mostrai-vos, meu Padre, tão fiel á vossa palavra, como vos mostraes fiel ás palavras de Nosso Senhor. . . . . Vinde fortificar minha alma; vinde julgar do effeito que produziram as excellentes rasões de M. R. . . Vinde ver, n'uma palavra, se vamos bem pelo caminho da verdadeira vida. Tenho pois o direito de contar com a vossa resposta e com a vossa chegada; e eu conto com ellas, espero ver-vos ainda mais de mil vezes antes que meus desgraçados irmãos possam ver o Messias descido á terra.

« Abraça-vos com todo o coração

« Vosso dedicado-filho

N. »

### III

« Bom dia, meu nome é Dom Augustino

Agosto de 53.

« Ha oito dias que terieis as nossas car-

tas se a visita que fizemos a S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

não me levasse a rasgar a minha; eu quiz

começal-a de novo para vos annunciar uma boa nova.

« Assim como nos nossos paizes se costuma cantar um *Te Deum* assim que se alcança alguma victoria; da mesma fórma poderemos bem depressa cantar um, por termos destruido completamente os designios do demonio. Vós comprehendeis, bom Pae; ah! dai comnosco graças ao Senhor, porque para o mez que vem nos recebe na sua Santa Igreja. Ainda alguns dias e tudo ficará consummado! como este mez é comprido para a nossa impaciencia! Bem depressa conheceremos todo o valor do baptismo, a consoladora verdade brilhará a nossos olhos em todo o seu esplendor, e nos mostrará os Ceos aonde o amor nos chama. A Cruz que teremos nas mãos, que apertaremos sôbre os labios e sôbre o coração, despertará em tropel no nosso espirito lembranças de misericordia, fortifical-o-ha, o animará, e entercerá.

Bom Pae, em nome de Deus omnipotente que nos creou, em nome de Jesus Christo, filho de Deus vivo que padeceu por nós, em nome do Espirito Sancto de quem vamos receber a effusão, vinde assistir ao nosso baptismo; vós vos alegrareis com a nossa

alegria, quando fugirem todos os espiritos de malicia, e não ousarem tocar duas ovelhas resgatadas pelo sangue do Salvador, quando o Christo, crucificado e morto por nós, nos livrar dos supplicios e da morte eterna: então, nesse momento ineffavel, caireis de joelhos comnosco, e juntos exclamaremos: «Deus de bondade, se fazes apparecer o teu poder regulando o curso dos astros, mostra-te ainda mais poderoso regulando meu coração e submettendo-o para sempre ás leis de tua adoravel magestade.»

«Vós vireis, não é assim? vós amais-nos muito para recusar. Ouvi: Ha no Ceo, diz Chateaubriand, um poder divino, companheiro assiduo da religião e da virtude; elle ajuda-nos a supportar a vida; ainda que seus olhos estejam cubertos d'uma venda, suas vistas penetram o futuro: a *Fé* e a *Charidade* lhe dizem! «Minha irmã!» Ella chama-se *Esperança*. . . . E eu espero.

N. »

Que unção e que força ao mesmo tempo nesta linguagem! Ah! se o amor não tem senão uma linguagem, como tão a proposito disse o Rev.º Padre Lacordaire, e fallando-se sempre esta linguagem nunca se repete;

não é verdade igualmente que os gritos d'ado-  
ração da Santa Eucharistia retinem sem in-  
terruptão aavez dos seculos, e comtudo não  
envelhecem nunca? Porque? porque Jesus-  
Christo em pessoa reside nas almas que fa-  
zem ouvir ao mundo esses gritos! e, cousa  
notavel, parece que o divino Mestre escolhe  
de preferencia para éstas offuscadoras mani-  
festações, as creaturas mais humildes e as  
mais expostas ao desprezo deste mundo or-  
gulhoso de tantas falsas grandezas. N'outro  
tempo era a escrava Blandina succumbindo  
a um horrivel martyrio, ao mesmo tempo  
que o nome de Jesus-Christo saía ainda de  
seus labios com o derradeiro suspiro; ou en-  
tão a joven Catherina de Senna, filha de  
um tintureiro, os mais simples discursos da  
qual obrigavam os peccadores a mudarem  
de vida. Hoje, são: Maria Eustella, modesta  
costureira de Saintes, e o judeu Hermann  
que vem despertar, com os accentos apaí-  
xonados do mais puro amor, uma geração  
amodorrada pela indifferença.



X

**Noticia sobre a Ordem e os Religiosos do Carmelo.**

Tinha sido o nosso designio escrever e collocar aqui um ensaio sôbre a historia da Santa Virgem ou do Monte-Carmelo, sôbre o santo habito ou escapulario, sôbre a vida dos frades e freiras carmelitas, enfim, sôbre a terceira ordem secular; mas esse trabalho foi ha pouco feito e publicado pelo Rev.<sup>o</sup> Padre Aleixo-Luiz de S. José, que tambem deixou uma brilhante posição na clericatura para revestir-se com o habito dos carmelitas descalços. Convidamos portanto o leitor a ler essa obra, escripta com tanto saber e elegancia, e que não pôde deixar de ser consultada por todos aquelles a quem interessa esta santa ordem. Extrairemos comtudo algumas linhas ou fragmentos della, que mais se adaptam ao nosso objecto:

« Elias foi sempre honrado e olhado pelos carmelitas como o fundador e primeiro patriarcha da sua ordem, tradição que a Igreja respeitou, pois que a sua estatua se achã

em Roma na Igreja de S. Pedro, entre as dos fundadores das ordens religiosas. . . . . Todos sabem que este propheta habitava no Carmelo, alta montanha da Palestina, e que teve a Eliseu, outro propheta, por discipulo e successor. . . . . Mais tarde Santo Alberto, patriarcha de Jerusalem, deu uma regra escripta aos religiosos solitarios que habitavam o mesmo logar, e que por esse motivo eram chamados, os *Irmãos da bemaventurada Virgem Maria do Monte-Carmelo*.

« No duodecimo seculo reuniram-se em ordem religiosa propriamente dita. Os soberanos Pontifices confirmaram-lhe este titulo e conferiram-lhe preciosas indulgencias. . . . . A ordem recebeu um novo brilho pelo milagre de S. Simão Stock, e pela apparição da Santa Virgem a ésta santa personagem, que morreu em Bordeus em 1265 com mais de cem annos de idade. . . . .

« Em 1442 teve logar o estabelecimento das religiosas carmelitas, e no 16.º seculo appareceu Santa Thereza que com tamanho successo trabalhou na reforma do Carmelo. . . . . A' illustre reformadora não tardou a reunir-se S. João da Cruz, e desde essa epoca tornou-se florescente no mundo inteiro o estado do Carmelo. . . . . Depois de diver-

sas vicissitudes ou perseguições, tornou-se a sua ordem um dos mais bellos ornamentos da Igreja: a propagação da confraria do santo escapulario, e a restauração da ordem de Maria collocaram-na em bases que serão inaballaveis. . . . . »

« Existem em França mais de 60 conventos de religiosas carmelitas; e a fundação dos carmelitas descalços, feita pelo Rev.<sup>o</sup> Padre Provincial Domingos de S. Jose, conta ja além do noviciado de Rions, hospícios ou conventos em Agen, Carcassona, Bordeus, Montigny proximo de Vesoul, Montpellier, Pamiers, Bagnères-de-Bigorre.

« O Carmelo é contado entre as grandes ordens mendicantes da Igreja. O pessoal dos mosteiros compõem-se de religiosos ou padres, e de conversos ou irmãos . . . Todas as casas da congregação dependem do Preposito-Geral; todos os conventos da provincia são subordinados ao provincial, e cada mosteiro tem seus superiores particulares. . . Todos os cargos são d'eleição, e cada religioso faz voto expresso de não os sollicitar. . . . Ha em cada provincia um noviciado para a preparação á profissão, onde se passa um anno ou dous antes de ser admittido aos votos solemnes e irrevogaveis. D'a-

li passa-se ao collegio para seguir por dous annos os estudos superiores de philosophia, e por tres annos o curso de theologia.

« Os carmelitas-descalços, depois de terem completado a sua instrucção e recebido as ordens, applicam-se e entregam-se á oração, á penitencia, aos officios e canto do côro, á celebração da missa, á prêgação, á composição ou obras d'arte, ao estudo das linguas, e ás missões estrangeiras.

« A regra do Carmelo é austera, mas todos que a ella se submettem não tardam a sentir os seus effeitos salutaes e gosam mesmo d'alegrias que as festas animadas do mundo não podem dar. . . . Os religiosos desta ordem não usam de roupas brancas; fazem abstinencia todo o anno, e jejuam toda a semana desde 14 de settembro até á Paschoa, e no resto do anno ás sextas feiras. . . . Não trazem meias nem sapatos, mas somente sandalhas. . . . Dormem sôbre taboas com tres coberturas de inverno e duas no estio. . . . Levantam-se á meia noite para matinas, e só ás duas horas é que se tornam a deitar. Todos os dias, de manhã e á noite, tem uma hora de meditação; tomam disciplina tres vezes por semana; guardam o mais absoluto silencio desde completas, á noite, até ao

outro dia depois de prima ; no decurso do dia não fallam nunca (fora do tempo da recreação) sem licença e necessidade. . . . Cada um conserva-se escrupulosamente na sua cella, e leva-se o espirito de obediencia até a pedir licença para beber agua ; de pobreza, até a fazer o mesmo para dar uma folha de papel de peso ; de castidade, até a privarem-se de se abraçar na volta das viagens, apezar da mui grande afleição que tem uns pelos outros os religiosos do Carmelo reformado. E' desnecessario dizer que tudo isto é temperado pelo espirito de doçura e caridade, principalmente a respeito das constituições menos fortes, e mais particularmente ainda em caso de doença.

« Emfim, o habito da Ordem compõe-se essencialmente da tunica e do escapulario por cima, ambos de côr carmelita, e sôbre isto d'um manto branco e capuz. » Tal é a ordem em duas palavras ; taes são os homens que lhe votam sua existencia e a quem se pôde justamente applicar ésta passagem da *Imitação de Jesus Christo*: « Elles saem raras vezes, vivem no retiro ; nutridos mui pobrementé, grosseiramente vestidos ; trabalham muito, fallam pouco, velam muito tempo, levantam-se de madrugada, prolongam

suas orações, leem frequentes vezes, e guardam em tudo nma exacta disciplina (\*)'. »

Seria superfluo entrar aqui longamente na refutação dos ataques dirigidos contra as ordens religiosas (\*\*), e particularmente con-

(\*) Livro 1.<sup>o</sup>, cap. XXV, e 8.

(\*\*) É notavel que os inimigos e detractores destes institutos são, em toda a parte, na sua immensa maioria ou homens de quem se póde dizer o que dos primeiros protestantes dizia Erasmo: « tem invariavelmente na bocca éstas palavras sacramentaes: Evangelho, Palavra Santa, Deus, Fé, Christo, Espirito Santo, e contudo vejo que a maior parte se conduz de modo que não podem deixar d'estar possessos do demonio: » ou são echos irracionaes e ignobeis das diatribes destes. Com effeito o que allegam contra as ordens religiosas!

« Que são estados no Estado. » E diziam isto os adeptos das associações secretas, verdadeiros estados no Estado, tanto mais perigosas e maleficas, quanto são mais damnadas as doutrinas, mais occultas as praticas, mais hypocritas os meios que empregam para estabelecerem sua preponderancia.

« Que attacam a liberdade por votos irremissiveis. » E diziam isto os que decretam sacrilegos e sanguinarios juramentos em que impõe a pena de morte nos que abandonam os seus clubs; e que só conhecem a liberdade do suicidio, e de todos os crimes!

« Que são escolas de immoralidade. » E diziam isto os devassos e immórtaes, que não respeitam nem o thalmo nupcial, nem o casto leito da innocente donzella; que mutuamente se accusam dos crimes mais torpes ou mais ferozes para desacreditarem aquelles de quem invejam as posições; e que dão a sua protecção aos assassinos mais ferozes.

« Que são escolas de ociosidade. » E diziam isto os

tra as que praticam a vida de oração e de solidão. Comtudo, sempre faremos observar que a ésta vida se une a vida activa; quando mais não fosse, a da confissão, da celebração dos santos mysterios e da prédica, e accrescentaremos que muitas vezes nos tem admirado a affouteza de certos homens, quando perguntam de que serve um carmelita, um trapista, um cartuxo, ou quando affirmam que tal gente é inutil á sociedade. A tão extranhas opiniões expressadas com mais ou menos estouvamento ou má fé, temos tido

que não sabem viver senão á custa do orçamento, ou pela folha da policia secreta, a quem vendem a sua penna e a sua consciencia!

« Que alimentam a mendicidade. » E diziam isto os que com as suas rapinas e malversações encheram seus cofres, e engrossaram ás dezenas de milhar as listas dos mendigos!

« Que desfaleam a população. » E diziam isto os que vem com olhos exulos uma emigração espantosa de homens, que vão affrontar a morte em climas inhospitos para não morrerem de fome na sua patria; se é que muitos delles não ganham grandes lucros com essa especulação immoral!

« Que são um perigo permanente, para a paz publica. » E diziam isto os homens que fazem uma revolução cada dois annos para conquistarem pingues posições sem merito algum, e que levam o cinismo a dizer, quando se vem de posse dellas, que não foi outro o seu fito; e que para isso roubaram a uns a honra, e a outros a vida, e a fortuna!

a vontade de oppôr est'outra pergunta, mui simples e comtudo decisiva: Ha um Deus? Este Deus é omnipotente e soberano Senhor dos homens e das cousas deste mundo? Quando um grande infortunio ou perigo de morte proxima ameaça qualquer familia d'uma catastrophe ou d'uma perda irreparavel, qual é o membro mais util da familia, não é aquelle que, mais fiel no serviço de Deus, e estando por consequencia mais na sua graça, o implora com mais pureza, fervor e constancia? E se a desgraça, que se temia, não

« Que impõe tributos aos povos com os seus peditorios. » E diziam isto os que nos seus clubs exigem a cada um tributos de mais de quatro mil réis por anno; e que fazem peditorios para todo, até paramonumentos sumptuosos a heroes clubísticos!

« E, finalmente, que não são necessarios á Religião. » E diziam isto os que não ouvem missa, nem se confessam, nem praticam aclo algum de Religião, do que chegam a fazer gala; e entram nas Igrejas, quando a curiosidade os leva ahí, como entram os cães

Applicando ás ordens religiosas em geral o que Voltaire escrevia dos Jesuitas, pôde affontamente asseverarse: « que ellas são innocentes do que se dizia contra ellas, e culpadas do que se não dizia (de serem a milicia da Igreja): e applicando á accusação o que o mesmo escriptor dizia das que Pascal e Nicola fizeram áquelle benemerita corporação, pôde com segurança affirmarse: « que não se tratou de ter rasão mas d'enganar o publico. »



chega, não é a elle que se dirigem as acções de graça? Ora, se isto é assim para um facto unico ou individual, não poderá depender a salvação d'um paiz inteiro da melhor oração que sóbe da terra aos Ceos? Além disso, n'um ponto de vista mais apreciavel áquelle que não tem as luzes da fé; quem se empenha em saber ou em verificar em que é util á sociedade um religioso do carmello, não tem mais que olhar em derredor de si, e ver qual é a pessoa que se constitue com mais interesse e assiduidade a providencia dos pobres e das crianças, que visita e consola mais doentes e moribundos, que pacifica mais inimisades, arranca mais victimas á paixão e ao vicio, concorre mais, n'uma palavra, á boa ordem individual, e mesmo geral.

Depois, sob um outro ponto de vista e do duplicado aspecto da liberdade que tem cada um de adoptar o genero de vida que lhe convém, e dos fructos que produzem tantos saltares exemplos d'humildade, de docura, de dedicação ao proximo; ouça-se um destes habitantes do claustro, defendendo seus irmãos, mais que a si mesmo, das injustas arguições d'um certo mundo sempre disposto á condemnar quem quer que tem o defeito de fazer, e de valer mais que elle:

Sobre a pratica da obediencia, exclamava ha pouco n'um pulpito do Carmelo, o padre-noviço de que ja temos citado algumas linhas; sobre a pratica da *obediencia*, por ex.<sup>ta</sup>, sabeis que aos nossos superiores só fallamos de joelhos, isto é, como se fosse ao mesmo Deus? Sabeis que dobramos o joelho diante de sua cella, mesmo quando estão ausentes della? Sabeis que uma observação insignificante seria uma falta grave, e punida, como tal, severamente em público? Que vos direi a respeito da *castidade*? Apalpaes nossos leitos de taboas, e nosso grosseiro vestido? Vedes nossa meza habitualmente tão frugal, onde se guarda sempre a abstinencia, e se observa durante oito mezes em cada anno o mais austero jejum? Ides aos conventos das nossas irmãs sondar a profundidade destas grades multiplicadas em que se emprega o mesmo ferro? Entraes nos nossos loucutorios onde o religioso mesmo o mais provado não pôde apparecer á porta meia aberta sem um companheiro? Onde podem achar-se as occasiões da queda?... Onde o alimento das paixões?... E quanto á *pobreza*, vêde o nosso calçado, sabeí que nas nossas cellas, não podêmos ter mesmo uma simples imagem encaixilhada no pau mais

commum; que para comer não usamos do ferro nem do vidro mais grosseiro; que não temos para nosso uso *particular* e exclusivo nem uma simples toalha de mãos, e que se viu a nobre Luiza de Borbão, por exemplo, levar as suas reaes mãos, quando lhe chegava a sua vez, a um unico pedaço de tēla posto pela pobreza para uso da santa familia! (\*) »

Emfim para explicar uma das austeridades contra as quaes declama com força um seculo tão prodigiosamente encantado de suas descobertas e de seus progressos na vida sensual; seja-nos permittido citar um factó que fará talvez sorrir de compaixão a mais d'um espirito forte, mas provocará, estamos certos disso, um enternecimento *sympathico* em todos os corações rectos e generosos.

No anno de 1851, um pobre padre, hoje empregado na igreja de N. Senhora das Victorias, tinha empreheudido uma viagem

(\*) E são éstas, e outras religiosas como éstas, que em 1834 resistiram á diabolica perseguição das seducções (com a fome e a miseria actuacs constratando com as douradas vantagens em perspectiva) feita por aquelles que queriam despovoar éstas santas habitações para se locupletarem mais, e calumniarem ainda mais os seus institutos!

para ir ás aguas dos Pireneus, e procurar restabelecer alli a sua saude; mas peiorou do perigo na jornada. Sabendo uma noite que estava perto d'um convento do Carmelo, foi bater á porta dos filhos de Santa Thereza, e pediu-lhes para passar a noite n'uma de suas cellas; o que lhe foi graciosamente concedido. A' hora em que os religiosos costumam preparar-se a tomar um pouco de repouso sôbre as suas taboas, ouviu-os seguirem por uma comprida galeria, recitando ou psalmodiando o *De profundis*; depois, de repente, pararam e tudo ficou calado; e passados poucos momentos, uma voz lenta e melancolica pronunciou alto e vagarosamente algumas palatras sôbre as tristezas da vida e as esperanças do Ceo. O piedoso viajante sentia profundamente commovidas as suas entranhas com estes incidentes novos para elle, quando subitamente resôa, a pouca distancia de sua cella, um ruido alternado, estendido e continuo, semelhante ao das machinas de que se servem os camponeses para bater o linho: comprehendeu logo pelo canto do *Miserere* que se misturava a este ruido, que se tratava de um dos meios de mortificação pelos quaes as ordens religiosas mais severas se esforçam a domar

a carne e adquirir a perfeição da pureza. Elle sentiu então simultaneamente uma sensação de dôr pelos seus hospedes, e de confusão por si mesmo que o não deixou pregar olho em toda a noite. No outro dia de manhã, encontrando-se com um religioso, o primeiro que se lhe offereceu á vista, chegou-se humildemente a elle, e lhe confiou o terror de que sua alma estava possuida, escutando muito attentamente, e talvez com indiscreta curiosidade, a rudeza da disciplina voluntaria a que se tinham submettido seus visinhos: « Isso de pouco vale, respondeu-lhe com mansidão o piedoso habitante do claustro, e farieis mal em ter dô de nós, que sómos uns miseraveis peccadores. Entretanto posso confessar-vos que desta vez os golpes foram um pouco mais puxados do que de costume. — E porque, padre? » A esta pergunta aquelle a quem era dirigida abaixou os olhos, córou como se tivesse commettido uma falta, e retirou-se; mas não sem ter apertado ternamente a mão do novo amigo, cujos soffrimentos o tinham, á primeira vista, recommendado ao interesse de toda a communidade.

Isto foi um raio de luz para o estrangeiro; elle adivinhou a causa secreta do maior rigor

de penitencia da vespera : é que no momento da flagellação, cada um dos religiosos tinha dito no seu coração : « Senhor Jesus, um pouco mais para nós, um pouco menos para o nosso irmão ! » Soubemos, isto da boca do mesmo padre, nos logares que foram testemunhas deste prodigio d'amor e de dedicação : ao contal-o, não podia reter suas lagrimas, e com o accento mais penetrado exclamava : « Que fé ! que charidade e que santos sobre a terra ! Só uma noite passada junto delles bastou para me prender na vida e na morte a cada um destes admiraveis imitadores do seu padroeiro S. João da Cruz ; d'aqui em diante daria o meu sangue para lhes provar quanto os amo, e lhes estou obrigado. Que N. Senhor os abençõe ! Nunca me esquecerei de quanto me edificaram, consolaram e mesmo curaram ; porque não me atrevendo mais a soffrer, para assim dizer, no meio delles, realmente não soffri mais. »

Um facto tão terno não tem necessidade de commentarios ; e que se não diga que este modo de charidade pelo proximo, ou este testemunho de interesse por seus soffrimentos, por muito louvavel que possa ser em si, é ao menos sinistro, aterrorador, inconciliavel com os nossos costumes elegantes e delicados, com

as graças da linguagem e do estylo, o amor das bellas artes, a coragem brilhante e as outras qualidades essencialmente socinas: isso seria um erro repugnante e bem facil de dissipar. Por viverem na obscuridade do claustro, os discipulos muito amados de Santa Thereza, nem por isso deixam de saber mostrar-se constantemente affaveis em suas relações com as pêssoas que os visitam ou recorrem ao seu ministerio, contentes por se humilharem ou apagarem-se em proveito da vaidade de outrem, cheios d'enthusiasmo por tudo o que se faz de bem e de bello no paiz que os vio nascer, ou lhes concedeu a hospitalidade. Mais d'uma vez, com effeito, ésta mão humildemente escondida debaixo do escapulario que cobre o seu peito, compoz livros onde o agradável se une á sciencia; traçou planos, ou monumentos que descobrem o archeologo cheio d'erudição e de gosto; fez produzir ao orgão ou a outros instrumentos arrebatadoras melodias; esculpiu estatuas que mais d'um artista celebre desejaría poder dizer que eram obra sua; fez restituir o credito a imagens ou pinturas gothicas, e mesmo empunhou a espada do commando nas fileiras do exercito.—Se podeis ter alguma dúvida a este respeito, transportae-vos a um dos

conventos do Carmelo, ou mesmo sómente ao meio da piedosa colonia do Brousssey, á hora em que a recreação reúne, nas ruas de seu vasto jardim, estes amigos de Deus e da solidão. Vêde este religioso d'uma estatura ordinario, cujas feições tem uma expressão meditadora: é um padre ainda moço, que tinha no clero um logar elevado, e que chamam aqui o sabio; — est'outro mais moço, porque apenas chegou á maioridade, deixou o professorado para se fazer admirar e abençoar nos pulpitos das principaes cidades do Meio-dia; — este veio de Pariz, e depondo as dragonas d'official, tomou o habito de noviço do Carmelo, e encarregou-se de dirigir os trabalhos da nova igreja do Brousssey; de mais, decorrou-a com duas lindas estatuas de Santa Theresa e S. João da Cruz, obra de seu perito cinzel; é ainda elle que, querendo resuscitar entre nós o gosto da arte religiosa, effeitvou no vidro deliciosas figuras e tocantes orações; aquelle e seu vizinho são d'uma grande força no orgão e cantam perfeitamente no côro; e isto não é ainda tudo. . . . »

Que espectáculo o destes religiosos que ainda ha pouco eram homens do mundo, brilhando nas academias, nos circulos e nos salões, ou dignos sacerdotes em quem o clero se-



cular tinha fundado grandes esperanças! Seus hábitos estão mudados, mas seu coração e seu talento conservaram os thesouros com que o Ceo os tinha enriquecido.

Ah! todos estes mancebos na seiva da vida, com seu exterior distincto, suas vistas de fogo, seu verbo vivo e insinuador; n'uma palavra em todo o vigor e em todo o esplendor da bella idade, quando souberam domar sua alma apaixonada para a entregarem toda a Deus, não merecem a recompensa do Discipulo muito amado, a de repousarem sua cabeça innundada de graças sôbre o peito de seu Mestre?

Oh! como nos explicareis éstas metamorphoses, ou melhor estes milagres, espiritos fortes, tão cheios de vós, tão desprezadores dos outros, que, para fallar como Santo Agostinho, « procuraes a vida feliz onde nem ao menos ha vida (\*)! » Tereis sempre a temeridade de negar a causa única das obras de Deus, que não sois dignos de comprehender? Ou antes, não procurareis achar-vos a vós mesmos, perdidos e aturdidos como andaes pelos milhares de agitações do mundo? Pensai bem nisto: a graça é muito pura

(\*) Conf. liv. 4, cap. 19, v. 1 e 2.

para misturar-se aos instrumentos de vossos prazeres e de vossas obras. As nuvens ou o fumo de vossas festas não podem deixar chegar a vossos olhos o mais pequeno raio da divina claridade! A voz cujo som quebra os cedros e faz estremecer as montanhas não pôde fazer-se ouvir a vossas orelhas! Vossos labios não podiam ser humedecidos pela agua da fonte que deve correr até á vida eterna (\*). N'uma palavra, não será nunca para vós, que resoará o echo destas palavras que são o segredo de todas as conversões ou vocações religiosas desde que Abraham as ouviu pela primeira vez: « Sai de tua terra e da tua parentella, e da casa de teu pae; vem para a terra que te mostra rei, . . . , e serás bemdito (\*\*). »

Não, éstas mesmas palavras que electrizam as almas privilegiadas, nunca vós as ouvistes, e quando mesmo as ouvísseis, quem sabe se lhes responderíeis com uma blasphemias? . . . Nunca, pois, nem ao menos suspeitastes os caminhos secretos por onde o coração de Deus é do homem, podem communicar-se, quando estão d'acordo! . . .

(\*) S. João, cap. 4.º

(\*\*) Genesis, cap. XII, v. 1 e 2.

Insensatos ou desgraçados que duvidaes destas ineffaveis e misteriosas relações, e dos milagres d'amor que as acompanham, ah! ao menos tomae conta nisso, se algumas vezes ha imprudencia em crer tudo, póde haver muito maior perigo em tudo negar. . . Quem sabe (pensamento que deveria ja fazer-vos tremer), quem sabe se não estaes condemnados a comprehender tudo isso melhor que ninguem, bem depressa, ai! e ja sem remedio! . . . Quando! d'aqui a alguns mezes, alguns dias, talvez alguns instantes, quando tiver chegado a hora suprema e inevitavel, quando vossos olhos procurarem debalde agarrar tudo o que estiver a ponto de escapar-vos; quando a voz tremula de vossos parentes, de vossos amigos murmurar em roda de vosso leito palavras de desolação, quando estiverdes proximos de vos achardes face a face com aquelle que deve julgar-nos a todos. . . não tereis pezar de haverdes fechado os olhos á luz?

Ah! pois que estaes em pé e cheios de vida, concedei ao menos alguns minutos á contemplação do futuro: não espereis a hora solenne d'uma resurreição em que creram todos os povos e todos os seculos; ou do contrario ouvireis essas almas que despresastes ou desconhecestes, dirigirem-vos este lamen-

tavel e eterno adeus: « Tememos n'outro tempo de nos perdermos com vosco nos caminhos floridos do mundo, e seguimos outra via; bendito seja o instante que nos viu pedir ao deserto o caminho do Ceo, e a oração as azas da pomba (\*) para voarmos para elle! Agora estamos como n'um festim, em que nos regozijamos na presença de Deus (\*\*), e estamos bem aqui (\*\*\*)), onde todas as lagrimas se enchugam, todo o sacrificio é recompensado, todo o arrobo é eterno! . . . . Mas vós, ó nossos infelizes amigos da terra, porque não merecestes participar da fraternidade divina da nossa beatitude? Quando virá para vós o tempo de apaziguar vossa sede de crer, e vossa fome d'amar? Nunca mais, ah! nunca mais! . . . Entre nós e vós ha um grande abysmo, de sorte que se não pôde passar de cá para lá, nem de lá para cá (\*\*\*\*). » — E vós mesmos, exclamareis pela ultima vez na agitação de vossos pezares e nos apertos de vossos corações: « Eil-os alli aquelles que despresavamos e que eram o

(\*) Psalm. LIV, v. 6.

(\*\*) Psalm. LXVII, v. 3.

(\*\*\*) S. Matth. cap. 17. v. 4.

(\*\*\*\*) S. Luc. cap. 16. v. 26.

objecto de nossos ultrajés! Insensatos que fomos! julgavamos sua vida uma tolice, e seu fim um opprobrio, — e eil-os que fazem parte dos filhos de Deus, e que tomaram assento entre os seus eleitos — *Eganamo-nos portanto* (\*). »

(\*) Sabedoria, cap. 5.

FIM.



## INDICE.

Proloquio do traductor.....	<i>pag.</i>	III
Advertencia do auctor.....	α	VI
Nascimento e mocidade d'Hermann	α	1
Primeiras aspirações d'Hermann para Deus, e particularidades da sua conversão.....	α	12
Baptismo, Primeira Communhão, e Confirmação d'Hermann.....	α	25
Funda Hermann a adoração noc- turna do SS. <sup>mo</sup> Sacramento...	α	35
Vocação d'Hermann para o Carme- lo. Suas provas, seu noviciado. Faz uma viagem a Roma. Volta para o convento do Broussey, onde toma o habito. Visita de sua mãe, sua profissão, ordena- ção, e votos.....	α	42
Primeira viagem do Rev. <sup>o</sup> P. <sup>o</sup> Agostinho a Bordeus.....	α	72
Viagens do Rev. P. <sup>o</sup> Agostinho a Rions e a Agen: sua romaria a N. Senhora de Peyragude....	α	76
Viagens evangelicas, e prégação do Rev. <sup>o</sup> P. <sup>o</sup> Agostinho no Meio- Dia.....	α	92
Fragmentos de correspondencia...	α	131
Noticia sobre a Ordem e os Reli- giosos do Carmelo.....	α	103





